



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MICHEL PRATINI BERNARDO DA SILVA

**“TODO PONTO DE VISTA É A VISTA DE UM PONTO”: ANÁLISE DIALÓGICA
DOS DISCURSOS DO PASTOR PROGRESSISTA HENRIQUE VIEIRA**

JOÃO PESSOA

2023

MICHEL PRATINI BERNARDO DA SILVA

**“TODO PONTO DE VISTA É A VISTA DE UM PONTO”: ANÁLISE DIALÓGICA
DOS DISCURSOS DO PASTOR PROGRESSISTA HENRIQUE VIEIRA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba - PROLING/UFPB, especialmente à área de concentração Linguística e Práticas Sociais e à linha de pesquisa Discurso e Sociedade, como requisito Institucional para obtenção do título de doutor em Linguística.

Orientador:

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino

JOÃO PESSOA

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586t Silva, Michel Pratini Bernardo da.

"Todo ponto de vista é a vista de um ponto" :
análise dialógica dos discursos do pastor progressista
Henrique Vieira / Michel Pratini Bernardo da Silva. -
João Pessoa, 2023.
154 f. : il.

Orientação: Pedro Farias Francelino.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Discurso - Análise dialógica. 2. Discurso
evangélico progressista. 3. Discurso - Ponto de vista.
4. Pastor Henrique Vieira - Discurso. I. Francelino,
Pedro Farias. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82-5(043)

MICHEL PRATINI BERNARDO DA SILVA

**“TODO PONTO DE VISTA É A VISTA DE UM PONTO”: ANÁLISE DIALÓGICA
DOS DISCURSOS DO PASTOR PROGRESSISTA HENRIQUE VIEIRA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba - PROLING/UFPB, especialmente à área de concentração Linguística e Práticas Sociais e à linha de pesquisa Discurso e Sociedade, como requisito Institucional para obtenção do título de doutor em Linguística.

João Pessoa, agosto de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Pedro Farias Francelino – PROLING/UFPB
Orientador



Prof. Dra. Eunice Simões Lins – PPGC/UFPB
Examinador 1



Prof. Dra. Maria Ester Vieira de Sousa – PROLING/UFPB
Examinador 2

Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento - UFRN
Examinador 3



Maria de Fátima Almeida – PROLING/UFPB
Examinador 4

A Deus, pela oportunidade de vivenciar o processo de doutoramento em uma instituição pública, com ensino de qualidade;
À mainha, Mônica Batista Bernardo, pela nossa luta, pela nossa história e por ser o principal motivo dessa conquista;
Aos meus professores, sem distinção, por tudo que plantaram no decorrer da minha formação. É clichê, mas é certo: “sem vocês, não seria possível”.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado de inúmeros diálogos estabelecidos no decorrer da minha atuação no mundo como ser, ininterruptamente, responsável e responsivo. Nesse sentido, agradeço, sobretudo, a Deus, indiferente de raça, credo ou religião, pela capacidade linguística/discursiva adquirida no decorrer da graduação, do mestrado e, agora, do doutorado, cursados na Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Agradeço à minha família, especialmente à minha mãe e à minha irmã, uma vez que, nesse processo, marcado por obstáculos, angústias e indecisão, obtive ajuda, carinho e compreensão. A Théo e a Capitu, meus filhos de 4 patas, que, embora não tenham racionalidade humana, foram um afago em momentos difíceis em que escrever a pesquisa era necessário.

Agradeço ao professor Pedro Farias Francelino que, atenciosamente, me orientou no PIBID, no PIBIC, no TCC da graduação, na dissertação do mestrado e na tese do doutorado (Tenho muito orgulho de dizer isto!). Literalmente, construímos uma trajetória juntos, perpassada pelo respeito, pela consideração e pela admiração. Aprendi muito com as exposições, reflexões, leituras e orientações que, no decurso de cada uma dessas etapas, me apresentou de forma tão eficaz. Gratidão!

Agradeço à banca de qualificação e de defesa, formada, respectivamente, pela professora Ester Vieira, professora Eunice Simões, professor Ilderlândio Assis e professora Fátima Almeida, pela diligente leitura do texto e pelas sugestões voltadas à evolução do trabalho. Gratidão, em especial, à professora Ester Vieira por acompanhar, por meio das disciplinas e das repetidas bancas, meu processo de desenvolvimento; gratidão especial também à professora Fátima Almeida pelas oportunidades no GPLEI – *Grupo de Pesquisa Linguagem, Enunciação e Interação* –, pelo carinho, pela amizade e pela humanidade, característica singular sua.

Agradeço às minhas queridas amigas e irmãs, Aniely Meireles e Mábia Toscano, pela amizade, pela atenção e, especialmente, pela escuta nos momentos de conflito existencial e acadêmico; a Manassés, um amigo campinense muito querido, por todo incentivo e por todo auxílio ao longo desta etapa da minha vida; à Bruna Costa, companheira de mestrado e doutorado, que, muitas vezes, me fez companhia em longas manhãs e tardes de escrita acadêmica no ambiente de estudos de Pedro e de Fátima.

Agradeço à Janiely pela amizade que desenvolvemos a partir do IFPB. A aprovação no concurso, assim como a necessidade de conclusão do doutorado, nos aproximou bastante.

Contar contigo, nesse momento, foi muito importante. Agradeço a Eric que, após minha remoção para o *campus* do IFPB em Picuí, alegrou minhas viagens, semanalmente. Construímos uma amizade ora divertida, ora competitiva, que muito nos aproximou no último ano do doutorado. Obrigado!

Agradeço aos amigos e colegas do GPLEI, grupo de pesquisa que tive o privilégio de participar desde o mestrado. Certamente, este trabalho é fruto das ressonâncias e dos diálogos, ao longo dos anos, com cada um de vocês. À vista disso, meus sinceros agradecimentos à professora Bernadete, à professora Janiely, à professora Terezinha, à professora Júlia, ao professor Ramísio, ao professor Elías, bem como aos demais que, de alguma forma, contribuíram, significativamente, para o crescimento deste pesquisador.

Agradeço ao povo brasileiro, representado, na atualidade, pelo grande presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pelo investimento em uma educação universitária de qualidade, pelos excelentes professores que tive e, especialmente, pelas muitas bolsas de fomento que financiaram todas as minhas pesquisas acadêmicas. “Vermelhou”!!!

RESUMO

Esta tese dedica-se ao estudo do discurso evangélico progressista no contexto midiático brasileiro. Nesse sentido, buscamos investigar o processo de construção do ponto de vista do pastor evangélico progressista Henrique Vieira em *videocasts* – sobre diferentes pautas sociais – coletados nos veículos midiáticos *Instagram* e *Youtube* entre os anos de 2016 e 2020. Tomamos como objetivos específicos: propor, com base nos pressupostos teóricos de Bakhtin e de Volóchinov, uma noção de ponto de vista que subsidie a leitura dos dados desta tese; conhecer as principais visões teológicas que fundamentam os grupos evangélicos progressistas; descrever, analisar e interpretar os fenômenos linguísticos, enunciativos e discursivos que compõem o ponto de vista do pastor progressista Henrique Vieira nos grupos de pautas sistematizados e nomeados no decorrer deste estudo. Como pressupostos teórico-metodológicos, utilizamos o conjunto de obras do *Círculo de Bakhtin*, especificamente os apontamentos de Bakhtin e Volóchinov, bem como os estudos discursivos que se pautam nessa perspectiva de investigação da linguagem. A metodologia é de natureza qualitativo-interpretativista, caracterizando-se, quanto aos objetivos, como um estudo descritivo e explicativo. O universo de dados foi constituído por 18 *videocasts*, os quais foram coletados, respectivamente, nos seguintes veículos midiáticos: *Instagram* do pastor Henrique Vieira; canal do *Youtube* do pastor Henrique Vieira; canal do *Youtube* do coletivo *Esperançar*; canal do *Youtube* do coletivo *Mídia Ninja*. A leitura do universo de dados viabilizou, em virtude do critério “temática afins”, a sistematização de 3 grupos de pautas, os quais denominamos de “Justiça Social”, “Religião e Direitos Humanos” e “Política”. Para análise, selecionamos uma amostragem constituída por 2 *videocasts* que representavam cada grupo de pautas. Os resultados revelaram: 1. a presença da bivocalidade polêmica, da molduragem discursiva e do tom expressivo, fenômenos dialógico-discursivos, nos enunciados que constituíram cada grupo de pautas; 2. que o ponto de vista do pastor Henrique Vieira se constitui na relação dialógica com o discurso bíblico e com as diferenças refrações a seu respeito; 3. e que o ponto de vista do sujeito investigado tem como fundamento a justiça social, a igualdade econômica e os Direitos Humanos, temáticas associadas às Teologia da Libertação e às Teologias Contextuais.

PALAVRAS - CHAVE: Análise Dialógica do Discurso. Discurso evangélico progressista. Ponto de vista. Pastor Henrique Vieira.

ABSTRACT

This study analyzes the progressive evangelical discourse in the Brazilian media context. For this reason, it aims to investigate the process of the construction of the progressive evangelical pastor Henrique Vieira's point of view in videocasts – about different social agendas – collected in the media vehicles *Instagram* and *Youtube* between the years 2016 and 2020. Its specific objectives are: to propose, based on the theoretical assumptions of Bakhtin and Volóchinov, a notion of point of view that subsidizes the reading of the data in this thesis; to get to know the main theological ideas that underlie progressive evangelical groups; to describe, analyze and interpret the linguistic, enunciative and discursive phenomena that are part of the point of view of the progressive pastor Henrique Vieira in the groups of agendas systematized and named throughout this study. As theoretical-methodological assumptions, it is used the set of studies of the *Bakhtin Circle*, specifically the notes of Bakhtin and Volóchinov, as well as the discursive studies that are based on this perspective of language investigation. This investigation is in a qualitative-interpretative nature, characterizing itself, in terms of objectives, as a descriptive and explanatory study. The data consisted of 18 *videocasts*, which were collected in the following social media: Pastor Henrique Vieira's *Instagram*, Pastor Henrique Vieira's *YouTube* channel, *Youtube* channel of the *Esperança* collective and *Youtube* channel of the *Mídia Ninja* collective. The reading of the data allowed, due to the criterion “related themes”, the systematization of 3 groups of agendas, which we called “Social Justice”, “Religion and Human Rights” and “Politics”. For analysis, it was selected a sample consisting of 2 *videocasts* that represented each group of guidelines. The results revealed: 1. the presence of polemical bivocality, discursive framing and expressive tone, dialogic-discursive phenomena, in the utterances that constituted each group of guidelines; 2. that Pastor Henrique Vieira's point of view is constituted in the dialogical relationship with the biblical discourse and with the different refractions about it; 3. and that the investigated subject's point of view is based on social justice, economic equality and Human Rights, themes associated with Liberation Theology and Contextual Theologies.

KEYWORDS: Dialogic Discourse Analysis. Progressive evangelical discourse. Point of view. Minister Henrique Vieira.

RÉSUMÉ

Cette thèse se concerne à l'étude du discours évangélique progressiste dans le contexte médiatique brésilien. En ce sens, nous cherchons à enquêter sur le processus de construction du point de vue du pasteur évangélique progressiste Henrique Vieira dans les *vidéocasts* - sur différents objectifs sociaux - recueillies dans les médias *Instagram* et *Youtube* entre 2016 et 2020. Nous prenons comme objectifs spécifiques: proposés, sur la base des hypothèses théoriques de Bakhtin et de Volóchinov, une notion de point de vue qui sous-tend la lecture des données de cette thèse; connaître les principales visions théologiques qui sous-tendent les groupes évangéliques progressistes; décrire, analyser et interpréter les phénomènes linguistiques, énonciatifs et discursifs qui composent le point de vue du pasteur progressiste Henrique Vieira dans les groupes de directives systématisés et nommés au cours de cette étude. Comme hypothèses théoriques et méthodologiques, nous avons utilisé l'ensemble des œuvres du Cercle de Bakhtin, en particulier les notes de Bakhtin et de Volóchinov, ainsi que les études discursives qui s'inscrivent dans cette perspective de recherche du langage. La méthodologie est de nature qualitative-interprétative et se caractérise, quant aux objectifs, comme une étude descriptive et explicative. L'univers de données était constitué de 18 *vidéocasts*, qui ont été collectés, respectivement, dans les médias suivants: *Instagram* du pasteur Henrique Vieira; chaîne *YouTube* du pasteur Henrique Vieira; chaîne *YouTube* du collectif *Esperança*; Chaîne *YouTube* du collectif *Mídia Ninja*. La lecture de l'univers de données a permis, en vertu du critère "thématique connexe", la systématisation de 3 groupes de lignes directrices, que nous appelons "Justice sociale", "Religion et Droits de l'homme" et "Politique". Pour l'analyse, nous avons sélectionné un échantillon composé de 2 *vidéocasts* représentant chaque groupe de portées. Les résultats ont révélé: 1. la présence de la bivocalité polémique, du cadre discursif et du ton expressif, des phénomènes dialecto-discursifs, dans les énoncés qui ont constitué chaque groupe de lignes; 2. à ce que concerne le point de vue du pasteur Henrique Vieira se constitue dans la relation dialogique avec le discours biblique et avec les différences de réfractions à son égard; 3. Dans la perspective du sujet étudié se fonde sur la justice sociale, l'égalité économique et les droits de l'homme, des thèmes liés à la théologie de la libération et aux théologies contextuelles.

MOTS - CLÉS: Analyse dialogique du discours. Discours évangélique progressiste. Point de vue. Pasteur Henrique Vieira.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Manchete do portal Sertão 24 Horas -----111

Figura 2 – Manchete do portal Jornal G1 -----112

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO (ADD): AS PRINCIPAIS NOÇÕES QUE CONSTITUEM ESSA CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM	21
2.1 Linguagem e Interação Discursiva	22
2.2 O enunciado concreto: unidade real de comunicação discursiva	25
2.3 O dialogismo: princípio constitutivo do modo de funcionamento real da linguagem	32
2.3.1 Dialogismo no romance romanesco: o heterodiscurso	38
2.3.2 Dialogismo em <i>Problemas da Poética de Dostoiévski</i> : polifonia e bivocalidade	39
3 O PONTO DE VISTA: REFLEXÕES A PARTIR DOS APONTAMENTOS FILOSÓFICOS DO CÍRCULO DE BAKHTIN	42
3.1. Um breve percurso sobre a noção de “ponto de vista”	43
3.2. Apontamentos para pensar uma noção de “ponto de vista” em Bakhtin	46
3.3. Apontamentos para pensar uma noção de “ponto de vista” em Volóchinov	52
3.4. Uma noção de “ponto de vista” a partir de Bakhtin e de Volóchinov	56
4 CRISTIANISMO EVANGÉLICO EM CENA: DA REFORMA PROTESTANTE AOS GRUPOS EVANGÉLICOS PROGRESSISTAS	59
4.1. Um breve percurso histórico do movimento cristão evangélico	59
4.2. O pensar e o proceder dos cristãos evangélicos	64
4.3. Evangélicos progressistas: ativismo social, político e cultural	70
4.3.1. O Movimento Ecumênico	72
4.3.2. A Teologia da Libertação	73
4.3.3. A Teologia da Missão integral (TMI)	74
4.3.4. Teologias situadas/contextuais	76
4.3.4.1. Teologia Feminista	76
4.3.4.2. Teologia Negra	78
4.3.4.3. Teologia Inclusiva	79
4.3.5. Os evangélicos na política: direita e esquerda	80
5 METODOLOGIA DA PESQUISA	83
5.1. Aspectos gerais da pesquisa	83
5.2. Aspectos específicos da pesquisa	84
5.2.1. O campo de atividade humana e o gênero do discurso	84
5.2.2. O processo de coleta de dados	86
5.2.3. Sujeito da pesquisa	90
6 O PONTO DE VISTA DO PASTOR EVANGÉLICO HENRIQUE VIEIRA: UMA ANÁLISE DOS SEUS DISCURSOS À LUZ DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO (ADD)	92
6.1. Justiça Social	94
6.2. Religião e Direitos Humanos	108
6.3 Política	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130

REFERÊNCIAS	133
ANEXOS	140

1 INTRODUÇÃO

Não creio que uma ciência sem emoção seja possível. É a relação afetiva para com um objeto, que me atrai ou ameaça, que cria as condições para a concentração de minha atenção. O objeto que provocou o meu interesse se torna o ponto focal de meus olhos e inteligência, enquanto o resto do mundo passa a ter importância secundária. Foi a emoção que fez com que o objeto se constituísse, em meio a multiplicidade indefinida de objetos possíveis, como objeto do meu conhecimento. (ALVES, 2020, p. 26).

A relação com o discurso religioso, alvo de investigação nesta tese, não é recente. Por um longo período, durante o fim da infância e o início da adolescência, convivi em uma comunidade cristã católica situada no bairro em que moro, onde realizei três dos sete sacramentos ¹da igreja católica: o batismo, a reconciliação e a eucaristia. Por volta dos 17 anos, após a experiência da conversão, iniciei minha trajetória no cristianismo protestante, também em uma igreja do bairro, onde tive a oportunidade de desenvolver habilidades voltadas ao ensino e às artes em geral.

Aos 21 anos, comecei o curso de Letras, licenciatura em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde aprendi toda base que, hoje, tenho para desenvolver pesquisas científicas. Nesse contexto, participei do *Apoio Pedagógico*², do *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência* (PIBID) e do *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica* (PIBIC), projeto em que tive a oportunidade de observar, pela primeira vez, o discurso religioso em uma perspectiva científica, mobilizando o aporte filosófico do *Círculo de Bakhtin*.

Com o título *Enunciação, Dialogismo e Subjetividade em Gêneros Orais*, esse projeto, sob orientação do professor Dr. Pedro Farias Francelino, buscou refletir sobre as formas de representação do sujeito em enunciados orais acadêmicos e religiosos, especificamente nos gêneros discursivos aula e sermão evangélico. A proposta, desenvolvida por mim e por uma colega do curso de Letras - UFPB, visou investigar os mecanismos linguísticos, enunciativos e discursivos mobilizados pela instância autoral no processo de construção de sentidos no interior dos gêneros citados.

¹ Batismo, crisma ou confirmação, eucaristia, reconciliação ou penitência, unção dos enfermos, ordem e matrimônio.

² Projeto de apoio pedagógico às aulas de Língua Portuguesa, oferecido pela UFPB em parceria com a Prefeitura Municipal de João Pessoa. Na ocasião, cada estagiário vivenciava o cotidiano escolar, realizando acompanhamentos com os professores e plantões de dúvidas com os alunos.

Em 2014, com o título *Relações dialógicas em enunciados sobre a “cura gay” em Veja São Paulo e Cristianismo Hoje: uma abordagem discursiva*, investiguei novamente, em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o discurso religioso, abordando uma temática polêmica levantada pela mídia brasileira em 2013, a “Cura gay”. Em 2017, pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba - PROLING/UFPB, defendi a dissertação de mestrado intitulada *Autoria em sermões religiosos à luz da perspectiva dialógica da linguagem*, que analisou o processo de constituição da autoria em sermões ministrados por pastores evangélicos reformados brasileiros.

Após um ano e meio de conclusão da dissertação de mestrado, resolvi dar continuidade aos estudos acadêmicos, iniciando o doutorado no mesmo programa de pós-graduação da UFPB. Na época, em 2019, já havia me ausentado do contexto religioso por diversos motivos, os quais não são pertinentes a exposição aqui. Além disso, não tinha interesse em continuar minhas investigações sobre o discurso evangélico de viés tradicional e conservador. Nessa conjuntura, tomei conhecimento, por meio da mídia televisiva, da existência de grupos evangélicos que se denominavam progressistas, fato que despertou, novamente, o meu interesse pela investigação do universo religioso.

Naquele momento, pouco sabia sobre os grupos evangélicos progressistas. À vista disso, realizei uma pesquisa empírica com o objetivo de conhecê-los melhor. No decurso da investigação, descobri que o segmento, que começou a ganhar força na segunda metade do século XX, é um agrupamento cristão voltado ao engajamento social, à transformação da sociedade a partir de princípios democráticos e de respeito aos direitos humanos, dentre outros valores.

Os evangélicos progressistas, que valorizam a relação com a cultura social em que estão inseridos, priorizam discussões cujas pautas são a pobreza, a corrupção, a violência, a exploração do trabalhador, isto é, as problemáticas que consideram, de modo geral, injustiças sociais. No interior desses grupos, também é possível observar debates sobre machismo, feminismo, homossexualidade, legalização do aborto, racismo, intolerância religiosa etc., haja vista que muitos adeptos se colocam como frente de resistência ao fundamentalismo religioso.

Os evangélicos progressistas também se engajam em questões políticas, uma vez que compreendem a importância de uma visão social, em que todos possam vivenciar a caridade, compartilhando os ensinamentos cristãos. Eles, geralmente, alinham-se ao movimento político e ideológico de esquerda no Brasil e posicionam-se contra a *Frente Parlamentar Evangélica* ou *Bancada Evangélica*, um grupo parlamentar, do Congresso Nacional, constituído por políticos

evangélicos fundamentalistas³, de direita, cuja principal finalidade é articular-se contra temas como igualdade e identidade de gênero, casamento *gay*, legalização do aborto etc.

Alguns pastores evangélicos progressistas ganharam, ao longo dos últimos anos, engajamento nas mídias sociais, locais onde buscam manifestar seu ponto de vista sobre as diferentes temáticas expostas acima, bem como influenciar, socialmente, cristãos, evangélicos ou não, e não cristãos acerca dos ideais da filosofia cristã progressista. Nesse sentido, facilmente os encontramos em redes sociais (*Instagram, Facebook, Twitter, WhatsApp, Tik Tok* etc.), em vídeos veiculados por canais pessoais ou institucionais no *Youtube*, em programas de televisão etc..

Um exemplo disso é o pastor Henrique Vieira (também professor, poeta, ator e ativista evangélico) que ganhou, com um discurso acolhedor e progressista, espaço nas diferentes mídias sociais para defender o seu ponto de vista sobre os ideais cristãos. A visibilidade na militância de pautas relevantes socialmente rendeu-lhe, em 2021 – por exemplo -, um papel importante no longa-metragem mais assistido do ano, *Marighella*. Dirigido por Wagner Moura, o filme fez uma denúncia à ditadura militar, especialmente às torturas, recorrentemente, realizadas na época. Na trama, ele interpretou um frei dominicano que fez parte de um grupo de religiosos que vivenciou a ditadura militar no país de perto.

Benquisto por uma grande parcela de artistas nacionais, o pastor Henrique Vieira destaca-se pelos posicionamentos contra o fundamentalismo evangélico. Em suas redes sociais, assim como em canais midiáticos em que contribui como colaborador/colunista, o líder evangélico faz questão de se posicionar sobre casos polêmicos que ganham repercussão social; de promover matrimônio entre pessoas LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transsexuais, *Queers*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, + (demais orientações e identidades de gênero)); de manifestar apoio político-partidário aos candidatos da esquerda política; dentre outros comportamentos.

Em face do exposto, nesta tese, optamos por estudar, especificamente, o discurso evangélico progressista, porque pouco sabemos acerca dos fenômenos linguísticos, enunciativos e discursivos que caracterizam os enunciados constituídos pelos integrantes desse grupo, que, desde a segunda metade do século XX, buscam legitimação e espaço dentro de um movimento religioso em que o fundamentalismo está, demasiadamente, consolidado.

³ De acordo com Souza e Silva (2022), o termo fundamentalismo surgiu no contexto religioso estadunidense para designar uma corrente do protestantismo que se opunha ao liberalismo teológico. O emprego contemporâneo da palavra, afirmam os autores, tem sido utilizado para referir-se aos grupos com comportamentos assumidamente conservadores. Em vista disso, no decorrer deste estudo, utilizamos os termos “fundamentalistas” e “conservadores” como sinônimos.

Nesse sentido, consideramos que os discursos dos grupos evangélicos progressistas carecem de uma investigação científica no campo dos estudos da linguagem, especialmente na *Análise Dialógica do Discurso* (ADD), para compreendermos melhor a natureza do seu processo de produção. Uma breve busca em plataformas de pesquisas acadêmicas, a exemplo do *Google Acadêmico* e do *Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES* (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), revelou que as pesquisas sobre esse tipo de discurso se concentram, apenas, nos escopos das Ciências Sociais, das Ciências Políticas e das Ciências da Religião. Assim sendo, este estudo contribuirá, significativamente, para a comunidade acadêmica, ampliando a visão dos cientistas da linguagem acerca da heterogeneidade do movimento evangélico e da natureza linguística, enunciativa e discursiva dos discursos que veiculam socialmente.

No que diz respeito à questão-problema que, à frente, apresentaremos, convém destacar que o espaço discursivo evangélico brasileiro apresenta uma densidade dialógica e ideológica de vozes sociais que o constituem. Esse campo de atividade humana, que reflete e refrata a realidade à sua maneira, é atravessado pelos multifacetados pontos de vista dos sujeitos que nele se inscrevem. Os evangélicos progressistas, uma das vozes que compõem esse universo, defendem a relação intrínseca entre os ensinamentos bíblicos e as questões sociais, políticas e culturais do país. O pastor Henrique Vieira, por exemplo, é um dos líderes evangélicos progressistas que ganhou maior visibilidade midiática no decorrer dos últimos anos, em virtude dos seus posicionamentos convictos sobre pautas sociais diversas.

Em virtude do exposto, problematizamos: ao buscar legitimação religiosa, social e política perante o movimento evangélico nacional, quais os fenômenos linguísticos, enunciativos e discursivos utilizados pelo pastor evangélico progressista Henrique Vieira na construção do seu ponto de vista sobre diferentes pautas sociais, em *videocasts* publicados no *Instagram* e no *Youtube*, entre os anos de 2016 e 2020?

À vista disso, pontuamos que a vida e a linguagem se constituem um diálogo ininterrupto. Nessa perspectiva, é impossível que o sujeito constitua o seu ponto de vista sem correlacioná-lo com outros que compõem a realidade social em que está imerso. Dessa forma, defendemos a tese de que o ponto de vista do pastor Henrique Vieira sobre diferentes pautas sociais se revela, nos enunciados coletados para investigação, a partir de fenômenos linguísticos, enunciativos e discursivos, a saber: a bivocalidade polêmica, a molduragem discursiva e o tom expressivo, os quais são dialógicos por natureza.

Traçamos como objetivo geral: investigar o processo de construção do ponto de vista do pastor evangélico progressista Henrique Vieira, em *videocasts* – sobre diferentes pautas

sociais –, coletados nos veículos midiáticos *Instagram* e *Youtube* entre os anos de 2016 e 2020. Como objetivos específicos, temos: 1. Propor, com base nos pressupostos teóricos de Bakhtin e de Volóchinov, uma noção de ponto de vista que subsidie a leitura dos dados desta tese; 2. Conhecer as principais visões teológicas que fundamentam os grupos evangélicos progressistas; 3. Descrever, analisar e interpretar fenômenos linguísticos, enunciativos e discursivos que compõem o ponto de vista do pastor progressista Henrique Vieira sobre os diferentes grupos de pautas sistematizados e nomeados no decorrer desta tese⁴.

Esta pesquisa tem como referencial teórico a *Análise Dialógica do Discurso - ADD*, expressão denominada por Brait (2006) para sustentar o surgimento de uma análise/teoria dialógica do discurso, a qual explicaremos, de forma mais específica, em um dos nossos capítulos teóricos. Nessa perspectiva, a língua é resultado da interação discursiva; é um fenômeno da vida social, que não é petrificada; pelo contrário, segue a evolução da vida. Para Volóchinov ([1930] 2019, p.268), “a essência real da língua é o acontecimento social da interação discursiva, realizada em um ou muitos enunciados”, os quais, por conseguinte, não são puramente verbais, mas fundem-se com a vida social, formando um todo constitutivo, indispensável ao processo de construção de sentidos.

Para a ADD, o enunciado é eminentemente dialógico, porque é um elo da complexa e organizada cadeia de enunciados. Toda unidade real de comunicação discursiva apresenta ecos e ressonâncias de outros enunciados, uma vez que todo sujeito se constitui discursivamente apreendendo as vozes que compõem a realidade social em que está imerso. Em virtude disso, ao ouvirmos um enunciado concreto, imediatamente o respondemos, isto é, concordamos, discordamos, refutamos, polemizamos etc. ao seu respeito. De forma pacífica ou conflituosa, o dialogismo se constitui o modo de funcionamento real da linguagem

Esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativo-interpretativista, visto que busca interpretar um fenômeno de uma dada realidade social. Ela é um estudo enunciativo, uma vez que se debruça sobre a unicidade, a singularidade e a irrepetibilidade de cada enunciado concreto analisado. O *corpus* analítico, selecionado, coletado e transcrito entre setembro e dezembro de 2020, é constituído por 18 *videocasts* publicados, no *Instagram* e no *Youtube*, entre os anos de 2016 e 2020.

Após a transcrição do universo de dados, realizamos uma leitura prévia do material, a partir da qual percebemos que alguns *videocasts* convergiam ou se relacionavam no que diz respeito à temática, formando, por sua vez, uma espécie de nichos temáticos ou, conforme

⁴ Procedimento analítico que se explica à frente.

denominamos no decorrer do estudo, grupos de pautas. Após a sistematização e a organização dos três grupos de pautas, procedemos à nomeação de cada agrupamento, a saber: “Justiça Social”, “Religião e Direitos Humanos” e “Política”. À frente, em capítulo específico, descreveremos e caracterizaremos cada um dos grupos de pautas sistematizados e organizados.

A presente tese está estruturada em seis capítulos. No primeiro, apresentamos nossas considerações iniciais, abordando os principais aspectos (questão-problema, objetivos, aporte teórico, metodologia etc.) que constituem esta pesquisa. No segundo, abordamos os principais conceitos da concepção de linguagem de Bakhtin e de Volóchinov, integrantes do conhecido Círculo de Bakhtin. Nesse espaço, discutimos a noção de linguagem como produto da interação discursiva entre sujeitos socio-historicamente situados; o conceito de enunciado concreto e suas peculiaridades discursivas; a noção de relações dialógicas, polifonia e bivocalidade; e outras concepções importantes para os estudos da ADD.

No terceiro capítulo, fizemos uma reflexão sobre a noção de ponto de vista, categoria que investigamos nesta tese. Realizamos, inicialmente, um percurso cujo objetivo foi apresentar o conceito de ponto de vista para diferentes disciplinas do conhecimento. Em seguida, realizamos algumas reflexões cuja finalidade foi fundamentar uma noção de ponto de vista a partir de Bakhtin e de Volóchinov. Por fim, propusemos, a partir dos autores estudados, uma concepção de ponto de vista que fundamente a leitura dos dados coletados para investigação nesta tese.

No quarto capítulo, realizamos uma discussão sobre o movimento evangélico, da Reforma Protestante aos grupos evangélicos progressistas. Inicialmente, elaboramos um percurso histórico, de maneira que o leitor obtenha uma visão panorâmica do surgimento e da consolidação do movimento no Brasil. Em seguida, refletimos sobre os aspectos gerais que constituem a doutrina cristã evangélica e, por fim, apresentamos os grupos evangélicos progressistas e suas diversas linhas teológicas, dentre as quais encontramos o Ecumenismo, a Teologia da Libertação, a Teologia da Missão Integral e as Teologias Contextuais.

No quinto capítulo, detalhamos a metodologia utilizada para realização da pesquisa científica. Para início, apresentamos os aspectos gerais que norteiam nossa investigação. Depois, expomos os aspectos específicos da pesquisa, caracterizando o campo de atividade humana e o gênero discursivo dos enunciados coletados; a coleta, a sistematização e a análise dos dados; e, por fim, algumas considerações sobre o sujeito de pesquisa.

Por último, sexto capítulo, realizamos a análise dos dados coletados. Dividido em três momentos, o capítulo, inicialmente, apresenta as categorias analíticas selecionadas a partir de uma leitura minuciosa do *corpus* coletado e, em seguida, revela, com base nos três grupos de

pautas sistematizados ao longo da pesquisa, as estratégias linguísticas, enunciativas e discursivas que revelam o processo de construção do ponto de vista do pastor progressista Henrique Vieira nos *videocasts* investigados.

2 ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO (ADD): AS PRINCIPAIS NOÇÕES QUE CONSTITUEM ESSA CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM

[...] Pode se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheias de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. (BAKHTIN [1895-1975] 2016, p.53)

Neste capítulo, apresentaremos os principais aspectos, de caráter linguístico, filosófico, literário e discursivo, do que temos denominado, ao longo dos anos, de *Análise Dialógica do Discurso – ADD*, termo proposto por Beth Brait (2006), com objetivo de sustentar que as obras do *Círculo de Bakhtin* motivaram o surgimento de uma análise dialógica do discurso, que, no decorrer dos anos, trouxe contribuições relevantes para os estudos dos campos da Linguística, da Literatura e das Ciências Humanas.

É indispensável ressaltar que, segundo a autora, os pensadores do *Círculo* não propuseram um quadro teórico-metodológico, sistematicamente organizado, para embasar uma perspectiva cujo propósito fosse analisar discursos, como fez Michel Pêcheux, em 1969, na constituição do campo teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) que nasceu na França. Pelo contrário, eles, em um cenário soviético bastante autoritário (que evidenciava a forma em detrimento do sentido e a unicidade em detrimento da dialogicidade da linguagem), buscavam refletir e propor uma concepção de linguagem que se voltasse aos aspectos discursivos dos variados fenômenos linguísticos e literários.

Nesse sentido, em virtude da natureza singular, concreta e dinâmica da concepção de linguagem preconizada pelos estudiosos, bem como da essência peculiar do pensamento filosófico que encontramos no decorrer dos manuscritos do *Círculo de Bakhtin*, não podemos conceber a ADD como uma disciplina pronta e/ou acabada, que possui fronteiras rígidas e demarcadas. A *Análise Dialógica do Discurso* sempre estará em devir, em constante processo de constituição, em movimento permanente e progressivo de transformação e de evolução.

O *Círculo de Bakhtin* foi um grupo de intelectuais, de formações diversas (músico, biólogo, linguista, advogado, professor e estudioso da literatura etc.), que tinha um singular interesse pelas questões que envolviam a linguagem. Segundo Faraco (2009), os membros do *Círculo* se reuniam entre 1919 e 1929, inicialmente, em Nevel e Vitebsk e, em seguida, em São Petersburgo, na União Soviética. Esse tipo de configuração, voltada para formação de grupos

de discussão, tornou-se uma tradição bastante comum entre os intelectuais soviéticos do início do século XX.

Entre os pensadores que compuseram o *Círculo de Bakhtin*, estavam pesquisadores de diferentes disciplinas do conhecimento, a exemplo do professor e estudioso de literatura Mikhail Bakhtin (1895 – 1975); do músico, linguista e crítico literário Valentin Volóchinov (1895 – 1936); do historiador e teórico literário Pável Madviédev (1892 – 1938); do biólogo Ivan I. Kanaev (1893 – 1983); do filósofo Matvei I. Kagan (1889 – 1934); da pianista Maria V. Yudina (1899 – 1970); do professor de literatura L. Pumpianski; dentre outros.

Em virtude da multiplicidade de estudos que resultam desse grupo, neste capítulo discutiremos, de forma mais específica, alguns apontamentos de Bakhtin e de Volóchinov, os quais serão capazes revelar as possíveis características enunciativas do discurso religioso progressista, foco de nossa investigação. Ressaltamos também que, em nossas reflexões, incluiremos apontamentos teóricos de pesquisadores contemporâneos que trazem relevantes contribuições para os estudos da ADD, no Brasil.

Em face do exposto, buscamos organizar o presente capítulo em três seções: na primeira, abordaremos a natureza social da linguagem, evidenciando o conceito de interação discursiva proposto pelo *Círculo de Bakhtin*; na segunda, discutiremos a noção de enunciado concreto, apresentando os principais aspectos dessa unidade de comunicação discursiva; na última, discorreremos sobre o principal axioma da teoria: a concepção de dialogismo como princípio constitutivo da linguagem em situações reais (concretas) de comunicação. Dado o exposto, partimos, agora, às nossas considerações.

2.1 Linguagem e Interação Discursiva

Entre as principais contribuições que encontramos no decorrer do pensamento do *Círculo*, está a concepção de linguagem como *interação discursiva*, noção que abordaremos, inicialmente, a partir de *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* ([1929], 2018), de Valentin Volóchinov. Na obra, o estudioso, ao refletir sobre o fenômeno da linguagem, apresenta duas linhas mestras e hegemônicas do pensamento linguístico-filosófico dominante da época, que preconizam o fenômeno linguístico, respectivamente, como um ato de criação significativa individual e como um sistema abstrato e imutável de signos linguísticos.

De modo específico, a primeira tendência, denominada pelo autor de *Subjetivismo Idealista*, concebe o fenômeno linguístico como um ato de fala individual, que segue as leis da

Psicologia Individual. Nesse sentido, a língua é uma expressão da consciência, dos desejos, dos sentimentos e dos impulsos criadores de um indivíduo. Ela é, por sua vez, uma enunciação monológica, visto que corresponde a tudo aquilo que, formado e determinado no interior de um sujeito, exterioriza-se a partir de um determinado código. Para Volóchinov, um dos principais representantes dessa perspectiva foi Wilhelm Humboldt, importante filósofo da linguagem alemã.

Para a segunda tendência, denominada pelo autor de *Objetivismo Abstrato*, a língua é um sistema de signos que apresenta leis de organização próprias, as quais não dependem da consciência individual do sujeito. Nessa perspectiva, as unidades que compõem o sistema linguístico são indispensáveis umas às outras, uma vez que se complementam mutuamente. No sistema, não há lugar para leis ideológicas, visto que a língua é forma, é estrutura. Segundo Volóchinov ([1929] 2018), o principal representante dessa vertente na Linguística contemporânea foi o pensador Ferdinand de Saussure, cuja obra póstuma, organizada por seus discípulos, tem primordial valor para a ciência da linguagem.

Segundo Volóchinov ([1929] 2018), o *Subjetivismo Idealista* e o *Objetivismo Abstrato* não dão conta dos estudos da língua como um fenômeno real, concreto e dinâmico. Para o autor,

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados. (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 218, grifo do autor)

Em face do exposto, observamos que o *Subjetivismo Idealista* e o *Objetivismo Abstrato* não compreendem, em sua essência, o fenômeno real da linguagem, uma vez que visam, apenas, a dimensão interna do fenômeno linguístico, sem levar em consideração fatores externos que, para Volóchinov, são fundamentais para uma abordagem discursiva da linguagem. Nesse sentido, somente uma investigação que considere o sujeito em sua dimensão social, histórica, cultural e ideológica é capaz de compreender o processo de interação discursiva, realidade fundamental da linguagem.

Para o autor, a língua “movimenta-se ininterruptamente, seguindo em seu desenvolvimento a vida social. Esse movimento progressivo realiza-se no processo de comunicação do homem com o homem, comunicação esta que não é só produtiva, mas também *discursiva*” (VOLÓCHINOV, [1930] 2019, p. 267, grifo do autor). A natureza da linguagem é

o acontecimento social da interação discursiva, considerada por Sobral (2009, p.40) como um fenômeno constitutivo do processo de criação de sentidos.

A linguagem, portanto, não pode desvincular-se da vida real, concreta, porque se caracteriza como um evento social que se manifesta por meio de enunciados, os quais são considerados “[...] inteiramente um produto da interação social, tanto a mais próxima, determinada pela situação de fala, quanto a mais distante, definida por todo o conjunto das condições dessa coletividade falante” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 216).

Em virtude disso, os pensadores do Círculo refletem acerca da essência real da linguagem, visando, especialmente, à comunicação discursiva, que se efetiva na forma de enunciados concretos pertencentes a um sujeito socio-historicamente situado. O discurso, considerado “a língua em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2013, p.207), é o centro do interesse desses estudiosos, uma vez que, para Bakhtin,

A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical - não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciados concretos que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. (BAKHTIN, [1895 –1975] 2016, p. 38).

Conforme expresso, apreendemos a língua materna nas diversas situações reais de comunicação em que nos inserimos ao longo da nossa vivência, ou melhor, em contato direto com os enunciados concretos que resultam da interação discursiva entre os diferentes sujeitos socio-historicamente organizados. Passamos, permanentemente, por um processo contínuo de aprendizado linguístico-discursivo inerente às distintas fases da nossa existência humana.

Desse modo, neste estudo, temos por foco as manifestações linguístico-concretas, produzidas em situações reais de emprego da linguagem. À vista disso, concebemos os discursos realizados pelo pastor evangélico progressista Henrique Vieira como atos concretos e singulares, os quais são atravessados por aspectos sociais, históricos e culturais no decorrer do processo de interação discursiva. Nesse sentido, analisaremos enunciados reais, concretos e dinâmicos os quais revelam os diferentes modos/formas do pastor enxergar e dar sentido ao mundo, já que cada sujeito experencia a realidade, por meio da linguagem, de diferentes modos/formas.

2.2 O enunciado concreto: unidade real de comunicação discursiva

Na seção anterior, observamos que a linguagem é resultado do processo de comunicação discursiva efetivada entre dois indivíduos socialmente organizados. Nesta, refletiremos, especialmente, sobre o enunciado como unidade real de comunicação discursiva, uma vez que, para Bakhtin, “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana” (BAKHTIN, [1895-1975] 2016, p. 11).

Nesse sentido, o enunciado é a linguagem em pleno exercício, em processo de funcionamento concreto e real, uma vez que pressupõe a interação entre dois ou mais interlocutores (não necessariamente copresentes), que materializam suas intenções discursivas em uma dada situação de comunicação, situada em um espaço-tempo social, histórico, cultural e ideológico. Ele é, por assim dizer, a manifestação linguística concreta do projeto discursivo de um sujeito em uma situação enunciativa particular.

O enunciado é um fenômeno social, um produto da interação discursiva. De acordo com Volóchinov,

O enunciado concreto (e não a abstração linguística) nasce, vive e morre no processo de interação social entre os participantes do enunciado. O seu significado e a sua forma são determinados principalmente pela forma e pelo caráter dessa interação. Ao separar o enunciado do solo real que o nutre, perdemos tanto a chave da forma quanto do sentido, restando nas nossas mãos ou o invólucro linguístico abstrato, ou o esquema de sentido [...] (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 128).

Conforme observamos, é na interação discursiva que os possíveis sentidos de uma unidade real de comunicação discursiva são determinados; que os enunciados encontram o solo real e fértil que os nutre; que os invólucros linguísticos deixam de ser formas da língua e tornam-se formas concretas do processo de interação discursiva, as quais são únicas, irrepetíveis e singulares.

Todo enunciado concreto é um fenômeno social, uma vez que sua forma verbal entra em contato direto com a vida, viabilizando a constituição do seu todo semântico. Para Volóchinov, a “[...] palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que o seu sentido seja perdido.” (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 117). Desse modo, a vida provê o suporte necessário para que o enunciado se concretize no processo de interação discursiva entre os interlocutores da enunciação.

A palavra, vista como um enunciado concreto, é uma espécie de “roteiro” do acontecimento social (VOLÓCHINOV, [1926] 2019); é o cenário da interação discursiva, que reflete a situação e o auditório que compõem o contexto extraverbal do enunciado. Segundo Volóchinov ([1926] 2019), a vida não influencia o enunciado de fora como uma força mecânica ou uma causa exterior; pelo contrário, ela integra o enunciado como parte da sua composição semântica. Logo, verbal e extraverbal se constituem partes indissolúveis de uma unidade real de comunicação discursiva.

Em *A palavra da vida e a palavra na poesia* ([1926] 2019), Volóchinov aponta que a parte extraverbal do enunciado, também denominada de subentendido, é composta por três elementos: 1) *o horizonte especial comum* (aquilo que conjuntamente vemos em uma situação de comunicação específica); 2) *o conhecimento e a compreensão da situação comum aos dois* (aquilo que conjuntamente sabemos sobre o objeto do discurso); 3) *a avaliação comum dessa situação* (aquilo que avaliamos).

A fim de ilustrar melhor sua asserção, o autor cita, como exemplo, a seguinte situação: duas pessoas encontram-se sentadas em um quarto. Uma delas diz: “Puxa!”, enquanto a outra permanece calada. De acordo com o autor, ao observamos, de fora, essa conversa, não conseguirmos atribuir-lhe sentido, uma vez que não temos ciência do seu contexto extraverbal. Somente uma análise que leve em consideração esse aspecto pode revelar o possível sentido do enunciado ilustrado, já que a materialidade verbal, de forma isolada, é insuficiente para isso.

Para revelar, ao leitor, o possível sentido do “Puxa!” exposto acima, Volóchinov apresenta um possível contexto extraverbal para o enunciado, expondo que: 1. *o horizonte espacial comum da situação* corresponde à visão dos flocos de neve, através da janela, pelos interlocutores da situação; 2. *o conhecimento e a compreensão comum aos dois* diz respeito à informação de que o ocorrido se desenvolve no mês de maio e de que a primavera já deveria ter chegado; 3. *avaliação comum dessa situação* se refere ao fato de que os dois interlocutores estão cansados do inverno e desejam a primavera.

Em *Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado* ([1930] 2019), Volóchinov também afirma que o enunciado possui uma parte subentendida e extraverbal, sem a qual é impossível compreendê-lo. Para o autor, “nenhum enunciado - científico, filosófico, literário - pode existir sem um certo grau de subentendido” (VOLÓCHINOV, [1930] 2019, p. 286). Nesse sentido, o aspecto extraverbal é, como temos visto, parte constitutiva do enunciado, uma vez que “o sentido depende por inteiro tanto do ambiente mais próximo, gerador imediato do enunciado, quanto de todas as causas e condições sociais mais longínquas da comunicação discursiva” (VOLÓCHINOV, [1930] 2019, p. 283).

Na obra, o filósofo da linguagem também aponta três aspectos do subentendido da linguagem, os quais denomina, respectivamente, de *espaço - tempo* do acontecimento do enunciado (o “onde” e o “quando”), de *objeto* ou *tema* do enunciado (o conhecimento sobre “o quê” se fala) e, por fim, de *relação* dos falantes com o ocorrido (avaliação da situação). Esses aspectos formam a situação do enunciado/contexto extraverbal da enunciação, elemento recorrentemente discutido nos textos volochinovianos.

Mikhail Bakhtin também realizou uma densa e relevante discussão sobre o enunciado concreto no texto *Os gêneros do discurso*, escrito entre 1952 e 1953, em Saransk, capital da República Mordóvia, na União Soviética. No manuscrito, o autor desenvolveu uma reflexão cujo objetivo era diferenciar as unidades da comunicação discursiva (enunciados concretos) das unidades da língua (orações e palavras). Nesse sentido, três características são responsáveis por distinguir enunciado e oração: a *alternância dos sujeitos do discurso*, a *conclusibilidade* e a sua *relação com o interlocutor e os demais parceiros do processo de comunicação verbal*.

1) A primeira peculiaridade que distingue o enunciado concreto da oração diz respeito à alternância dos sujeitos do discurso. Todos os enunciados, desde os mais simples do cotidiano aos mais complexos (produzidos em situações de comunicação mais formais), possuem um início e um fim, pois estão diretamente relacionados aos enunciados que lhe procedem e lhe sucedem.

Tal aspecto advém da particularidade de o enunciado concreto ser uma réplica, uma resposta responsiva ativa⁵ do sujeito sobre um dado objeto do discurso, visto que sempre estamos em (des) acordo com o que foi dito. Desse modo, é comum concluirmos o nosso enunciado para “passar” a palavra ao outro, a fim de que ele emita uma resposta, uma avaliação acerca do que foi socialmente enunciado.

É importante ressaltar que a alternância dos sujeitos do discurso não corresponde a simples troca de turnos durante a conversação. Pelo contrário, é algo mais amplo, que compõe a essência do enunciado concreto. Tal peculiaridade não se aplica às unidades da língua, uma vez que pressupõe uma interação viva entre sujeitos socio-historicamente situados. E, caso se aplique em algum aspecto, não passará de uma representação convencional e hipotética do discurso.

2) A segunda peculiaridade que distingue o enunciado concreto da oração é a *conclusibilidade*. Todo enunciado apresenta um autor que, em determinado tempo-espaço, dá-lhe um acabamento relativo, uma vez que, ao dizer tudo o que quis, encerra a sua enunciação,

⁵ Abordaremos, com mais precisão, este assunto na próxima seção.

para que outros sujeitos possam avaliar, julgar e atribuir valor ao que foi dito. Essa peculiaridade, segundo Bakhtin ([1895-1975] 2016), possui três características: a exauribilidade semântico-objetal, o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante e as formas típicas da composição e do acabamento do gênero.

a) A primeira característica da conclusibilidade corresponde à *exauribilidade semântico-objetal* que, de acordo com Bakhtin, difere nos diferentes campos da comunicação discursiva. Segundo o autor, o objeto do discurso é inexaurível, inesgotável. Em vista disso, mesmo que muitos sujeitos tenham falado ao seu respeito, em um determinado tempo-espaco e mediante uma situação comunicativa específica, ele ganhará novos contornos, novos sentidos, a partir da intenção discursiva de seu novo enunciador.

b) A segunda característica da conclusibilidade corresponde ao *projeto de discurso ou vontade de discurso do falante*. Ao enunciar, todo sujeito possui uma intenção discursiva, haja vista que nada, absolutamente nada, é dito de forma casual e imprevista. Há, por sua vez, uma vontade de produzir sentido que, de acordo com Bakhtin ([1895-1975] 2016), determina a escolha do objeto do discurso, dos seus limites e da sua exauribilidade semântico-objetal. Esse projeto ou vontade discursiva, verbalizado por um sujeito, materializa-se em uma situação de comunicação específica de uso da linguagem, definindo os limites do enunciado.

c) A terceira característica da conclusibilidade, *as formas estáveis de gênero do enunciado*, corresponde à propriedade mais relevante entre as três, visto que a vontade discursiva de qualquer falante se realiza, apenas, na “forma” de um gênero do discurso. Segundo Bakhtin,

Falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm formas relativamente estáveis e típicas de construção do conjunto. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discursos orais (e escritos). Em termos práticos, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas em termos teóricos podemos desconhecer inteiramente a sua existência. (BAKHTIN, [1895-1975] 2016, p. 38).

Os gêneros do discurso, caracterizados pelo autor como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, [1895-1975] 2016, p. 12), fazem parte da comunicação discursiva. Eles nos são dados da mesma forma que nos é viabilizada a língua materna e são diferentes, substancialmente, das formas da língua, uma vez que são bem mais flexíveis, plásticos e livres. A vontade discursiva individual de qualquer sujeito só se manifesta a partir de um tipo relativamente estável de enunciado.

Utilizar, de forma habilidosa, um gênero consiste na apropriação dos aspectos do processo de interação discursiva, visto que o seu emprego é determinado “pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes etc.” (BAKHTIN, [1895-1975] 2016, p. 18). Desse modo, à medida em que dominamos tais aspectos, apresentamos maior desenvoltura e habilidade no emprego de gêneros, porque refletimos, de forma mais consciente, acerca da situação de comunicação em que os empregamos.

Para Bakhtin ([1895-1975] 2016), os tipos relativamente estáveis de enunciados, gêneros do discurso, refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo de utilização da linguagem no que se refere ao seu conteúdo (temático), ao seu estilo de linguagem e à sua organização composicional. Sobre esses aspectos, ressaltamos que o conteúdo (temático) diz respeito à finalidade comunicativa e não ao assunto ou tópico do gênero; estilo corresponde à seleção lexical, fraseológica e gramatical do enunciado; e a estruturação composicional, por fim, consiste na “forma” de composição dos enunciados, a qual não é rígida em virtude da relatividade estável do gênero. Além disso, esse aspecto está diretamente relacionado ao projeto discursivo do locutor, o que possibilita sua mutabilidade em meio à estabilidade.

3) Por fim, a terceira e última peculiaridade que distingue o enunciado concreto da oração é a sua *relação com o interlocutor e os demais parceiros do processo de comunicação verbal*, a qual também possui algumas características. A primeira delas diz respeito à *escolha dos meios linguísticos e dos gêneros do discurso*, ou seja, a escolha do estilo e do gênero, elementos que estão, intimamente, relacionados.

O estilo, que corresponde à seleção lexical, fraseológica e gramatical dos elementos da língua, não advém, exclusivamente, dos sentimentos e das emoções de um indivíduo, conforme verificamos em outros recortes teóricos. O estilo é individual, mas também, social, porquanto é determinado simultaneamente: pela relação do autor do enunciado com o objeto do discurso; pelo caráter sociológico do gênero do discurso; e pela relação do autor com os interlocutores que participam do processo de interação discursiva. Sobre este último aspecto, Volóchinov, ao tratar de estilo, aponta:

‘O estilo é o homem’, mas podemos falar que o estilo é, pelo menos, dois homens, mais precisamente, o homem e o seu grupo social na pessoa do seu representante autorizado, ou seja, o ouvinte que é o participante constante do

discurso interior e exterior do homem. (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 143).

O estilo, então, é dialógico por natureza, uma vez que pressupõe a presença do outro, dos parceiros envolvidos no processo de interação discursiva. Desse modo, à medida em que é singular, também é, imanentemente, social, porque toda atividade é, socialmente, orientada, dirigida, determinada pelos participantes do ato de fala, em uma situação de comunicação precisa.

Nesse sentido, voltando a Bakhtin, é importante ressaltar que toda unidade real de comunicação discursiva apresenta um endereçamento, o qual é indispensável no processo de constituição do estilo de qualquer tipo relativamente estável de enunciado. Dessa forma, todo gênero discursivo é, socialmente, orientado, em razão de partir de um autor para um destinatário. De acordo com Bakhtin,

Esse destinatário pode ser um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um estranho, etc.; ele também pode ser um *outro* totalmente indefinido, não concretizado. (BAKHTIN, [1895-1975] 2016, p. 62-63, Grifo do autor).

O destinatário, em suas diferentes modalidades, como vimos acima, é um traço constitutivo do enunciado concreto. Dele dependem tanto a composição como o próprio estilo do enunciado. Este aspecto é tão importante que, ao enunciar, sempre procuramos antecipar a possível resposta do nosso interlocutor, uma vez que isso influenciará, de forma direta, o nosso enunciado. Em virtude disso,

Ao falar, sempre levo em conta o campo aperceptivo da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias antipatias – tudo isso irá determinar a sua ativa compreensão responsiva do meu enunciado. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o *estilo* do enunciado. (BAKHTIN, [1895-1975] 2016, p. 63-64, Grifo do autor).

Nesse sentido, buscamos analisar, detalhadamente, os aspectos que constituem a percepção do destinatário a partir do nosso ponto de vista, buscando pressupor as possíveis respostas que dará ao nosso enunciado. Esse comportamento determinará, por consequência, as formas do nosso discurso, dentre elas, a forma estilística, isto é, as escolhas lexicais, fraseológicas e gramaticais. Dois outros aspectos, relacionados ao direcionamento do enunciado, que também determinam o seu o estilo, são: a) a posição social, o título e o “peso” do destinatário (relação hierárquica).

À vista disso, quanto maior for o prestígio social do interlocutor, mais elevadas serão as formas estilísticos-composicionais utilizadas pelo enunciador em sua elaboração; b) o grau de proximidade pessoal com o destinatário (intimidade entre os interlocutores). Nesse sentido, quanto maior for o grau de intimidade, de convívio e de proximidade afetiva, menos monitoradas e elevadas serão as formas estilístico-composicionais do enunciado. Tais aspectos acabam influenciando, diretamente, na composição do estilo do gênero do discurso.

Finalizando, a segunda característica da *relação do enunciado com o interlocutor e os demais parceiros do processo de comunicação verbal* é o *elemento expressivo*, a expressividade, que consiste na “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado” (BAKHTIN, [1895-1975] 2016, p. 47).

A expressividade é imanente ao enunciado concreto e influencia também no processo de composição do estilo. A língua, em um ponto de vista abstrato, apresenta uma série de recursos que representa a posição valorativa do falante (exclamação, interrogação, etc.). Todavia, eles são “absolutamente neutros em relação a qualquer avaliação real determinada” (BAKHTIN, [1895-1975] 2016, p. 47), tendo em vista que apresentam, apenas, uma expressividade gramatical incapaz de expressar as nuances da linguagem viva, concreta e dinâmica.

De acordo com Bakhtin ([1895-1975] 2016), um dos elementos que compõe a expressividade da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto do discurso é a entonação expressiva, aspecto que ressoa, de forma mais específica, na realização oral de um enunciado concreto. Conforme o autor, “O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado” ([1895-1975] 2016, p.59). Desse modo, a entonação expressiva é inerente ao enunciado concreto.

Uma mesma palavra, vista como uma unidade real de comunicação discursiva, pode apresentar diferentes sentidos, em virtude dos diferentes coloridos entonacionais, produzidos por diferentes sujeitos, em diferentes situações de comunicação discursiva. Em razão disso, é comum observarmos tons de aprovação, de reprovação, de elogio, de insulto, de vergonha, de

repreensão, de acolhimento etc. em uma mesma palavra-enunciado empregada em diferentes situações de comunicação.

Todas essas peculiaridades e características apresentadas no decorrer desta seção pertencem, especificamente, ao enunciado concreto. As formas da língua, apesar de constituírem um rico arsenal de recursos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos), são, totalmente, carentes das particularidades e características expostas ao longo desta discussão.

Nesse sentido, podemos afirmar que os enunciados produzidos pelo pastor evangélico progressista Henrique Vieira, alvo de nosso estudo, são manifestações concretas discursivas, uma vez que: apresentam um autor que, mediante um projeto discursivo, direciona o enunciado a um interlocutor que, com ele, dialoga sobre um dado objeto do dizer; realizam-se na forma de algum gênero discursivo que, além do conteúdo temático e da estrutura composicional, possui um estilo, caracterizado como dialógico por natureza; manifestam, a partir da seleção estilística e da entonação expressiva, a relação do sujeito com os demais parceiros da interação discursiva; e revelam, devido ao acabamento relativo do enunciado, as alternâncias entre os sujeitos do discurso.

2.3 O dialogismo: princípio constitutivo do modo de funcionamento real da linguagem

Nesta seção, refletiremos sobre a noção de dialogismo, “conceito” amplamente difundido ao longo dos manuscritos do *Círculo de Bakhtin*. Segundo Sobral (2009), o dialogismo está, indissolivelmente, relacionado à noção de interação discursiva, constituindo-se a base do processo de produção de sentidos na/pela linguagem. Ele é a certeza de que o sentido nasce das semelhanças e das diferenças que existem entre o “eu” e o “outro”. De semelhante modo, Fiorin (2016, p.27) afirma que “o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, o princípio constitutivo do enunciado”, aspecto em que nos deteremos, com maior ênfase, a seguir.

Vale ressaltar que o dialogismo transcende um simples diálogo verbal face a face, assim como não se resume às representações esquemáticas e imutáveis do falante e do ouvinte (parceiros do processo de comunicação verbal) que, recorrentemente, observamos nos cursos de linguística geral. Longe disso, o dialogismo é um fenômeno amplo, de caráter textual e discursivo, que se desenvolve de forma, especificamente, ativa no enunciado concreto, unidade real de comunicação discursiva.

Dessa forma, a linguagem viva, concreta e dinâmica pressupõe a participação de sujeitos, efetivamente, ativos no processo de constituição de sentidos durante a interação discursiva. É nesse sentido que Bakhtin aponta que sempre ocupamos, em relação ao discurso alheio, uma posição responsiva ativa, conforme observaremos a seguir:

De fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, [1895-1975] 2016, p. 24-25).

A partir do exposto, compreendemos que os enunciados, que refletem o processo de interação discursiva entre sujeitos socio-historicamente situados, apresentam duas características que estão, intimamente, relacionadas: constituem-se uma posição do sujeito sobre algo ou alguma coisa no mundo e são réplicas, respostas responsivas ativas daqueles que participam do processo de interação.

Em primeiro lugar, o enunciado é uma posição do sujeito sobre algo ou alguma coisa, porque enunciar é posicionar-se frente a outras posições que existem no mundo sobre um dado objeto do discurso. Segundo Bakhtin,

[...] o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera de comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, todo enunciado é repleto de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de um dado campo da comunicação discursiva. (BAKHTIN, [1895-1975] 2016, p. 57).

Dado o exposto, o enunciado é uma visão de mundo, um centro de valor, um ponto de vista que se realiza ante outras cosmovisões sociais. Enunciar, por sua vez, é emitir uma atitude ativamente responsiva sobre algo ou alguma no mundo; é concordar, discordar, polemizar, refutar, aplicar, questionar etc. em um espaço discursivo totalmente tenso e saturado por natureza de outras posições ativamente responsivas. Nesse sentido, “não há, nem pode haver enunciados neutros” (FARACO, 2009, p. 25), uma vez que todos veiculam, de uma forma ou de outra, um juízo de valor.

Em segundo lugar, à medida que nos posicionamos sobre um dado objeto do discurso no mundo, também produzimos um enunciado-réplica, isto é, elaboramos uma resposta responsiva ativa sobre algo ou alguma coisa. É nesse sentido que, ao ouvirmos qualquer enunciado, somos, desde as primeiras palavras, convocados a responder. O simples processo de compreensão do enunciado, em si, já é uma resposta, haja vista que, nesse momento, o sujeito está selecionando conhecimentos para atribuir valores ao que foi dito. Então, somos, por natureza, sujeitos, inteiramente, responsivos. Segundo Bakhtin,

[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados precedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, [1895-1975] 2016, p. 26).

Dessa forma, todo enunciado parte de um “já-dito” e suscita, para si, resposta futuras, as quais não podem ser evitadas, porque, assim, é a natureza da comunicação discursiva, de caráter, especialmente, dialógico. O enunciado, conforme exposto, é um elo da complexa e organizada cadeia de outros enunciados; “é só um momento, uma gota no fluxo da comunicação discursiva, tão ininterrupto quanto a própria vida social e a própria história” (VOLÓCHINOV [1930] 2019, p. 267).

Fiorin (2016) afirma que, em um enunciado, ouvimos, pelo menos, duas vozes, duas posições avaliativas: a nossa e aquela em oposição à nossa. Na obra *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*, ao discutir sobre o tema, o autor cita o seguinte enunciado como exemplo: “*Negros e brancos têm a mesma capacidade intelectual*” (FIORIN, 2016, p; 28). Para ele, tal afirmação, a princípio, é o posicionamento de um sujeito em relação ao racismo presente na sociedade. Em seguida, é uma resposta aos discursos que (re) afirmam a superioridade intelectual da raça branca.

Segundo Bakhtin ([1895-1975] 2015), qualquer réplica do diálogo real leva uma vida dupla, uma vez que, no contexto de um diálogo integral, é constituída pelas minhas enunciações e pelas enunciações alheias, isto é, está na fronteira do meu contexto e do contexto do outro. Os nossos enunciados, no que lhe diz respeito, apresentam ecos e ressonâncias de outros enunciados, visto que “o que mais se fala no dia a dia é sobre o que dizem os outros; transmitem-se, recordam-se, ponderam-se, discutem-se as palavras alheias, opiniões,

afirmações, notícias, indigna-se com elas, concordam-se com elas, contestam-nas, referem-se a elas, etc.” (BAKHTIN, [1895-1975] 2015, p. 131).

Nesse sentido, os nossos diálogos são repletos de transmissões e de interpretações de palavras alheias, visto que, continuamente, fazemos uso, em nossas conversas, de citações ou de referências daquilo que outras pessoas disseram. De acordo com Bakhtin ([1895-1975] 2015), essas palavras, algumas vezes, mostram-se de forma direta ou explícita, mas, frequentemente, aparecem como palavras nossas, com menção a uma fonte comum indeterminada (“disseram que”, “estão cogitando”, “comunicaram” etc.).

Esse fenômeno ocorre porque, de acordo com Bakhtin, todo objeto do discurso, aquilo do que falamos, está revestido por uma auréola de discurso de outrem. Segundo o autor,

[...] todo discurso concreto (enunciado) encontra o objeto para o qual se volta sempre, por assim dizer, já difamado, contestado, avaliado, envolvido ou por uma fumaça que obscurece ou, ao contrário, pela luz de discursos alheios já externados a seu respeito. Ele está envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias e acentos. O discurso voltado para o seu objeto entra nesse meio dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios, entrelaça-se em suas complexas relações mútuas, funde-se com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros; e tudo isso pode formar com fundamento o discurso, ajustar-se em todas as suas camadas semânticas, tornar complexa sua expressão, influenciar toda a sua feição estilística. (BAKHTIN, [1895-1975] 2015, p. 48)

Ressaltamos que, ao enunciar, levamos em consideração as avaliações e acentos alheios que estão ao redor de um dado objeto do discurso, tendo em vista que o sentido de todo enunciado acerca de um mesmo tema é constituído no campo das opiniões comuns, dos pontos de vista, das avaliações alheias, que tornam complexo o trajeto do nosso enunciado ao objeto do discurso. É por isso que, continuamente, buscamos antecipar o nosso discurso-resposta, uma vez que buscamos pressupor, do nosso lugar, as possíveis objeções a respeito do nosso discurso em meio a esse espaço dialogicamente agitado. Segundo Bakhtin,

O enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, desse diálogo, como sua continuidade, como uma réplica e não como se com ele se relacionasse à parte. (BAKHTIN, [1895-1975] 2015, p. 49).

Esse é o movimento dialógico ante a um objeto obscurecido, ou iluminado, pela opinião social a seu respeito. Não há, assim, enunciados isolados ou solitários na corrente

complexamente organizada de outros enunciados, visto que, apenas, “[...] o Adão mítico, que chegou com sua palavra primeira ao mundo virginal ainda não condicionado, o Adão solitário, conseguiu evitar efetivamente até o fim essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro no objeto” (BAKHTIN, [1895-1975] 2015, p. 51). Esse movimento é um aspecto comum ao modo de funcionamento real da linguagem.

Essa densidade dialógica e ideológica, inerente ao enunciado concreto, provém da nossa experiência discursiva, uma vez que toda consciência individual é, imanentemente, constituída no diálogo social e histórico. Desse modo, é a partir da interação com a diversidade de vozes que assimilamos a realidade, constituindo nossas posições avaliativas sobre as coisas no mundo. Acerca disso, Bakhtin aponta:

Eis porque a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* - mais ou menos criador - das palavras do *outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. (BAKHTIN, [1895-1975] 2016, p. 54, grifo do autor).

Assim, o enunciado reflete o mundo interior do sujeito, o qual é formado por vozes sociais que apresentam caráter autoritário e interiormente persuasivo. Segundo Bakhtin ([1895-1975] 2015), o discurso autoritário exige do sujeito o seu reconhecimento integral, visto que, apesar de organizar ao seu entorno uma variada massa discursiva, não se funde com ela, permanecendo, integralmente, destacado, compacto e inerte. Entre os principais exemplos desse tipo de discurso, encontramos os enunciados dogmáticos de religiosos, de autoridades científicas, de juristas etc.

Por outro lado, o discurso interiormente persuasivo estabelece, continuamente, relações com outros discursos, sendo formado, simultaneamente, por palavras do “eu” e palavras do “outro”. Nesse sentido, ele participa, concretamente, do diálogo social, uma vez que promove uma agitada interação com outros discursos. Além disso, esse tipo de discurso apresenta uma estrutura semântica aberta, tendo em vista que, em cada novo contexto, tem a capacidade de gerar novos sentidos.

Todas essas vozes, que perpassam a nossa consciência social, resultam da nossa experiência discursiva e adentram aos nossos enunciados de maneira, assaz, diversificada. Conforme Bakhtin ([1895-1975] 2016), podemos colocá-las integralmente no contexto do

enunciado; introduzi-las por meio de palavras ou orações que representem o enunciado pleno; recontá-las a partir da nossa assimilação; basear-nos nelas; pressupô-las em silêncio etc. Isso ocorre porque o discurso do outro não adentra em nosso enunciado de forma mecânica, mas estabelece uma unificação (amálgama) química com o seu novo contexto dialogante.

Acerca disso, duas noções que abordam os modos de inserção do discurso do outro no enunciado são bastante relevantes para o nosso estudo: a *enformação* e a *molduragem*. Para o autor, a *enformação* corresponde aos meios sintáticos de transmissão do discurso de outro, os quais não se esgotam nos modelos gramaticais incessantemente discutidos: discursos direto e indireto. Pelo contrário, a *enformação* é altamente multiforme e está diretamente relacionada ao processo de interação discursiva, por isso, não é mecânica e varia de enunciado para enunciado.

A *molduragem*, por sua vez, consiste na relação dialógica estabelecida entre o discurso do outro e o contexto do discurso que o emoldura. Nesse processo, é importante compreendermos que, embora não perca, por completo, sua essência, o discurso do outro sempre sofrerá alterações semânticas em níveis variados por mais precisa que seja a sua inserção. Segundo Bakhtin, “O contexto que moldura o discurso do outro cria um fundo dialogante cuja influência pode ser muito grande” (BAKHTIN, [1895-1975] 2015, p. 133), por isso, é possível realizar alterações substanciais em um discurso citado, o qual, por exemplo, pode passar de um enunciado sério para um enunciado cômico, em virtude da moldura dialógica que recebe durante o processo de interação.

Desse modo, através dos meios de molduragem, podemos realizar transformações muito substanciais nos discursos de outrem. Em virtude disso, Bakhtin ratifica: “Um polemista de má-fé e finório sabe perfeitamente que fundo dialógico subpor às palavras de seu adversário citadas com precisão para deturpar o seu sentido.” (BAKHTIN, [1895-1975] 2015, p. 133). Ainda conforme o autor, por meio da influência contextual, é possível gerar um aumento do grau de objetificação do discurso de outro, o que gera, no enunciado, diferentes alterações e nuances de sentido mediante as intenções do seu enunciador.

A *enformação* e a *molduragem* constituem um ato único de relação dialógica dos discursos envolvidos na interação discursiva, por isso estão intimamente relacionadas, uma vez que são faces distintas e, simultaneamente, complementares de um todo discursivo. Elas são também fenômenos que se comportam de forma, inteiramente, flexível e dinâmica durante o processo de constituição dos enunciados.

2.3.1 Dialogismo na prosa romanesca: o heterodiscurso

A noção de dialogismo perpassa o conjunto de obras escritas pelos estudiosos do *Círculo de Bakhtin*, haja vista a importância dessa noção para os seus estudos. Desse modo, neste subtópico, apresentaremos, de forma breve, algumas considerações acerca do tema em *Teoria do Romance I: A estilística* (1930), de autoria de Bakhtin, ressaltando, especificamente, o “conceito” do heterodiscurso.

A obra, que compõe a Teoria do Romance do autor, traz uma reflexão sobre o heterodiscurso (fenômeno de cunho especificamente dialógico) como base fundamental da linguagem no romance romanesco. Segundo Bakhtin, “*O romance é um heterodiscurso** social artisticamente *** organizado, às vezes uma diversidade de linguagens e uma dissonância individual*” (BAKHTIN, [1895-1975] 2015, p. 29) (Grifo do autor); é a estratificação interna de uma língua nacional para representar os dialetos e modos de falar de determinados grupos, classes, profissões, gêneros de discurso etc.

Todavia, essas linguagens, que adentram o romance, não são apenas variações linguísticas das camadas da sociedade, são pontos de vista, cosmovisões de mundo, horizontes socioideológicos que estão em contínua interação na obra. Elas são, indiscutivelmente, intencionais, repletas de sentidos e trazem consigo uma expressão. É nesse meio dialógico que o “prosador usa linguagens já povoadas de intenções sociais alheias e as obriga a servir às suas novas intenções, a servir a um segundo senhor” (BAKHTIN, [1895-1975] 2015, p. 76-77). Esse processo, o qual denominou de refração⁶, ocorre, no romance, em diferentes graus, oscilando ritmicamente a partir da atitude do romancista ante o heterodiscurso.

Na obra, Bakhtin também afirma que o heterodiscurso no romance é uma palavra de natureza *bivocal* especial. Nesse sentido,

O heterodiscurso introduzido no romance (quaisquer que sejam as formas de sua introdução) é discurso de outro na linguagem do outro, que serve à expressão refratada das intenções do autor. A palavra de semelhante discurso é uma palavra bivocal especial. Ela serve ao mesmo tempo a dois falantes e traduz simultaneamente duas diferentes intenções: a intenção direta da personagem falante e a intenção direta refratada do autor. Nessa palavra há duas vozes, dois sentidos e duas expressões (BAKHTIN, [1895-1975] 2015, p. 113).

⁶ A refração é uma avaliação, uma interpretação, ancorada em um material semiótico, acerca das coisas do mundo. Conforme Faraco, “refratar significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos - na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo da experiência concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (refrações) desse mundo” (FARACO, 2009, p. 51).

Desse modo, verificamos que uma mesma palavra pode estar, simultaneamente, a serviço de, no mínimo, dois falantes, revelando, pelo menos, no enunciado a presença de duas vozes, dois acentos, duas expressões, que se conhecem mutuamente e interagem como duas réplicas do diálogo social. “A palavra bivocal é sempre interiormente dialogada” (BAKHTIN, [1895-1975] 2015, p. 113) e, em seu interior, observamos sentidos que se relacionam de forma pacífica e/ou conflituosa. Na prosa romanesca, o romancista não é surdo à bivocalidade, à dialogicidade interna da palavra, uma vez que esse aspecto é indispensável à criação da obra literária. Ele é, por sua vez, uma consciência linguística galileana relativizada⁷, atenta ao diálogo social.

2.3.2 Dialogismo em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (1963): polifonia e bivocalidade

Nesse subtópico, discutiremos, de forma sintética, o dialogismo a partir das considerações de Bakhtin em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (1963), convocando, especialmente, as noções de polifonia e de bivocalidade que existem, inevitavelmente, ante as condições dialógicas da linguagem.

Na obra, o autor defende a tese de que os romances dostoiévskianos são polifônicos, haja vista apresentarem uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis entre si, que não são objetos do discurso do autor; pelo contrário, participam, ativamente, do enredo da narrativa, dialogando com ele (regente do diálogo) e com as demais consciências que compõem o romance.

As personagens, nas obras de Dostoiévski, são ideólogas, porque se constituem consciências vivas, apresentando a sua própria cosmovisão de mundo, a sua linguagem e o seu estilo. No grande diálogo social, elas preservam as suas características e a sua imiscibilidade, haja vista serem consciências isônomas e equipolentes. O autor, na conjuntura da obra, é o regente de um grande coro de vozes sociais e apresenta um ativismo especial, em razão de responder, concordar, discordar, provocar, polemizar etc., ou seja, de estabelecer, incessantemente, relações dialógicas com outras vozes que interagem no romance.

⁷ Esta expressão refere-se, especificamente, à consciência que estabelece o diálogo com outras consciências no romance, rejeitando, portando, o absolutismo da língua única como o único centro de valor verbossemântico do universo ideológico.

Notadamente, no capítulo quinto de *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin também refletiu sobre o discurso bivocal no âmbito da prosa dostoiévskiana. Para o autor, esse fenômeno “surge inevitavelmente sob as condições da comunicação dialógica, ou seja, sob as condições da vida autêntica da palavra” (BAKHTIN, [1895-1975] 2013, p. 211). A prosa dostoiévskiana, por sua vez, seria bivocal, constituindo-se, por sua vez, resultado do grande diálogo social.

No decorrer de suas considerações sobre o tema na obra de Dostoiévski, Bakhtin apontou a necessidade de apresentar uma “classificação completa e definitiva dos discursos” (BAKHTIN, [1895-1975] 2013, p. 213), a qual busque levar em consideração os discursos duplamente orientados, isto é, as palavras bivocais. Acerca dessa taxionomia, dissertaremos, de forma resumida, a seguir.

O primeiro tipo de discurso, referencial direto e imediato, é o discurso que nomeia, classifica, enuncia e representa, visando à interpretação, especificamente, direta do objeto a que se refere. Esse tipo de discurso, por assim dizer, só conhece a si mesmo e ao seu objeto. O segundo tipo de discurso, representado ou objetificado, tem significação imediata e não está no mesmo plano do discurso do autor. Ele consiste no discurso do herói, o qual não é autônomo, uma vez que se subordina ao discurso do autor, fazendo parte dele. O terceiro tipo, sobre o qual nos deteremos um pouco mais, é o discurso bivocal, aquele que possui duas orientações semânticas, duas vozes sociais.

Segundo Bakhtin ([1895-1975] 2013), esse tipo de discurso possui três variações. A primeira diz respeito ao *discurso bivocal de orientação única*, em que o autor lança uma sombra objetificante sobre o discurso de outrem, submetendo-o ao seu ponto de vista. Como um dos exemplos, Bakhtin apresenta a estilização, processo em que o estilizador utiliza um conjunto de procedimentos linguísticos de uma determinada pessoa para expressar o seu próprio ponto de vista.

A segunda variação consiste no *discurso bivocal de orientação vária*. Como exemplo, Bakhtin cita a paródia, fenômeno um pouco diferente da estilização, uma vez que, nele, o autor utiliza a linguagem do outro em dimensão oposta à orientação dada pelo outro, movimento que não ocorre no processo de estilização. Entretanto, assim como na estilização, “a palavra do outro é absolutamente passiva nas mãos do autor que opera com ela” ([1895-1975] 2013, p.226), submetendo-a aos seus fins, às suas intenções comunicativas.

Na terceira variação, categoria mais presente na obra de Dostoiévski, “a palavra do outro permanece fora dos limites do discurso do autor, mas esse discurso a leva em conta e a ela se refere” ([1895-1975] 2013, p.223). Nesse sentido, a palavra não é recuperada sem nova

interpretação e influência, de um modo ou de outro, a palavra do autor permanece fora dela. Para Bakhtin, isso é um tipo de *discurso bivocal ativo*. Entre os exemplos que citou, encontramos a polêmica velada - e sua contraparte a polêmica aberta - e a réplica do diálogo.

Na polêmica velada, o discurso do autor ataca o discurso de outrem acerca de um mesmo tema, promovendo uma relação agitada entre os variados discursos que estão ao redor de um objeto do dizer. Nesse fenômeno, o discurso do outro não é reproduzido no enunciado, mas, apenas, subentendido, tendo em vista que “o próprio discurso do autor ou se faz passar pelo discurso do outro ou faz este passar por seu discurso” ([1895-1975] 2013, p.224). Segundo Bakhtin ([1895-1975] 2013), é como se ao lado do sentido concreto pudéssemos observar um segundo sentido, o qual está centrado no discurso do outro. Para o autor, a polêmica velada só é perceptível a partir de traços linguísticos como a entonação e a construção sintática.

Os limites entre a polêmica velada e a polêmica aberta, em seu aspecto prático, não são, muitas vezes, nítidos. A polêmica aberta, conforme o autor, está direta e abertamente direcionada para o discurso refutável do outro, que consiste no seu objeto; enquanto a polêmica velada está orientada para um objeto do dizer e entra em choque apenas, indiretamente, com o discurso do outro. Nesse sentido, “A ideia do outro não entra ‘pessoalmente’ no discurso, apenas se reflete neste, determinando-lhe o tom e a significação” ([1895-1975] 2013, p. 224-225).

A réplica do diálogo, último elemento da terceira variação do discurso bivocal proposto por Bakhtin, consiste no fenômeno de todas as palavras, direcionadas ao objeto do discurso, reagirem ao discurso de outrem, correspondendo-lhe e antecipando-lhe. Em uma conversa do cotidiano, por exemplo, sempre pressupomos os prováveis contra-argumentos em relação ao nosso enunciado, mesmo que a possível réplica do nosso interlocutor ainda esteja ausente. Este movimento consiste na réplica dialógica, a qual deixa vestígios concretos do discurso de outrem em nossos enunciados.

Para finalizar este capítulo, ressaltamos que a noção de dialogismo traz grandes contribuições para nossa investigação, uma vez que, conforme exposto, as relações dialógicas são, indiscutivelmente, comuns aos enunciados concretos. Nesse sentido, compreendemos que o ponto de vista do pastor evangélico progressista Henrique Vieira se constitui na relação direta com outros pontos de vista que estão ao redor de um dado objeto do discurso. A partir dessa relação, ora pacífica ora conflituosa, foi possível encontrar, no *corpus* analisado, uma série de procedimentos dialógicos-discursivos, os quais discutiremos mais à frente, especificamente no capítulo de leitura dos dados.

3 O PONTO DE VISTA: REFLEXÕES A PARTIR DOS APONTAMENTOS FILOSÓFICOS DO CÍRCULO DE BAKHTIN.

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem insecto

Sou areia sustentando
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato morro
No mundo porque luto nasço.

(Mia couto, in *Raíz de Orvalho e Outros Poemas*)

A epígrafe acima, incluída de forma intencional, reflete a relação constitutiva entre o “eu” e o “outro”, principal axioma que perpassa as reflexões filosóficas do pensamento do *Círculo de Bakhtin*, na primeira metade do século XX. À vista disso, neste capítulo, discutiremos os principais apontamentos, especificamente de Bakhtin e de Volóchinov, que possam nos auxiliar na sistematização de uma noção de ponto de vista que subsidie esta tese. Para isso, faremos, inicialmente, uma breve revisão de literatura, recuperando diferentes concepções de ponto de vista para diferentes disciplinas do conhecimento. Em seguida, discutiremos, respectivamente, os principais apontamentos filosófico-literários de Bakhtin e de Volóchinov que fomentam reflexões sobre essa noção. E, por fim, proporemos uma noção de ponto de vista que embase, no capítulo de análise, a leitura dialógica dos dados que serão apresentados nesta tese.

3.1 Um breve percurso sobre a noção de ponto de vista

A noção de ponto de vista, no contexto científico, apresenta uma abordagem ampla e heterogênea, uma vez que se constitui foco de interesse de disciplinas da área do Cinema, do Direito, das Ciências das Religiões, da Literatura, da Linguística etc.. Embora o *Dicionário Houaiss Online* defina ponto de vista como o “lugar onde está ou existe alguma coisa” (PONTO DE VISTA, 2022), sabemos que esse conceito, no âmbito das ciências, especialmente humanas, é bastante complexo.

O estudo do tema na dissertação de Albuquerque (2016) revelou que, na Teoria do Cinema, a noção de ponto de vista está relacionada ao regime de focalização. Em sua pesquisa, o autor (2016) analisou como se constrói a questão do “ponto de vista” no filme *O homem que copiava*, de Jorge Furtado, a partir de um regime de focalização que regulava a informação narrativa para experiência espectral⁸. Suas investigações tiveram como pano de fundo os pressupostos teóricos de Friedman (2002), Jean Pouillon (s/d),⁹ e Gérard Genette (1980) etc.

Ainda, na dissertação, Albuquerque (2016) concebeu o estilo do cineasta Jorge Furtado, perpassado pela bricolagem (incorporação de pedaços textuais em sua composição), como um elemento de natureza dialógica. Em virtude disso, o autor também objetivou analisar como esses fragmentos se agregavam à textura fílmica, bem como funcionavam narrativamente dentro do enredo e na construção de uma focalização limitada. Para isso, ele apoiou-se na concepção de dialogismo e polifonia em Bakhtin e nas noções de intertextualidade e hipertextualidade a partir de Júlia Kristeva (2005), Robert Stam (1992 e 2013) e Gérard Genette (2006).

Outro estudo, agora no campo da Literatura, partiu da visão de ponto de vista como perspectiva, como foco narrativo, para realizar uma discussão teórica a partir da corrente norte-americana de Norman Friedman (2002), Percy Lubbock (1976), Henry James (2003) e Joseph Warren Beach (1932). Em sua tese, Henrique (2020) observou o ponto de vista ficcional em contos da coletânea *O tigre de bengala* (1985) (“Sangue no sol”, “O furto”, “A agonia de viver” e “Por puro desespero”), de Elisa Lispector - irmã de Clarice Lispector -, analisando a relação entre a interioridade da personagem feminina e representação do espaço externo.

No campo da Linguística, especialmente de base textual-discursiva, encontramos reflexões sobre o ponto de vista na tese de doutoramento de Cortez (2011), estudo que surgiu

⁸ Campo da *Teoria do Cinema* dedicado aos estudos e pesquisas voltados para o espectador.

⁹ s/d – sem data.

da necessidade do aprofundamento da sua dissertação de mestrado, *Referenciação e construção do ponto de vista*, trabalho que investigou o teor argumentativo das formas nominais referenciais na crônica literária. Segundo a autora, a constatação do “teor polifônico das formas nominais” (CORTEZ, 2011, p.20) aguçou o seu interesse por investigar o processamento das formas nominais para a construção do ponto de vista em textos, especificamente, argumentativos.

Dessa forma, sua tese de doutorado investigou como as formas nominais, em conjunto com o jogo de vozes discursivas, agiam na construção do ponto de vista em reportagens de revistas direcionadas ao público feminino e masculino. Em sua questão norteadora, Cortez disse acreditar que o ponto de vista, concebido para além do texto literário, não estava relacionado, apenas, aos elementos de expressão da subjetividade, mas também podia ser entendido como uma posição enunciativa ou como um conjunto de posições enunciativas postas em relação entre si, podendo ser analisada a partir do modo como o sujeito apreende um objeto do dizer.

A autora, em sua pesquisa, estabeleceu diálogo com a Abordagem Enunciativo-interacional do Ponto de Vista de Rabatel. A tese, a seu ver, é uma proposta de “reorientação nos estudos da focalização narrativa que tem suas consequências para o estudo das relações locutor-enunciador no discurso, o que contribui para lançar luzes sobre a constituição das posições enunciativas, sua hierarquia e natureza dialógica” (CORTEZ, 2011, p. 25).

É importante ressaltar que, para investigar a noção de *representação*, Cortez (2011) apropriou-se dos estudos do texto e do discurso de base enunciativo-discursiva: (Moirand 2001, 2007; Haillet, 2007, Gollut & Zufferey, 2000, Portine, 1981) e cognitiva (Grize, 1997, 1996). Para a complexa diferenciação de *polifonia* e de *dialogismo*, o pensamento filosófico do *Círculo de Bakhtin*. Para utilizar o conceito de *formas nominais*, Koch (2005, 2002) e Koch e Marcuschi (1998) e, para contextualizá-la, os trabalhos de Mondada (1995) e Mondada e Dubois (2001). A noção de objetos de discurso, por sua vez, veio de Apothélos & Reichler-Béguelin (1995).

Outro trabalho no domínio da Linguística, de base textual-discursiva, que investigou a noção de ponto de vista foi a pesquisa de Lanzillo (2016). Em sua tese, o autor buscou observar os mecanismos linguísticos, textuais e discursivos a partir dos quais os enunciadores representavam, em sentenças jurídicas, seu (s) ponto (s) de vista (PDV) e as operações de responsabilidade enunciativa (RE). Além de apoiar-se nas considerações da Teoria do Ponto de Vista de Rabatel (2008, 2009, 2013, 2015, 2016), a pesquisa teve como pano de fundo

teórico-metodológico dois campos de investigação: a Linguística de Texto e a Linguística da Enunciação.

No escopo da Análise Dialógica do Discurso - ADD, campo teórico a que se filia nossa investigação, as reflexões de Cunha (2012, 2015, 2019 etc.) mostram-se de forma representativa. Em seus estudos, a autora convocou as principais ideias de François (1994, 2014, 2015), Grize (1990, 2005) e Siblot (1998), pensadores que, em seus respectivos contextos, refletiram sobre a linguagem em perspectiva dialógica.

Com base nesses estudiosos e, especialmente, nas considerações filosóficas do *Círculo de Bakhtin*, Cunha defendeu que um objeto do dizer pode ser visto de diferentes modos em virtude do campo de visão dos indivíduos que o percebem. Seria, justamente, no modo de perceber, considerar e posicionar-se sobre um objeto do discurso que encontramos a essência da noção de ponto de vista.

Cunha (2019) apontou que, para François (1994), era impossível não tomar uma posição ante ao objeto do discurso, não assumir um ponto de vista, o qual se manifesta como uma forma de sentir do sujeito ou do grupo de que faz parte perante outros pontos de vistas. Nesse contexto, o lugar enunciativo que ocupo dá conta do meu modo de perceber, sentir e experienciar um objeto; da maneira como concebo uma realidade, a qual pode ser vivenciada de maneiras múltiplas por outro (s) sujeito (s) que a observa (m) em um dado momento social e histórico.

Em direção semelhante, Grize (1990), apontou Cunha (2012), também desenvolveu uma concepção de ponto de vista e de argumentação em perspectiva dialógico-discursiva. Para o linguista, disse a autora, o ponto de vista é concebido a partir da finalidade enunciativa do sujeito; da visão que ele possui em relação ao seu interlocutor; daquilo que ele fala, bem como do que ele pretende dizer durante o processo de enunciação.

Cunha (2012) também discutiu a perspectiva do dialogismo e da nomeação em Siblot (1998), segundo a qual nomear é também emitir um ponto de vista; uma posição responsiva sobre o objeto; uma forma de caracterizá-lo de acordo com a visão que se tem do enunciado e de para quem ele é dirigido. Cunha afirmou que, para Siblot (1999), ao categorizarmos alguma coisa, revelamos nossa relação volitivo-emotiva com o que nomeamos por meio da seleção de palavras; revelamos, por sua vez, o nosso ponto de vista sobre alguma coisa, sobre alguém, sobre outros pontos de vista em torno de um objeto do discurso etc.

Nesse contexto, os estudos de Cunha têm gerado diálogos filosóficos no campo da linguagem, como o artigo *A construção discursiva no ciberespaço: dialogismo, alteridade e ponto de vista*, de Lucena (2018). No trabalho, a autora investigou, a partir da *hashtag*

#meuamigosecreto, o modo como são construídas, nas redes sociais, as campanhas populares desse movimento, o qual visa ao combate ao machismo e à violência contra as mulheres. Lucena discutiu as noções de dialogismo, alteridade e ponto de vista, mobilizando, para a última, as considerações de Cunha (2011 e 2012). Dessa forma, para autora, o ponto de vista está relacionado, assim como para Cunha (2012), à noção de posicionamento axiológico, porque está, especialmente, no plano dos valores.

Na mesma direção, encontramos ainda o artigo *A construção do ponto de vista em comentários on-line no Facebook*, de Silva (2021), cujo objetivo foi investigar, a partir da Análise Dialógica do Discurso, a construção do ponto de vista em comentários *on-lines* no Facebook. Também com base em Cunha (2014, 2015), a estudiosa buscou analisar os modos de valoração orientadores no ponto de contato com o discurso alheio, afirmando que a sua recuperação dá forma ao ponto de vista do enunciador. Os comentários selecionados para a análise foram coletados no *site* da *Revista Veja* e versavam sobre um comentário da ministrada Damares em direção à deputada Tabata Amaral: “Que deputada linda. Só de você já está aqui. Não precisa nem abrir a boca.”.

Dadas as considerações até aqui expostas¹⁰ – que nos forneceram uma breve visão acerca de alguns estudos sobre noção de ponto de vista –, nas próximas seções faremos uma discussão a partir dos manuscritos de Bakhtin e de Volóchinov, a qual nos possibilitará, ao fim deste capítulo, propor, de forma inacabada (não rígida e/ou petrificada), uma noção de ponto de vista que subsidie a leitura responsiva ativa do *corpus* desta tese. Ressaltamos, ademais, que não é nossa intenção formular um “conceito” fechado ou inovador, porque tal elaboração seria arriscada e, de certa forma, anti-bakhtiniana; queremos, na verdade, com base em nossa discussão teórica e na leitura que temos feito dos dados analíticos, sistematizar uma noção de ponto de vista que ampare nossas considerações analíticas.

3.2 Apontamentos para pensar uma noção de ponto de vista em Bakhtin

Antes de qualquer coisa, é importante destacar que não encontramos uma definição pronta e acabada de ponto de vista nos textos de Bakhtin e o Círculo. Todavia, Cunha (2015) afirma que esta noção está presente, de forma difusa, na sua concepção de realidade em

¹⁰ Embora os trabalhos apresentados forneçam relevantes contribuições para ADD, é importante pontuar que, em nossas pesquisas pelo *Google Acadêmico* e pelo *Portal CAPES*, sites de buscas acadêmicas, não encontramos um número relevante de pesquisas que se detêm a discutir a temática do ponto de vista na perspectiva do *Círculo de Bakhtin*.

movimento, de inacabamento, de heterodiscurso e de sujeito que se constitui discursivamente na/pela linguagem. Nesse sentido, buscaremos refletir, ao longo desta seção, sobre os principais apontamentos bakhtinianos que nos aproximem de uma possível visão de “ponto de vista” para o autor.

Acerca disso, é importante dizer que, no início da primeira metade do século XX, Bakhtin desenvolveu uma série de considerações que deram início ao seu projeto de elaborar uma *prima philosophia*, uma filosofia primeira, dividida em 4 partes, em que a primeira estaria dedicada à arquitetura do mundo real, constituindo o princípio ético, da vida cotidiana; a segunda abordaria a atividade estética como ato ético; a terceira discorreria sobre a ética da política e; a quarta versaria sobre a ética da religião.

Entretanto, Faraco (2017) aponta que, no desenrolar desse projeto, Bakhtin se concentrou mais no ato estético, embora tenha desenvolvido considerações acerca do ato ético (mundo real/mundo da vida), como em *Para uma Filosofia do Ato*, obra escrita entre 1920 e 1924 por um Bakhtin ainda jovem. Sobre o ato político e o ato religioso, Faraco afirma que o filósofo não chegou a escrever algo ou alguma coisa de forma mais sistemática e/ou explícita.

Na filosofia de Bakhtin e o Círculo, um aspecto fundamental que perpassa toda sua obra é a alteridade, considerada a relação constitutiva entre dois grandes centros de valores, o “eu” e o “outro”, os quais são parceiros no processo de interação social. É nesse sentido que

[...] a construção dos valores de uma dada sociedade, comunidade, grupo social, em qualquer das esferas da atividade humana, não são inventados, nem produtos de construções abstratas. Surgem dos diversos tipos de relações sociais estabelecidas entre os sujeitos no mundo da vida, constituindo-se em matéria prima para a construção dos valores que organizam os sistemas complexos do chamado mundo da cultura, nas esferas científicas, políticas, da arte entre outras. (OLIVEIRA, 2018, p. 172).

Conforme exposto, a construção de uma sociedade, no mundo real, fundamenta-se na relação constitutiva entre o “eu” e o “outro”, compreendidos como sujeitos ativamente responsivos que, ao passo que valoram, organizam os sistemas que compõem seu grupo social. O “eu” e o “outro” são consciências vivas, valorativas e inacabadas, que buscam, contínua e mutuamente, completar-se no tempo e no espaço. Segundo Kemiak (2019), cada sujeito, em Bakhtin, consiste em uma consciência valorativa, essencialmente singular, que estabelece uma tensa relação com outras consciências, que enxergam o mundo de posições diferentes.

Na atividade estética, a relação de alteridade entre o “eu” e o “outro” também tem por premissa a presença de, no mínimo, duas consciências, a do autor e a da personagem. Na obra

de arte, por exemplo, a consciência do autor é responsável por acentuar cada particularidade da personagem, cada traço que lhe compõe, cada acontecimento que ocorre em sua vida, cada emoção e sentimento que vivencia cotidianamente. Desse modo, o autor fornece, à personagem, uma resposta de caráter criador, refletindo uma posição volitivo-emocional ao seu respeito. Isso não quer dizer que ele encontrará, de imediato, uma visão da personagem, haja vista que esta poderá apresentar muitos véus antes de ver-lhe “a feição verdadeira e integral” (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p. 4).

A consciência da personagem, por sua vez, é abrangida, por todos os lados, pela consciência concludente do autor, o qual, durante a atividade estética, realiza um processo de empatia, buscando, no primeiro momento, vivenciar o horizonte vital concreto da personagem — coincidir com ele —, para, no segundo momento, voltar para si, a fim de lhe proporcionar o devido acabamento estético. Somente do horizonte da consciência criadora, é possível viabilizar o acabamento estético necessário à personagem de uma obra literária, porque, apenas nele, encontraremos os elementos inacessíveis ao horizonte da personagem.

Para que o autor realize o processo de acabamento estético, um aspecto é fundamental: a sua consciência deve ser transgrediente à consciência da personagem, isto é, a consciência autoral não pode ocupar o mesmo espaço (coincidir) da consciência da personagem, uma vez que o acabamento necessita desse distanciamento. De acordo com Bakhtin,

Daí decorre imediatamente a fórmula geral da relação basilar esteticamente produtiva do autor com a personagem – relação de uma tensa distância do autor em relação a todos os elementos da personagem, de uma distância no espaço, no tempo, nos valores e nos sentidos que permite abarcar *integralmente* a personagem, difusa de dentro de si mesma e dispersa no mundo pré-estabelecido do conhecimento e no acontecimento aberto do ato ético, abarcar a ela e sua vida e completá-la até fazer dela um todo com os mesmos elementos que de certo modo são inacessíveis a ela mesma e nela mesma: com a plenitude da imagem externa, o fundo que está por trás dela, a sua relação com o acontecimento da morte e do futuro absoluto, etc. (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p. 4) (Grifo do autor).

A partir disso, compreendemos que as consciências do autor e da personagem devem manter um distanciamento no espaço, uma vez que a coincidência entre elas inviabiliza o processo de acabamento estético. Elas devem ser, por conseguinte, exotópicas, não compatíveis. Dessa forma, “o autor deve encontrar um ponto de apoio fora dela para que ela se torne um fenômeno esteticamente acabado: uma personagem.” (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p. 15), isto é, um ponto de vista axiológico para atribuir-lhe valor, enformá-la, completá-la, acabá-la esteticamente.

À vista disso, Bakhtin aponta que, com apenas um participante, não pode haver acontecimento estético, porque a consciência absoluta não tem nada que lhe seja transgrediente, nada distanciado nem fora dela mesmo. O acontecimento estético, assim como o ético, pressupõe, no mínimo, duas consciências, o “eu” e o “outro”. No ato ético, na vida, diz o autor, nós, incessantemente, respondemos axiologicamente às manifestações avaliativas daqueles que estão ao nosso redor.

Todavia, essas manifestações são de natureza dispersa, visto que não caracterizam o todo do homem, não o definem. Elas são “impressões fortuitas do todo ou de uma generalização” (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p. 4), uma vez que não se comportam como na obra de arte, em que a resposta do autor se caracteriza como única, constituindo o todo da personagem. Na vida,

[...] avaliamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, através do outro procuramos compreender e levar em conta os momentos transgredientes à nossa própria consciência: desse modo, levamos em conta o valor da nossa imagem externa do ponto de vista da possível impressão que ela venha a causar no outro [...]. (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p. 14),

Na vida, os elementos da consciência do outro, que podem nos concluir, não assumem uma força concludente, não fecham um ponto de visto sobre nós mesmos, haja vista que “a última palavra caberia à nossa própria consciência e não à consciência do outro, mas nossa consciência nunca dirá a si mesmo a palavra concludente.” (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p. 14). É nesse sentido que somos sujeitos inacabados e nos constituímos, continuamente, no processo de interação com o (s) outro (s).

Para Bakhtin ([1895-1975] 2003), ao contemplar um sujeito fora e diante de mim, nossos horizontes concretos não coincidem. É nesse aspecto que encontramos suporte para a visão de inacabamento do sujeito em Bakhtin. Vejamos:

[...] em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes do seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão –, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p. 21).

Assim, cada indivíduo apresenta, de um espaço situado no tempo, um determinado horizonte concreto, uma posição valorativa, de onde observa e sabe de elementos que o outro

não vê. Por esse motivo, o inacabamento é uma característica do sujeito, que, continuamente, busca se constituir na relação com o outro. Segundo Bakhtin ([1895-1975] 2003), percebemos os reflexos da nossa vida por meio do plano da consciência do outro, das reações do outro acerca dos momentos em que estamos isolados ou em conjunto. Buscamos, à vista disso, captar o valor que a nossa vida possui para o outro, o qual é diferente do nosso.

Acerca disso, é importante dizer que, na vida, “[...] avaliamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, através do outro procuramos compreender e levar em conta os momentos transgredientes à nossa própria consciência [...]”. (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p.13). Isso acontece porque não enxergamos integralmente, do lugar que ocupamos no tempo e no espaço, as coisas que estão ao nosso redor. Neste sentido, somos seres inacabados, necessitamos uns dos outros em nosso processo de contínua/permanente constituição e evolução.

Cada sujeito é único e singular, por isso observa e percebe o mundo de um lugar excepcionalmente seu, valorando as coisas que estão ao seu redor de um excedente de visão *sui generis*, o qual complementa, ininterruptamente, o (s) outro (s). Conforme Bakhtin,

[...] excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstitutibilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias todos os outros estão fora de mim. (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p.21).

Desse modo, cada excedente de visão, que corresponde ao nosso ponto de vista – o qual é cronotópico (tempo/espaço) por natureza (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p.369) –, é caracterizado pela *insubstitutibilidade* do lugar que o sujeito ocupa no mundo. É por isso que nos constituímos na relação de alteridade entre o “eu” e o “outro”: eu não vejo o que o outro vê; o outro não vê o que eu vejo. Cada um, pela natureza do momento e do espaço (cronotópo) que ocupa, dá valor ao mundo à sua maneira; cada um se constitui um centro de valor, um excedente de visão único, que se interdepende reciprocamente. Segundo Bakhtin:

O eu e o outro são as categorias axiológicas basilares, que pela primeira vez tornam possível qualquer juízo de valor efetivo, e um momento desse juízo de valor, ou melhor, a diretriz axiológica da consciência não ocorre só no ato na verdadeira acepção do termo mas em cada vivenciamento e até na sensação mais simples: viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente. (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p.369)

Nesse sentido, eu preciso do outro, que, por conseguinte, também necessita de mim, já que percebemos e vivenciamos o mundo de posições, estritamente, peculiares e singulares. O “eu” e o “outro” são categorias axiológicas de base, indispensáveis ao processo de constituição dos sujeitos. Acerca disso, Bakhtin ([1895-1975] 2003), metaforicamente, diz que o excedente de visão de cada centro de valor é um broto, que, para desabrochar e transformar-se em uma linda flor, necessita que o outro complete o horizonte da sua visão.

Nessa perspectiva ainda, é importante dizer também que o valor que atribuímos, desde cedo, ao nosso corpo também é fruto da relação de alteridade entre o “eu” e o “outro”. Para Bakhtin,

De fato, mal a pessoa começa a vivenciar a si mesma de dentro, depara imediatamente com atos de reconhecimento e amor de pessoas íntimas, da mãe, que partem de fora ao encontro dela: dos lábios da mãe e de pessoas íntimas a criança recebe todas as definições iniciais de si mesma. Dos lábios dela, no tom volitivo-emocional do seu amor, a criança ouve e começa a reconhecer o seu nome, a denominação de todos os elementos relacionados ao seu corpo e às vivências e estados interiores; são palavras de pessoas que ama as primeiras palavras sobre ela, as mais autorizadas, que pela primeira vez lhe determinam de fora a personalidade e vão ao encontro da sua própria e obscura auto-sensação interior, dando-lhe forma e nome em que pela primeira vez ela toma consciência de si e se localiza como algo. (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p.46).

Desse modo, todos os atos de atenção, carinho e amor voltados para nós, durante a nossa primeira infância, constroem o valor do nosso corpo exterior; esculpem nossa visão sobre nós mesmos. Sem o outro não conseguiríamos elaborar uma imagem ao nosso próprio respeito, visto que sozinhos não conseguiríamos falar de nós mesmos. Em virtude disso, é por meio do outro que uma criança toma consciência de si mesma, compreendendo-se como alguém, como uma pessoa no mundo.

Na linguagem, de semelhante modo, a experiência discursiva de um sujeito reflete-se na enunciação, uma vez que, durante o diálogo, o objeto do discurso encontra-se, conforme visto no capítulo anterior, rodeado de avaliações, acentos e julgamentos de valores, isto é, de pontos de vistas diversos, com os quais estabelecemos relações de sentido, relações dialógicas.

Todo objeto do dizer está saturado de opiniões alheias, porque "entre o discurso e o objeto, o discurso e o falante, situa-se o meio elástico e amiúde dificilmente penetrável de outros discursos alheios a respeito do mesmo objeto, 'no mesmo tema' ([1895-1975] 2015, p. 48). É, justamente, por isso que todo objeto do discurso é inexaurível, apresenta uma riqueza inesgotável. Tudo dito ao seu respeito, em diferentes situações de enunciação, torna-se novo.

3.3 Apontamentos para pensar uma noção de ponto de vista em Volóchinov

Nesta seção, abordaremos alguns apontamentos, presentes na obra de Volóchinov, que viabilizam uma reflexão sobre o objeto de estudo desta tese, o “ponto de vista”. Antes disso, é necessário dizer que, na época da elaboração da literatura volochinoviana, o marxismo havia se tornado uma abordagem teórico-metodológica oficial, pré-requisito para o ingresso em instituições de ensino e pesquisa soviéticas. Segundo Grillo (2019, p. 17), este aspecto é “uma das possíveis motivações para presença explícita de autores marxistas soviéticos e de suas propostas metodológicas nas obras de Volóchinov e Medviédev.”.

Desse modo, frequentemente, encontraremos, no decorrer dos manuscritos do autor, reflexões cuja base é a relação de poder entre a classe dominante e a classe dominada. Em *Estilística do discurso literário III: a palavra e sua função social* ([1930] 2019), artigo que compõe uma série voltada à investigação do discurso literário, Volóchinov aponta, por exemplo, que qualquer construção verbal, ao realizar-se por meio do seu conteúdo, reflete a relação de classe com as pessoas, com o mundo, com a situação e com o auditório. Nesse sentido, é importante salientar que as considerações a seguir não deixam de trazer consigo essa orientação ideológica.

Assim como nos manuscritos de Bakhtin, Volóchinov, no desenvolvimento da sua filosofia da linguagem, concebe o fenômeno linguístico, conforme vimos no capítulo anterior, como fruto da interação discursiva, isto é, como resultado da relação entre dois indivíduos socialmente organizados. Nesse sentido, a linguagem, representada pela palavra, se realiza numa espécie de zona fronteira entre o “eu” e o “outro”, entre o locutor e o ouvinte. Para o autor,

Em sua essência, *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente *o produto das inter-relações* do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor. (VOLÓCHINOV, [1895-1936] 2018, p. 205) (Grifos do autor).

Dado o exposto, a palavra é o espaço comum entre “eu” e o “outro”. Nesse sentido, ela apresenta duas faces, é bilateral, sendo determinada, simultaneamente, pelo locutor e pelo ouvinte. Toda palavra parte de um autor e dirige-se a um interlocutor, veiculando os diferentes

sentidos dados a uma realidade social. A palavra viva, concreta e dinâmica, produzida na interação discursiva entre sujeitos sócio-historicamente situados, é um espaço de confronto, de diálogos, de interações ideológicas, constituindo-se, portanto, signos ideológicos por excelência.

Conforme Volóchinov ([1895-1936] 2018), uma palavra se torna um signo ideológico quando a sua significação, no processo de interação entre duas consciências, extrapola os limites da sua existência particular. Nesse sentido, todo signo ideológico aponta para algo fora dele mesmo, para algo que está fora dos limites da sua matéria sígnica. A palavra viva é considerada, pelo autor, um “*fenômeno ideológico par excellence*” ([1895-1936] 2018, p.98, grifo do autor), por sua vez, um signo ideológico.

Para o filósofo da linguagem, ao ultrapassar os limites de sua existência particular, todo signo ideológico reflete e refrata uma realidade social. Vejamos:

A realidade histórica e natural torna-se o tema de nossas palavras na condição de signos ideológicos. A palavra, como todo signo ideológico, não só reflete a realidade, mas também a refrata na comunicação social, na interação discursiva viva. Isso ocorre porque as relações de classe, ao se refletirem na palavra, ditam-lhe diferentes nuances de sentido, introduzem nela diferentes pontos de vista, atribuem-lhe diferentes avaliações. Desse modo, as relações de classe integram o todo do enunciado como um fator, uma força real, que exerce uma influência decisiva também na sua estrutura estilística. (VOLÓCHINOV, [1895-1936] 2018, p. 320).

Nesse sentido, todo signo ideológico realiza duas operações, uma vez que simultaneamente reflete e refrata o mundo real. Ele reflete porque aponta para uma realidade que lhe é externa, para uma materialidade no mundo real, e refrata porque, ao descrevermos essa realidade, fazemos uma interpretação dela, a partir da nossa experiência concreta neste mundo, a qual sempre será única e singular. A refração ocorre, a partir da leitura marxista empreendida por Volóchinov, porque as relações de classe possibilitam modulações de sentido ao perpassarem uma palavra real, viva e concreta, originando diferentes formas de dar sentido ao mundo.

Desse modo, recorrentemente, é possível encontrar diferentes refrações, interpretações, pontos de vista se materializando e se entrecruzando em um mesmo material semiótico. Segundo Faraco (2009), a refração é um aspecto necessário ao signo ideológico, sendo impossível significar sem refratar, uma vez que as significações não são dadas *a priori*, não são garantidas pelo sistema semântico da língua. Pelo contrário, “são construídas na dinâmica da história e estão marcadas pela diversidade de experiências dos grupos humanos, com suas

inúmeras contradições e confrontos de valorações e interesses sociais.” (FARACO, 2009, p. 51).

Para Volóchinov, “Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação sýgnica.*” (VOLÓCHINOV, [1895-1936] 2018, p. 93) (Grifo do autor). A palavra, compreendida como um signo ideológico, sempre refletirá e refratará as múltiplas relações dos sujeitos que compõem as diferentes classes de uma dada realidade social. Em vista disso, ela é uma arena de lutas de classes, de pontos de vista que envolvem interesses diversos.

Por consequência, os signos ideológicos não são unívocos, uma vez que as experiências discursivas dos sujeitos que os produzem são múltiplas e diversificadas. Cada indivíduo dá sentido ao mundo à sua maneira, recobre uma realidade social com diferentes axiologias, diferentes valores, diferentes pontos de vista, aponta Faraco (2009). É, justamente, por isso que os signos ideológicos são plurívocos no ato concreto da enunciação. Eles são, por sua vez, abertos ao processo de construção de diferentes sentidos.

A palavra, como signo ideológico, é também a matéria-prima que constitui a consciência individual de um sujeito, a qual, para Volóchinov ([1895-1936] 2018), “é um fato social e ideológico”, que só pode se realizar e se tornar um fato efetivo através de um material sýgnico. Nesse sentido, a consciência individual se alimenta de signos, conforme podemos observar a seguir:

A consciência se forma e se realiza no material sýgnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada. A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sýgnica de uma coletividade. Se privarmos a consciência do seu conteúdo sýgnico ideológico, não sobrar absolutamente nada dela. (VOLÓCHINOV, [1895-1936] 2018, p. 98).

Assim, a consciência individual de qualquer sujeito é socioideológica, uma vez que resulta do processo de comunicação ideológica entre duas consciências ativamente responsivas. Ela só existe à medida em que é tomada pelo conteúdo ideológico, realizando-se em um material sýgnico. Para Volóchinov ([1895-1936] 2018), a consciência não é, conforme pregam a filosofia idealista da cultura e os estudos culturais de cunho psicológico, fruto da natureza biológica do indivíduo, nem tampouco deve ser entendida como um depósito inerte situado na mente. Pelo contrário, ela se constitui de fora para dentro, porque o signo é um fenômeno do mundo externo, que resulta do processo de interação social.

Segundo Volóchinov ([1895-1936] 2019), a palavra, na condição de signo ideológico, deve ser considerada também um ponto de vista, uma vez que, indiferente da forma de sua realização, é um ponto de vista sobre algum fenômeno da realidade social; mas não somente isto, ela é, por conseguinte, um ponto de vista avaliador, ou seja, a avaliação de alguém sobre algo ou alguma coisa no mundo. Vejamos:

Toda palavra, falada ou pensada, não é um simples ponto de vista, mas um ponto de vista *avaliador*. Quando pronunciamos ou ouvimos uma palavra, nunca a percebemos como algo separado e abstraído da realidade, como um fenômeno puramente sonoro, autossuficiente e valioso por si só (o que ocorre, por exemplo, na “poesia transmental”. Percebemos justamente aquela *realidade* (natural, histórica ou artística) que *é refletida pela palavra como seu signo*. Por isso, na comunicação linguística viva, na interação discursiva, não avaliamos a palavra como um som articulado, relacionando a algumas significações, a palavra como objeto de estudo gramatical, mas sim o *sentido*, o conteúdo, o *tema* contidos na palavra, ouvida ou lida. (VOLÓCHINOV, [1895-1936] 2019, p. 316) (Grifo do autor).

A palavra, assim sendo, é uma percepção, uma refração, isto é, um ponto de vista avaliativo do sujeito acerca de uma realidade social. Para Volóchinov, “Qualquer pessoa, ao conhecer a realidade, a conhece de um determinado ponto de vista” (VOLÓCHINOV, [1895-1936] 2019, p. 317). Isso ocorre porque vivemos e agimos em um mundo saturado de valores, em que cada um dos nossos atos e gestos são, imprescindivelmente, avaliados, valorados, interpretados de diferentes formas e maneiras (FARACO, 2009, p.22). É nessa atmosfera dialógica e ideológica, totalmente saturada por valores sociais, que vamos construindo o nosso ponto de vista sobre o mundo e as coisas que nele há. Sobre isso, Volóchinov diz que:

É justamente por isso que *uma mesma palavra*, quando dita por pessoas de diferentes classes, refletirá também diferentes olhares, expressará diferentes pontos de vista, mostrará diferentes relações com a mesma realidade, com o mesmo fragmento de existência, que é o tema dessa palavra. (VOLÓCHINOV, [1895-1936] 2019, p. 316) (Grifo do autor).

Conforme exposto, para Volóchinov, a palavra revela o ponto de vista expresso por pessoas de diferentes classes sociais. Desse modo, o lugar de onde falamos, durante o processo de interpretação ou produção de um enunciado, é ideológico, produz e orienta sentidos, uma vez que fornece parâmetros, de uma forma ou de outra, para interpretarmos e nos posicionarmos sobre algo ou alguma coisa no mundo. É nessa perspectiva da relação de classes que Volóchinov concebe a questão do ponto de vista. Vejamos:

Toda a questão se reduz ao quanto o ponto de vista dessa pessoa corresponde à realidade objetiva. Um ponto de vista não é o resultado pessoal de um sujeito cognoscente: ele é o ponto de vista da classe à qual o sujeito pertence. Portanto, a objetividade e a plenitude do ponto de vista (a medida de correspondência da palavra à realidade) são condicionadas pela posição de dada classe na produção social. Diferentes classes também possuem diferentes pontos de vista; na língua de cada classe existe uma medida especial para a correspondência entre a palavra e a realidade objetiva. (VOLÓCHINOV, [1895-1936] 2019, p. 316).

Assim, para o autor, o ponto de vista de um indivíduo não é fruto do seu próprio pensamento, mas da classe a que pertence, do lugar de onde fala em uma determinada realidade social. Dessa forma, sujeitos de diferentes classes possuem diferentes pontos de vista, porque percebem a realidade de diferentes maneiras. Este fenômeno, por sua vez, revela-se por meio da palavra e da linguagem de um modo geral, já que os nossos enunciados, frutos do processo de interação discursiva, apresentam uma série de elementos estilísticos-composicionais em sua constituição: a seleção e o enquadramento de vozes sociais, a organização fraseológica e a seleção lexical dos termos, os tons expressivos dos enunciados, entre outros.

3.4 Uma noção de “ponto de vista” a partir de Bakhtin e de Volóchinov

Nesta seção, a partir das considerações expostas ao longo deste capítulo, buscaremos propor uma noção de ponto de vista que sirva como pano de fundo para a leitura ativamente responsiva dos dados desta tese. Para início, ressaltamos, de forma breve, alguns aspectos já discutidos, os quais norteiam e amparam o “conceito” que, posteriormente, será apresentado. Convém destacar que os aspectos expostos a seguir aparecem, no decorrer da teoria, de forma interligada. Todavia, por questões didáticas, discorreremos sobre cada um de forma separada. Vejamos:

- **Aspecto 1 - A relação “eu” e “outro”** - Em primeiro lugar, para pensar uma noção de “ponto de vista”, assumimos o pressuposto de que o “eu” e o “outro” são categorias fundamentais no processo de constituição tanto do indivíduo como da linguagem. Para Bakhtin, eles são dois centros de valores, essencialmente, diferentes, que se correlacionam entre si. Dessa forma, cada um sente, percebe e atribui valor a si, ao outro e à realidade experienciada de diferentes modos ou maneiras. Valorar é humano, logo, não é possível viver sem realizar, ininterruptamente, juízos de valores. Na linguagem, este aspecto também ganha fundamental relevância, visto que, para

Volóchinov, o processo de construção de sentidos, no qual o signo ideológico se constitui, advém da interação entre locutor e interlocutor. Cada um desses indivíduos, que são socialmente organizados, refrata, isto é, interpreta a realidade à sua maneira. Em vista disso, o signo ideológico carrega um número incontável de axiologias, aspecto que contribui, de forma significativa, à noção de ponto de vista.

- *Aspecto 2 - O excedente de visão* - Em segundo lugar, para pensar uma noção de “ponto de vista”, partimos do pressuposto de que cada indivíduo, que se constitui um centro de valor, ocupa um lugar, no mundo real, que não pode ser ocupado por outro. Eu sou, por sua vez, o único que penso, sinto e ajo naquela posição, naquele excedente de visão. Desse modo, embora o meu ponto de vista, em determinadas situações, apresente uma relação de identidade com o da classe social a que pertenço, não há coincidência, equivalência de visões, haja vista que sou um ser singular e insubstituível¹¹. Em vista disso, Bakhtin ([1895-1975] 2003) aponta que assumindo uma devida posição, torna-se possível minimizar as diferenças de horizontes. Todavia, não podemos eliminá-la totalmente, porque, para isso, “urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p. 21). Na linguagem, esse aspecto é também importante, visto que, no processo de interação discursiva, produzimos os nossos enunciados, os quais se caracterizam pela unicidade e pela irrepetibilidade, de um lugar social, o qual, de certa forma, orienta o nosso posicionamento avaliativo sobre algo ou alguma coisa no mundo. Isso, por sua vez, reflete-se em nosso dizer cotidiano.
- *Aspecto 3 - A consciência socioideológica* - Em terceiro lugar, para pensar uma noção de “ponto de vista”, partilhamos do pressuposto de que a consciência individual de um sujeito é social e ideológica por natureza, uma vez que ela se constitui, no processo de comunicação social, a partir de um material sócio. Dessa forma, a consciência individual se alimenta, em todo tempo, de signos ideológicos, os quais carregam, em seu interior, diferentes refrações, diferentes interpretações dos indivíduos acerca de uma realidade social. Por consequência, a experiência discursiva de qualquer indivíduo

¹¹ Salientamos que não concebemos “singularidade” e “insubstitutibilidade” como “individualidade”, a qual, para o *Círculo de Bakhtin*, está relacionada ao Subjetivismo Idealista, isto é, ao que é constituído no interior do indivíduo, de uma única consciência, sem relação exterior. A singularidade e a insubstitutibilidade não eliminam o caráter social do sujeito; revelam, por outro lado, a sua peculiaridade, a sua unicidade no evento dialógico da vida, o qual pressupõe, no mínimo, duas consciências ativamente responsivas.

sempre será, em grande medida, heterogênea/diversificada. Para Volóchinov ([1930] 2019), até os nossos pensamentos mais íntimos são, indiscutivelmente, penetrados pelas avaliações do (s) nosso (s) ouvinte (s), do nosso auditório social. Nesse sentido, nossa consciência é dialógica, porque apresenta, no mínimo, duas vozes independentes e contraditórias entre si. Construimos o nosso ponto de vista sobre algo ou alguma coisa no mundo nesse jogo de vozes sociais. Afinal, “de onde eu tirei esse ponto de vista ‘pessoal’, a não ser dos pontos de vista daqueles que me educaram, com quem estudei, daqueles que li em jornais e livros, que ouvi em manifestações e palestras?” ([1930] 2019, p. 275). Toda essa heterogeneidade, por sua vez, faz-se presente no meio das nossas construções discursivas nas mais diversas situações em que fazemos uso da linguagem.

Em vista do exposto, concebemos o “ponto de vista” como o *posicionamento axiológico, avaliativo, de uma consciência socioideológica, caracterizada pela singularidade e pela insubstitutibilidade de seu excedente de visão, frente a outras consciências socioideológicas*. Para finalizarmos nossa discussão, ressaltamos que, no capítulo metodológico deste trabalho, retomaremos esta noção, para que, em seguida, possamos apresentar as categorias analíticas que surgiram a partir da leitura dos dados coletados nesta pesquisa, bem como das reflexões teóricas elaboradas em seu decorrer.

4 EVANGÉLICOS EM CENA: DA REFORMA PROTESTANTE AOS GRUPOS EVANGÉLICOS PROGRESSISTAS

Cada campo de criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo. Cada campo possui sua função específica na unidade da vida social. (VOLÓCHINOV, 2018, p.94).

Cada campo ideológico, espaço discursivo caracterizado pelas múltiplas e variadas atividades humanas que requerem o uso da linguagem, refrata a realidade social à sua maneira, isto é, dá valor, sentido, ao mundo de um modo, especificamente, particular. À vista disso, traçamos como objetivo deste capítulo discutir o campo ideológico religioso evangélico¹², atentando, especialmente, para o movimento evangélico progressista, a fim de conhecermos melhor os princípios que regem esse movimento cristão protestante.

No final deste capítulo, esperamos que o nosso leitor consiga obter uma visão panorâmica e clara do segmento evangélico progressista. Para isso, inicialmente, faremos um breve percurso que retrata, de forma não exaustiva, o surgimento do movimento protestante e a sua instalação no Brasil. Em seguida, abordaremos alguns princípios básicos que norteiam o pensamento e o comportamento dos seguidores evangélicos em geral. Para finalizar nossas considerações, apresentaremos o movimento evangélico progressista, abordando, de forma mais longa e detalhada, os aspectos fundamentais que estruturam e dão forma ao pensamento dessa perspectiva religiosa protestante.

4.1 Um breve percurso histórico do movimento cristão evangélico

No decorrer da Idade Média, na Europa, a igreja católica tornou-se uma forte e relevante instituição da época. Todavia, no fim deste período, surgiram diversos movimentos reformadores devido ao forte sentimento de descontentamento entre teólogos, membros da igreja e parte da sociedade em geral. Maia (2006) aponta que o motivo pela dissidência no meio religioso era o inconformismo com o grande poder que o Papa exercia na Europa, bem como a maneira como a igreja lidava com a população na época.

¹² Nesta tese, faremos uso do vocábulo “evangélico” de maneira mais abrangente. Este posicionamento se justifica a partir das considerações de Mariano (2012), sociólogo da religião, que afirma que, no contexto da América Latina, o termo pode compreender os segmentos históricos que nasceram e descenderam da Reforma Protestante no século XVI (Igrejas luteranas, presbiterianas, metodistas etc.), bem como os grupos pentecostais que surgiram no século XIX (Igrejas Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça etc.). Todavia, em alguns momentos, faremos uso do vocábulo “protestante” para fazer menção às correntes mais históricas que compõem movimento evangélico.

As ações de revolta e contestação contra a igreja católica continuaram ocorrendo até o século XVI, quando Martinho Lutero, monge agostiniano alemão e professor de teologia da Universidade de Wittenberg, encabeçou um dos maiores movimentos reformadores da história, responsável pela estruturação do que conhecemos, hoje, como movimento protestante. Na ocasião, o monge afixou 95 teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg com fortes críticas voltadas à igreja católica, especialmente à cobrança de indulgências e à autoridade concebida ao Papa e aos padres que compunham a instituição.

As ideias de Lutero ganharam forte adesão entre os que também estavam insatisfeitos com a soberania papal, aspecto que fez com que outros segmentos reformadores surgissem e ganhassem adeptos no interior da Europa. O anabatismo e o metodismo, afirma Maia (2006), são exemplos disso. Segundo o autor, o anabatismo era conhecido como o movimento mais radical da reforma protestante e o metodismo, originado por John Wesley (clérigo anglicano), como o grupo religioso que mais se destacava pelo método de organização de suas reuniões e estudos.

A perseguição aos grupos protestantes fez com que muitos adeptos migrassem para os Estados Unidos, pregando suas crenças e os seus modos de perceber/interpretar a realidade. A expansão e o fortalecimento desses religiosos em solo americano resultaram no desenvolvimento de um novo movimento protestante, o Pentecostalismo, que tem suas bases doutrinárias no livro *Atos dos Apóstolos*, na Bíblia Sagrada – considerada, entre os fiéis, uma espécie de “manual de fé e de prática” do cristianismo.

Uma considerável parcela dos evangélicos pentecostais acreditam que ocorre, até os dias atuais, o batismo pelo Espírito Santo, uma das “pessoas” que compõe a trindade “Pai, Filho e Espírito Santo”. Essa crença tem como fundamento o capítulo 2 de *Atos dos Apóstolos*, espaço em que é narrada a descida do Espírito Santo, cinquenta dias após a ressurreição de Jesus Cristo, considerado, entre os seguidores, o messias libertador do povo de Deus. Vejamos o excerto abaixo:

Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava. (ARTERBURN, 2012, p. 1244).

Nesse sentido, o pentecostalismo é um movimento avivalista que propõe o despertar da fé, sob a justificativa de que o Espírito Santo permanece agindo sobre o povo de Deus na

atualidade. Nessa perspectiva, assim como ocorreu em Pentecostes, muitos fiéis podem receber o dom de falar em línguas “estranhas”, línguas angelicais, o qual é considerado, em meio à comunidade religiosa, um presente divino. Falar em línguas “estranhas” é sinônimo de intimidade com Deus, haja vista que, apenas, Deus e o fiel agraciado sabem o teor da mensagem, que foi elaborada no decorrer de um pico emocional durante um ritual religioso.

Para que um fiel seja batizado pelo Espírito Santo, é indispensável que busque, cotidianamente, a santificação, um processo caracterizado pela realização de uma série de práticas morais e espirituais que o habilitam a receber esta virtude divina. Segundo Maia (2006), a santificação tem origem no Metodismo de John Wesley, uma vez que o líder protestante acreditava que, após a justificação¹³, o homem deveria dedicar-se, integralmente, à santificação.

O movimento evangélico, em sua essência, é fundamentalista, aspecto que ganhou ênfase no pentecostalismo norte-americano. Segundo Teixeira (2010),

O fundamentalismo, como bem pontua a autora, acompanha as denominações protestantes desde os séculos XVIII e XIX e, nos Estados Unidos, especialmente, a partir do fenômeno do “Grande Avivamento” do século XVIII, quando igrejas protestantes empenharam-se em reavivar a fé, buscando os fundamentos das primitivas igrejas cristãs. (TEIXEIRA, 2010, *apud* SILVA, 2010, p. 8).

O fundamentalismo, característica marcante tanto dos evangélicos pioneiros como dos pentecostais que vieram dos Estados Unidos para o Brasil, prega a fidelidade, de forma incontestável, aos princípios bíblicos do novo testamento, ressalta Silva (2010). Também conhecidos por conservadores, é comum os fundamentalistas defenderem, em seu discurso cotidiano, a separação entre a igreja e o “mundo” (metáfora utilizada para designar aqueles que não fazem parte do segmento, da irmandade, e não praticam os mandamentos divinos).

O fundamentalismo evangélico, diz Silva (2010), é impermeável ao diálogo e coloca-se como um movimento que se opõem a qualquer “avanço” científico na hermenêutica bíblica, isto é, a qualquer tentativa de interpretação dos textos bíblicos à luz de instrumentos teórico-metodológicos científicos, compreendidos, pelo grupo, como novas modas interpretativas, “modernismo pernicioso”.

Ainda sobre o pentecostalismo, é importante ressaltar que, de acordo com Maia (2006), a questão racial, inicialmente, não apresentou muita influência no surgimento do

¹³ Doutrina bíblica que afirma o perdão divino dos pecados cometidos pelo homem.

pentecostalismo nos Estados Unidos. Todavia, em 1908, o modelo de segregação racial – presente na sociedade americana – gerou uma separação dentro do movimento. O pentecostalismo negro, primeiro grupo que se constituiu no interior segmento, buscou propagar uma visão de fé que mantinha forte relação com questões político-raciais. Seus seguidores defendiam, por sua vez, que Cristo era negro, porque se identificava com os pobres, pretos e oprimidos.

Por outro lado, o pentecostalismo branco, que também se originou dessa fragmentação, buscou manter uma orientação, especificamente, religiosa, ficando distante de questões sociais e políticas em sua doutrina. Tal aspecto influenciou, de forma relevante, no cenário evangélico brasileiro, visto que foi esse grupo¹⁴ que chegou ao país, junto com outros segmentos protestantes migratórios, durante o século XIX, com a motivação religiosa de pregar a mensagem do evangelho cristão a todas as nações.

Para entendermos um pouco o Pentecostalismo no Brasil, faremos uso de uma classificação, realizada a partir de critérios históricos de implantação de igrejas, em distinções teológicas e comportamentais, apresentada por Mariano (2004), em seu artigo científico *Expansão Pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. De acordo com o autor, o pentecostalismo brasileiro foi estruturado em três fases, que abordaremos a seguir.

A primeira fase do movimento foi denominada de *pentecostalismo clássico*, que, de acordo com Mariano (2004), compreendeu as igrejas pioneiras: *Congregação Cristã no Brasil*, fundada em 1910, e *Assembleia de Deus*, originada em 1911. Segundo o autor, as instituições são frutos de missionários que, embora tenham nacionalidade europeia, converteram-se ao pentecostalismo nos Estados Unidos e, em seguida, partiram para o Brasil com o objetivo de evangelizar os povos. Em suas pregações, as igrejas enfatizavam a glossolalia, isto é, o dom de falar em línguas estranhas como uma virtude divina.

A segunda fase não obteve um nome específico e consensual na literatura acadêmica. Todavia, começou, em 1950, a partir da *Cruzada Nacional de Evangelização*, evento desenvolvido, em São Paulo, por dois missionários norte-americanos da *Internacional Church of the Foursquare*, Harold e Mary Williams. Em 1953, fundaram a *Igreja Quadrangular* no estado de São Paulo; posteriormente, em 1955, a *Igreja Brasil para Cristo* e, em 1962, a *Igreja Deus é Amor*, ambas também em São Paulo; em 1964, surgiu a *Igreja Casa da Bênção* em Minas Gerais. Segundo Mariano (2004), “Como estratégia proselitista, além da ênfase na cura,

¹⁴ De acordo com Maia (2006), no Brasil, os primeiros grupos protestantes (presbiterianos, batistas, congregacionais, luteranos etc.) chegaram em meados do século XIX e prepararam o caminho para que, no início do século XX, o Pentecostalismo ganhasse espaço no país.

essa vertente pentecostal notabilizou-se pelo intenso uso do rádio e pela pregação itinerante com o emprego de tendas de lona” (MARIANO, 2004, p. 123).

A terceira fase do pentecostalismo, denominada de neopentecostalismo, teve início na segunda metade da década de 1970, com a *Igreja Universal do Reino de Deus* – fundada em 1977 no Rio de Janeiro –, a *Igreja Internacional da Graça de Deus* (1980) – fundada em 1980 no Rio de Janeiro –, a *Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra* – fundada em 1976 em Goiás –, e *Renascer em Cristo* – fundada em 1986 em São Paulo. Todas essas instituições foram fundadas por pastores brasileiros. Segundo Mariano,

No plano teológico, caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo. (MARIANO, 2004, p. 124).

Dado o exposto, os princípios doutrinários acima regem o pensamento e, por sua vez, as ações dos evangélicos pentecostais. É comum, no âmbito dessas igrejas, a realização de cultos com fenômenos mágico-religiosos, práticas espirituais terapêuticas e pregações que enfatizam a prosperidade do fiel, do seguidor. É relevante ressaltar que esse movimento conquistou grande aceitação social, haja vista que alguns pastores e líderes religiosos são proprietários de emissoras de TV no país. Desse modo, o televangelismo virou um importante meio difusor da mensagem evangélica neopentecostal.

O pentecostalismo, no geral, é um movimento cristão protestante cuja evangelização está direcionada aos povos mais simples (ROLIM, 1985, p.64), diferentemente dos cristãos mais históricos¹⁵ que buscavam, por meio da educação religiosa, alcançar a classe burguesa. Dessa forma, no pentecostalismo, é comum a formação de pregadores não letrados, que advêm das classes mais populares da sociedade, o que viabiliza, às classes sociais mais pobres, a vivência efetiva da sua fé. Em virtude disso, os evangélicos pentecostais ganharam, amplamente, espaço e força no Brasil.

¹⁵ Refere-se aos grupos protestantes que se estruturaram logo após a Reforma Protestante.

4.2. O pensar e o proceder dos cristãos evangélicos: aspectos gerais da doutrina cristã

Nesse espaço, discutiremos alguns princípios que fundamentam as crenças religiosas dos cristãos protestantes, popularmente conhecidos por evangélicos, bem como isso influencia no comportamento que apresentam no cotidiano.¹⁶ Nossas reflexões terão por base algumas considerações apontadas pelo educador, teólogo, filósofo, psicanalista e escritor Rubem Alves (2005)¹⁷. Suas considerações, a partir dos estudos sociológicos, viabilizarão um panorama geral, de forma clara e detalhada, sobre o movimento evangélico, incluindo a cosmovisão de mundo e os múltiplos comportamentos desse grupo.

Alves (2020) afirma que, para entendermos o universo protestante, devemos partir do seu nascimento, ou seja, do momento da conversão do indivíduo, fenômeno denominado, pela comunidade evangélica, como “novo nascimento”, terminologia adotada a partir de interpretações de textos bíblicos, como o que está presente no livro *II Coríntios*, especificamente no capítulo 5, versículo 17: “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas” (ARTERBURN, 2012, p.1331).

Para Alves (2020), a linguagem viabiliza a interpretação do mundo, visto que cada sujeito, do seu ponto de vista, dá-lhe significação, valor. Nesse sentido, a conversão é o processo de reestruturação ou reconstrução dos esquemas interpretativos que um indivíduo havia elaborado antes; é o início de uma nova atitude axiológica frente à vida. A conversão é o processo em que um sujeito abandona um discurso, uma determinada comunidade, e se associa a outra. Esse fenômeno religioso se fundamenta na necessidade humana de busca por propósito, por sentido para a vida.

O converso é aquele que, perante à igreja, confessa a sua natureza pecaminosa e reconhece a Jesus Cristo como seu único e suficiente salvador. Segundo Alves (2020), é uma crise emocional que viabiliza a necessidade de conversão para o homem, que, por sua vez, não

¹⁶ O movimento evangélico, por natureza, é muito diversificado. Todavia, sabemos que uma grande parcela do segmento defende princípios e comportamentos similares. Sabemos também que alguns adeptos da religião optam por seguir princípios e comportamentos que diferem da parcela majoritária, isto é, daquilo que vamos apresentar no decorrer desta seção. Contudo, estes grupos serão abordados na seção posterior, já que constituem, em si, os evangélicos progressistas, cujos princípios e comportamentos não ousaríamos tipificar, porque são agrupamentos bastante diversificados e variados.

¹⁷ *Religião e Repressão* foi uma obra publicada em 2005, que teve por objetivo investigar, por meio da linguagem do grupo, o espírito protestante, isto é, sua forma de interpretar uma dada realidade social. O autor toma como base teórica de sua investigação os lapsos de língua, de escrita, de leitura, de audição e de memória discutidos por Freud no livro *Introdução geral à Psicanálise*.

sabe dar nome ao que sente. Dessa forma, é preciso nomear para compreender as próprias emoções. Nesse contexto, é a igreja quem define e caracteriza o que o homem, visto como perdido pecador, sente e precisa para dar sentido à sua vida.

Alves (2020) também aponta que os primeiros meses da conversão de um homem são perpassados pelo êxtase emocional da sua nova condição, aspecto que influencia, de forma preponderante, o seu novo modo de pensar, falar e comportar-se. “Seu discurso é expressivo, confessional. É como um apaixonado que pode falar dias e noites sem fim sobre o seu amor. E ele se sente forte”. (ALVES, 2020, p. 73). O novo convertido vivencia, como é afirmado em grande parte das comunidades evangélicas, o seu “primeiro amor”.

Após confessar Jesus Cristo como único e suficiente salvador, o indivíduo passa a dividir sua vida em *antes* e *depois* da conversão, demarcando duas experiências distintas: uma negativa e outra positiva. Antes da conversão, ele se designa como o velho homem, aquele que é pecador e vive cheio de ansiedade, culpa, angústia, incerteza e falta de sentido para a vida. Depois da conversão, a sua vida passa a ter propósito, sentido, e segue cheia de paz, alegria, certeza etc.

O converso é um “novo homem” que passa a integrar, a partir da sua confissão, a comunidade evangélica, bem como a fazer parte do reino de Deus, tornando-se herdeiro de todas as promessas divinas. Por outro lado, os não-convertidos são aqueles que fazem parte do “mundo”, metáfora utilizada para designar todos os que não passaram pelo rito de conversão nas igrejas evangélicas, os quais ainda são considerados pecadores afastados e destituídos da presença divina.

Sobre o pecado na perspectiva protestante, é importante ressaltar que está diretamente relacionado à noção de impureza, sendo considerado como sujeira, lama, imundície etc. Alves (2020) aponta que o pecador é concebido como alguém fadado ao lamaçal, por isso não tem o direito de se relacionar com Deus, que é puro. “Ser homem é ser pecador. E ser pecador é estar destinado à perdição eterna. A condição de perdido se aninha no interior do meu ser, independentemente de qualquer ato ou decisão” (ALVES, 2020, p. 78).

O pecador é visto como alguém que está entregue às suas próprias paixões e desejos, os quais são considerados impuros por natureza; é alguém que cortou relações com Deus e está escravizado por poderes demoníacos, por isso é incapaz de ser expiado, perdoado, por si mesmo. Todavia, a sua vida é o tempo da oportunidade, uma vez que “Enquanto se vive, é possível modificar a *orientação* existencial para com o divino” (ALVES, 2020, p.80) (grifo do autor), é possível converter-se a Cristo.

O pecador está destinado ao “inferno”, termo utilizado na *Bíblia Sagrada* para designar uma espécie de “lugar” de castigo, de condenação eterna, para onde vão aqueles que não confessam seus pecados nem reconhecem a Jesus Cristo como único e suficiente salvador. No decorrer da Bíblia, aparecem como sinônimos desse termo as expressões “fogo eterno”, “lago de fogo e enxofre”, “fornalha ardente” etc.

Somente Jesus pode expiar, perdoar o homem dos seus pecados, livrando-o do inferno, do eterno castigo divino. Na visão protestante, ele é reconhecido como o filho de Deus, conforme observamos na popular confissão do apóstolo Pedro, presente no livro base do movimento, ao conhecê-lo: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (ARTERBURN, 2012, p.1113). Para o cristianismo, Jesus Cristo é uma espécie de elo, de ponte entre o homem, julgado pecador, e o próprio Deus, considerado perfeito; ele é o projeto divino para redimir a humanidade do pecado.

Segundo Alves (2020), Jesus Cristo “aquele que se colocou *em meu lugar*, *substituiu-me*, recebendo a punição imposta pela ordem, que assim permaneceu intacta”. (ALVES, 2020, p. 85, grifo do autor). Ele foi, nesse contexto, uma espécie de “cordeiro” enviado por Deus para ser sacrificado no lugar do homem. A expressão “cordeiro de Deus”¹⁸, utilizada no livro *Evangelho de João*, faz referência ao velho testamento bíblico, especialmente ao ritual pascal¹⁹ em que os judeus, considerados povo escolhido de Deus, sacrificavam um cordeiro macho, puro, sem mácula e sem defeitos para que os seus pecados fossem perdoados.

Jesus, por sua vez, é considerado, entre os protestantes, o sacrifício perfeito em prol dos pecados da humanidade. Segundo Alves,

A função de Cristo é, portanto, mediadora. Ele se coloca entre Deus e os homens, ou seja, no ponto da causalidade inflexível: ele recebe o que Deus tinha de dar ao homem e oferece a Deus o que o homem tinha de oferecer-lhe. E, conseqüentemente, ele oferece ao homem o que Deus não poderia oferecer-lhe: graça, amor e perdão. (ALVES, 2020, p. 87).

Jesus Cristo, nos termos citados, apresenta uma função conciliadora, agindo como mediador entre Deus e o homem e oferecendo, por consequência, ao pecador aquilo que não lhe pertencia mais por direito. Ele é visto como o messias prometido por Deus, o libertador e o salvador de Israel, considerado, na cultura da época, o único povo escolhido e separado por Deus para si.

¹⁸Texto que faz referência ao termo “cordeiro” na *Bíblia Sagrada*: “No dia seguinte João viu Jesus aproximando-se e disse: “Vejam! É o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (JUSTINO, 2012, p. 1209)

¹⁹ Em Êxodo, capítulo 12, é possível encontrar toda a narrativa que demonstra o ritual da páscoa judaica.

Essas crenças possuem como fundamento a *Bíblia Sagrada*, considerada o manual de fé e prática dos evangélicos e, por isso, determina os pensamentos e comportamentos dos adeptos da religião. Segundo Alves (2020), a *Bíblia Sagrada* é um compilado de confissões que relata as experiências dos homens do passado com Deus; é um livro de testemunhos que serve de parâmetro para os fiéis na atualidade, uma vez que ajuda a entender, sob a ótica cristã, a própria vida. A *Bíblia Sagrada* é uma espécie de guia espiritual para os evangélicos, como observamos em um texto que nela está presente: “A tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho” (ARTERBURN, 2012, p. 698).

Segundo Alves (2020), embora apresente os testemunhos de homens do passado, a *Bíblia* é considerada, pelos evangélicos, a palavra de Deus. Dessa forma,

O texto contém palavras que brotaram da eternidade e foram escritas no tempo. Deus falou de forma final e completa. Fala ele ainda hoje? Sim, mas o seu falar hoje nada acrescenta ou subtrai da palavra já falada no passado, de uma vez por todas. A palavra atual de Deus é como a repetição de uma gravação, feita milhares de anos atrás. Há um sem-número de recombinações possíveis. O que não é possível é que a sua fala de hoje acrescente, contradiga ou diminua o que ele já disse no passado (ALVES, 2020, p. 108).

Nesse sentido, a *Bíblia* apresenta a palavra do próprio Deus, sendo considerada “verdade” absoluta e inquestionável. Ela é compreendida, pelos evangélicos, como o único ponto de partida correto para uma vida justa na terra, local onde permanecem, apenas, de passagem, já que o “céu”²⁰, termo utilizado para designar o lugar preparado por Deus para aqueles que o seguem, é a recompensa daquele que permanecer fiel ao que está escrito no texto sagrado até a morte.

A *Bíblia*, para os evangélicos, é a autoridade de Deus sobre o homem, porque é um livro divinamente inspirado. Mendes e Santos (2007) afirmam que a doutrina da inspiração divina consiste em Deus se revelar à humanidade, no decurso da história, por meio das linguagens que são acessíveis ao homem, considerado o ouvinte da “Palavra”. À vista disso, a autoridade, atribuída aos textos bíblicos, faz com que seus ensinamentos e mandamentos sejam cridos e obedecidos sem levar em consideração, muitas vezes, os costumes e tradições de um povo.

Alves (2020) aponta que a doutrina da inspiração divina abole qualquer mediação humana da *Bíblia Sagrada*, visto que os cristãos compreendem que o próprio Deus fez com

²⁰ Segundo Alves (2020), a morte do cristão não é, simplesmente, a morte; é uma espécie de promoção à glória, já que ele passa a habitar com Deus. Sua alma é aperfeiçoada, remida, santificada, a qual entra imediatamente no céu, uma espécie de paraíso criado pela divindade.

que toda a mensagem fosse escrita. O homem foi, apenas, uma espécie de “instrumento divino”. Desse modo, a Bíblia não é vista como a expressão da cultura de um povo, porque são desconsiderados aspectos sociais, históricos, ideológicos e culturais que compõem o seu contexto de produção, embora, em sua interpretação, esses fatores sejam considerados, conforme tem ensinado a hermenêutica²¹.

Para os evangélicos, toda experiência humana atual deve se pautar no texto bíblico, porque a “Palavra de Deus” é autoridade absoluta e imutável. Em virtude disso, nada deve mudar, porque o processo de criação de significados está encerrado. O passado, apresentado pela *Bíblia*, deve permanecer como parâmetro para o presente e para o futuro. Para os cristãos, “O texto (bíblico) foi *preservado* puro em todos os séculos, de sorte que o texto que temos hoje diante de nós contém, na sua totalidade, as próprias palavras de Deus. A Bíblia é, assim, a voz de Deus” (ALVES, 2020, p.111) (Grifo do autor); a “Palavra” inerrante que deve direcionar não só o pensamento, mas também o comportamento do cristão.

Sobre isso, é importante destacar que o comportamento dos evangélicos é guiado pelas variadas interpretações que a Igreja (via hermenêutica), vista e reconhecida como instituição responsável por ensinar, elabora dos textos bíblicos. “Ela sabe o que é o bem e o que é o mal. E, portanto, somente ela pode enunciar os mandamentos “Tu deves”, “Tu podes”. A Igreja determina o indicativo. A igreja determina o imperativo” (ALVES, 2020, p.183). É a Igreja, por exemplo, quem estabelece que o homem dever fazer uma confissão pública e se comportar segundo determinados aspectos para ser um cristão verdadeiro e viver em comunidade.

Além disso, para se tornar um fiel verdadeiro, a Igreja discipula²² o novo convertido, dando-lhe uma consciência moral, para que saiba distinguir, na ótica protestante, o que é o bem e o mal. O bem está relacionado à vontade de Deus, a qual deve ser obedecida e praticada pelos seus fiéis; enquanto o mal é o descumprimento dessa vontade, que resulta no pecado, na ruptura dentro do campo relacional entre o homem e Deus.

A moralidade sexual é um dos princípios básicos que perpassa o conjunto de normas e regras formuladas pela Igreja (a partir da sua interpretação da *Bíblia Sagrada*) para que os fiéis pratiquem e obedçam. Segundo Alves (2020, p. 196), “A moralidade impõe sobre a vontade uma disciplina de repreensão sistemática dos impulsos vitais”. Dessa forma, quanto maior for o controle sexual do corpo, maior é a proximidade que o fiel mantém com Deus.

²¹ De acordo com Eagleton (2011), teólogo e professor, a Hermenêutica consiste na ciência e na arte de interpretação da *Bíblia Sagrada*. Ciência, porque apresenta normas e regras classificadas em um sistema ordenado, e arte, porque a comunicação mostra-se flexível.

²² Ensina-lhe, uma vez que detém o conhecimento e estabelece uma relação “mestra-aprendiz” com o novo convertido.

Para uma considerável parcela dos protestantes, o sexo é permitido, exclusivamente, no contexto do casamento entre um homem e uma mulher. Fora disso, antes ou depois, é um ato, terminantemente, proibido, porque é visto com um pecado, como algo sujo e vergonhoso. Nesse sentido, o fiel deve guardar o seu corpo, purificando-o, incessantemente, para que Deus possa habitá-lo, usá-lo. O corpo se transforma, então, em uma espécie de moradia e de instrumento divino que requer, do fiel, contínuo zelo espiritual e moral.

A moralidade sexual, convém destacar, é, ainda, uma espécie de parâmetro para muitos outros costumes cristãos, a exemplo do uso de roupas e maquiagens, da prática da dança e da música etc. Alves (2020) aponta que, na visão protestante, a moralidade é, de forma clara, uma espécie de fronteira que separa os evangélicos dos não evangélicos, pois, de um lado, estariam os santificados e salvos por Deus e, do outro, os “mundanos” e “perdidos”, os quais se destinam ao castigo eterno.

Os evangélicos estão sempre diante de interdições que representam proibições, ou seja, um conjunto de limites cuja consciência, à luz do que lhe foi ensinado pela Igreja, aprende a julgar como “certo” ou “errado”. Alves exemplifica essa questão no seguinte excerto: “Lembro-me do crente que se abstinha sistematicamente de tomar guaraná nos bares pois alguém, passando lá fora, podia pensar que se tratava de cerveja” (ALVES, 2020, p. 215). Dessa forma, é melhor abster-se, evitando tomar o guaraná, do que ser mal interpretado, julgado ou, mesmo, disciplinado por algo que não fez.

A disciplina, afirma Alves (2020), é uma espécie de castigo em que o pecador é exposto, publicamente, perante a comunidade, que o rejeita, o separa, mas não objetiva excluí-lo totalmente, porque, dele, espera arrependimento. Nesse contexto, o fiel desobediente é interditado, uma vez que não pode participar dos sacramentos enquanto não estiver reabilitado. Para que seja aceito novamente na comunidade, ele deve passar por um novo processo de santificação, demonstrando mudança para que a sua culpa seja apagada.

Segundo Alves (2020), a disciplina só se efetiva por meio duas polaridades: de um lado, o fiel que reconhece a sua culpa e deseja ser punido por ela; do outro lado, uma consciência que não se sente culpada e deseja punir o outro. O autor afirma ainda que esse processo consiste na combinação de componentes masoquistas, porque o sofrimento liberta da culpa, e sadistas, porque a Igreja reafirma que detém as definições corretas de pensamento e de comportamento cristãos.

4.3. Evangélicos progressistas: ativismo social, político e cultural

A presente seção discutirá os principais aspectos que dão base ao segmento evangélico progressista, um grupo de protestantes que tem se destacado, na atualidade, pelo engajamento social, político e cultural. Faz-se importante destacar que, durante décadas, o segmento evangélico rejeitou o envolvimento social, construindo guetos que permaneciam fechados para o diálogo com práticas, costumes e tradições que compunham a sociedade em geral. Todavia, tal comportamento começou a ganhar, em parte, novos contornos nas últimas décadas do século XX, uma vez que grupos considerados ainda minoritários propuseram uma nova ética religiosa que, à luz de princípios bíblicos evangélicos, abrange o social, o político e o cultural.

Alencar (2018), ao discutir o engajamento social de grupos protestantes, afirma, com base no sociólogo James Hunter (2010), que existem duas formas de interação dos evangélicos com a cultura. A primeira vê a cultura²³, denominada por alguns grupos de “mundo”, como atravessada pelo pecado e pela maldade humana. Nesse sentido, os cristãos não se envolvem com o “mundo”, por isso se organizam, na maioria das vezes, em grupos fechados ao diálogo social, político e cultural. A principal missão dos adeptos desse segmento é, por sua vez, pregar o evangelho de Jesus Cristo com o objetivo de converter indivíduos ao cristianismo.

O evangélico, nesse contexto, assume uma postura proselitista, buscando conquistar cada vez mais adeptos para o seu gueto, com o intuito de ensiná-los o caminho da santificação, o único estilo de vida que, em sua perspectiva, os leva a Deus. Dessa maneira, para alcançar esse objetivo, é necessária uma transformação completa, em que o fiel, longe do “mundo”, não use bebidas alcoólicas e/ou fume tabaco; não participe de jogos de azar, a exemplo de jogos de cartas de baralho; não frequente shows, bares e/ou boates; não se envolva em questões de ordem política etc., haja vista que tais comportamentos, que são frutos da cultura em que estão inseridos, são considerados pecaminosos, por isso, dignos de reprovação pelo segmento.

A segunda forma de interação, mencionada por Alencar (2018) com base em Hunter (2010), também vê a cultura, o “mundo”, como uma dimensão perigosa. Todavia, ao invés de excluir-se da realidade cultural, o cristão cria, para si, uma cultura paralela, em que possa engajar-se, produzindo músicas, filmes, literaturas, programas de televisão, páginas de redes sociais, eventos, shows etc., isto é, produzem uma subcultura denominada “gospel”, que os autoriza a viver um estilo de vida, a seu ver, diferente daquele preconizado pelo “mundo”.

²³ Ao utilizarmos “cultura”, fazemos referência também aos aspectos sociais e políticos, porque estes a compõem.

As considerações, com base em Hunter (2010), apresentadas acima dão respaldo para que Alencar (2010), em seu estudo, proponha uma nova forma de interação dos evangélicos com a cultura. Nesse modelo, o cristão engaja-se culturalmente com o objetivo de transformar a sociedade, levando em consideração os princípios cristãos evangélicos. Originada, especialmente, entre os cristãos evangélicos históricos e tradicionais, a terceira forma não tem o objetivo de fazer com que o fiel se afaste ou domine a cultura social, mas se integre e estabeleça diálogo com ela. De acordo com Alencar,

Ao invés de tentar converter indivíduos isolados ou produzir uma cultura própria, certos grupos de evangélicos procuram transformar o mundo através do engajamento cultural ativo nas mais diversas áreas, com o objetivo de influenciar a cultura mais ampla através de elementos religiosos que possam ser reconhecidos como benéficos tanto por grupos religiosos quanto por grupos não religiosos. (ALENCAR, 2018, p.558)

Esses grupos de evangélicos, chamados de progressistas, buscam relacionar questões religiosas a temas cuja finalidade é promover a transformação social. Desse modo, envolvem-se com problemáticas “como desigualdade e injustiça social, racismo, preconceito e intolerância, violência urbana, machismo, entre outras, em busca de soluções e interpretações bíblicas que mobilizem valores religiosos associados à democracia, à cidadania e aos direitos humanos [...]” (ALENCAR, 2018, p. 558).

Elizete Silva afirma que

Um protestante progressista seria aquele com uma visão aberta, não necessariamente modernista em termos teológicos, que admite novas ideias e novas perspectivas na interpretação das doutrinas e nas práticas religiosas, que possibilitam um olhar e às vezes um engajamento na sociedade circundante. (SILVA, 2010, p. 35).

Os evangélicos progressistas, assim como o próprio movimento evangélico em si, são bastante heterogêneos no que diz respeito às teologias que os amparam, uma vez que lutam por interesses de natureza múltipla e diferenciada. Um grupo, por exemplo, pode defender questões relacionadas, exclusivamente, à justiça social, enquanto outro pode militar a favor dos direitos humanos, especialmente do acolhimento às minorias sociais no contexto cristão protestante. Já um terceiro²⁴ pode abranger aspectos políticos e/ou outros temas sociais, políticos e culturais

²⁴Alguns grupos evangélicos progressistas são ligados, apenas, à defesa de aspectos sociais, econômicos e políticos, optando por não se envolver em questões que geram polêmicas, uma vez que ainda são conservadores. Isso ocorre porque o Movimento Político Evangélico Progressista, em sua origem, foi conservador. Alencar (2018) cita a *Frente Evangélica pelo Estado de Direito* (FEED) como um exemplo disso, tendo em vista que, em seu

que formam o seu universo de interesses. É nesse sentido que podemos afirmar que a maneira de experimentar a fé, entre os evangélicos progressistas, é, relativamente, diversificada.

Essa heterogeneidade também reflete, de forma relevante, no modo como os textos bíblicos são interpretados por esses grupos, um aspecto que desagrade, sobretudo, os evangélicos mais conservadores que defendem a existência de um sentido único para os textos bíblicos. A questão da homossexualidade é um exemplo disso: Alencar (2018) aponta que textos bíblicos usados para condenar a prática da homossexualidade entre os evangélicos mais conservadores são lidos, entre os progressistas, a partir de novas chaves interpretativas que visam integrar esse grupo ao cristianismo evangélico.

Em vista disso, podemos afirmar que os evangélicos progressistas visam aproximar o cristianismo do que concebem como o lado mais oprimido da história. É por isso que muitos textos bíblicos são interpretados do ponto de vista das classes que são consideradas pobres, excluídas e marginalizadas pelo conservadorismo evangélico. Deus, nessa perspectiva, aceitaria e acolheria a todos integralmente, indiferente de classe ou de condição de existência humana.

Dada a diversidade de teologias que fundamentam os variados grupos evangélicos progressistas, a partir desse momento, buscaremos abordar, de forma resumida, alguns movimentos teológicos que foram/são relevantes para a constituição e expansão desses grupos, a exemplo do Ecumenismo, da Teologia da Libertação, da Teologia da Missão Integral (TMI), das Teologias Contextuais (Teologia Negra, Teologia Feminista, Teologia Gay etc.) etc.

4.3.1 O Movimento Ecumênico

De acordo com Dias (1998), o Ecumenismo começou a ser gestado no século XIX e ganhou força/expressão no decorrer do século XX. Esse movimento, que visa à unidade entre os cristãos, é de origem protestante, embora, posteriormente, tenha contado com a participação da Igreja Ortodoxa e, após o Concílio Vaticano II (1961 a 1965), com a colaboração da Igreja Católica Romana. Para esta perspectiva, não existe fundamento na pluralidade de igrejas que, separadas, acabam por se excluir mutuamente, por isso é necessária a unidade da Igreja em Cristo, a fim da constituição de um mundo mais solidário e fraterno.

trabalho, o coletivo não milita por questões que envolvam homossexualidade, racismo, feminismo etc., em razão de parte dos seus membros serem conservadores na forma de pensar a teologia e a sociedade. O principal objetivo, na época em que o grupo se originou, foi lutar contra o impeachment, entendido pelo coletivo como golpe de Estado, da presidenta da república Dilma Rousseff, em 2016.

Para Trabuco (2016), o movimento ecumênico mundial viabilizou subsídio teórico e institucional para a renovação do protestantismo na América Latina durante o século XX. Acerca disso, convém apontar que, em 1937, os movimentos ecumênicos *Vida e Ação*²⁵ e *Fé e Constituição*²⁶, originados, respectivamente, nas conferências ecumênicas de Estocolmo (1925) e de Lausanne (1927), começaram a pensar na formação e na implementação de um conselho de igrejas com alcance internacional que trabalhasse em prol da unidade entre as igrejas cristãs. O resultado disso foi a constituição, em 1948, durante uma assembleia em Amsterdã - Holanda, do *Conselho Mundial de Igrejas* – CMI, um órgão com a missão de desenvolver a consciência ecumênica entre as igrejas cristãs.

No Brasil, O CMI promoveu eventos importantes, a exemplo da Conferência sobre Igreja e Sociedade (1953), encontro que permitiu a reflexão e a articulação entre diferentes setores evangélicos. Além disso, convém destacar que iniciativas desse porte viabilizaram o surgimento da *Junta Latino-Americana de Igreja e Sociedade*, conhecida como ISAL, um grupo que buscou desenvolver reflexões através da responsabilidade social e da ação social, com o objetivo de influenciar as igrejas cristãs a participarem das lutas políticas para a mudança social do país.

4.3.2 A Teologia da Libertação

Outro movimento que ganhou espaço no cenário evangélico progressista é a Teologia da Libertação, que foi instituída, inicialmente, no meio cristão católico, mas também alcançou parte das igrejas evangélicas²⁷ no século XX. Voltada, especialmente, para as necessidades dos pobres e oprimidos, para a libertação da classe que considera injustiçada socialmente, ela se difundiu, na América Latina, por um viés ecumênico, visando à unidade e à cooperação para um mundo mais íntegro. O ISAL, por exemplo, embora tenha trabalho sob um viés ecumênico, ofereceu uma importante contribuição para o desenvolvimento dos movimentos de libertação

²⁵ Segundo Trabuco (2016), esse movimento preocupava-se com a prática religiosa e relação dos cristãos com as diversas crises sociais e políticas.

²⁶ Conforme Trabuco (2016), esse movimento enfatiza a necessidade de unidade mediante as diversas divergências doutrinárias entre os empreendimentos missionários e as culturas que foram evangelizadas.

²⁷ Irschlinger e Silva (2018) afirmam que, embora a Teologia da Libertação tenha alcançado o movimento evangélico, não se desenvolveu, nele, da mesma forma como no catolicismo por motivos diversos. Um dos motivos que cita, com base em Guimarães (Sem Data), é que grande parte dos evangélicos pertenciam à classe média. Já o catolicismo apresentava um grupo mais misto, com um percentual relevante de adeptos que compõem as classes mais humildes.

na América Latina. Irschlinger e Silva (2018) apontam que, com o auxílio de Santa Ana, o grupo também discutiu temas como subdesenvolvimento, fome, reforma agrária etc.

Santa Ana é um dos nomes mais relevantes da teologia latino-americana da libertação. O teólogo foi editor da revista *Cristianismo y Sociedad*, reconhecida como o principal aporte teórico da ISAL. Outro importante teólogo da libertação, especialmente pelas diversas obras que publicou sobre o tema, é José Miguez Bonino. “Para ele um evangelho que não leva em consideração os pobres e marginalizados, nem mesmo deveria ser chamado de evangelho.” (IRSCHLINGER; SILVA, 2018, P.16).

No Brasil, a Teologia da Libertação foi elaborada por teólogos como Leonardo Boff, Gustavo Gutiérrez, Ruan Luiz Segundo, Jon Sobrino, entre outros. Nascida na periferia da Igreja, ela se estruturou por meio da crítica à teologia tradicional. Rubem Alves, que escreveu e defendeu sua tese de doutorado em teologia, nos Estados Unidos, com o título *Towards a Theology of de Liberação (Por uma Teologia da Libertação)* também foi um dos importantes estudiosos e divulgadores dessa vertente.

É importante ressaltar que, de acordo com Irschlinger e Silva (2018), ao ser publicada em livro, pelo grande preconceito religioso com o termo “libertação”, a tese de Rubem Alves recebeu o título de *A Theology of Human Hope (Uma teologia da Esperança Humana)*. De semelhante modo, continua apresentando o autor, em 1987 no Brasil, o livro foi publicado com o título *Da Esperança*. Apenas, em 2012, o escrito recebeu seu nome original: *Por uma Teologia da Libertação*.

4.3.3 A Teologia da Missão integral (TMI)

A Teologia da Missão Integral (TMI) também é um movimento teológico de grande relevância para a conjuntura evangélica progressista. Ela surgiu na década de 1960, a partir das considerações de Renê Padilla, Pedro Arana e Samuel Escobar, teólogos latino-americanos que enfatizavam “a necessidade de se pensar a América-Latina como um contexto missionário específico que exigia adaptações próprias à realidade encontrada em seus países” (ALENCAR, 2018, p.8). Nesse sentido, defendiam a importância de contextualizar o cristianismo às vivências latino-americanas, criando um pensamento próprio, para que os indivíduos, adeptos à fé cristã, pudessem enfrentar os problemas típicos da sua vivência concreta.

Alencar (2018) afirma que a TMI surgiu, especialmente, porque, durante algumas conferências missionárias realizadas na Europa e nos Estados Unidos no século XX, as questões latino-americanas não foram levadas em consideração de forma adequada, o que fez

com que líderes evangélicos criassem uma teologia que não desconsidere a identidade continental. Como resultado disso, algum tempo depois, em 1970, na Cochabamba, surgiu a *Fraternidade Teológica Latino Americana* (FTL), uma instituição, baseada na TMI, que preconizava o indivíduo de forma integral, abrangendo seu lado biológico, social, psicológico e espiritual no contexto em que vive.

Trabuco (2016) afirma que a expressão “Missão Integral” significa que o evangelho, além de ser para todos, é para o homem todo, sem dicotomia entre o corpo e a alma. Existe, nessa teologia, uma preocupação que ultrapassa a dimensão espiritual (oração, consagração, jejum etc.), já que abrange também a questão econômica, social e cultural do sujeito latino-americano. Seu tema central é “O evangelho todo para o homem todo e para todos os homens”, visão, amplamente defendida pelo movimento, que se ampara no *Pacto de Lausanne*²⁸, um dos documentos mais importantes da história da igreja moderna.

De acordo com *site* Lausanne.org (s.d.²⁹), o *Pacto de Lausanne*, que foi esboçado, em 1974, no Congresso Mundial de Evangelização, contou com mais de 2.400 participantes de 150 nações. Realizado em Lausanne, na Suíça, o evento foi dirigido por John Stott, e apresenta as necessidades e objetivos do evangelismo, instaurando o pensamento evangelical³⁰ para o restante do século. Nele, encontramos os fundamentos teológicos para a evangelização global, a definição dos grupos de povos não-alcançados e um estímulo à Missão Integral.

Segundo Alencar (2018), a TMI apresenta, em seu discurso teológico, uma ênfase aos profetas do Antigo Testamento e à noção de “Reino de Deus” encontrada na *Bíblia Sagrada*. Para os teólogos, os profetas antigos, a exemplo de Amós, Isaías, Jeremias etc., lutavam contra a opressão e a exploração do povo que era considerado desobediente perante Deus, o que justificaria, por sua vez, o engajamento social dos cristãos evangélicos. No que diz respeito ao “Reino de Deus”, a TMI rejeita o pensamento que o define como algo futuro e incerto. O “Reino

²⁸ Segundo o *site* Lausanne.org, o Pacto de Lausanne consiste em um documento esboçado, em 1974, no Congresso Mundial de Evangelização, que contou com mais de 2.400 participantes de 150 nações, na Suíça. Dirigido por John Stott, ele apresenta as necessidades e objetivos do evangelismo, instaurando o pensamento evangélico para o restante do século. Obs.: Para mais informações, consultar o *site*: <https://lausanne.org/about-the-movement>

²⁹ Sem data.

³⁰ O movimento evangelical ou evangelicalismo consiste em uma espécie de ponto de equilíbrio entre o pensamento mais fundamentalista e o mais liberal (à época, a postura dos evangélicos ecumênicos era considerada liberal por grupos protestantes, porque a defesa do diálogo religioso, na perspectiva desses religiosos, feria os princípios cristãos). O evangelicalismo é um movimento transdenominacional, que mobiliza igrejas de diferentes denominações, em prol de um objetivo comum. O maior exemplo disso foi o Congresso Internacional de Evangelização Mundial, um dos eventos mais importantes da década de 1970, em que foi instituído o *Pacto de Lausanne*, que se tornou o referencial teórico mais importante do evangelicalismo. No Brasil, de acordo com Trabuco (2016), continuou-se a utilizar o termo “evangélico” como sinônimo de “protestante” e “evangelical” apenas para designar o movimento específico que originou a Teologia da Missão Integral, no final da década de 1960. A palavra “evangelical” foi utilizada como sinônimo de “protestante” somente nos Estados Unidos.

de Deus” consistiria em “uma nova realidade onde justiça, amor, misericórdia e paz prevalecerão nos relacionamentos humanos de acordo com intérpretes dessa tradição” (ALENCAR, 2018, p.14).

4.3.4 Teologias situadas/contextuais

As teologias situadas/contextuais são movimentos que buscam colocar negros, mulheres, indivíduos LGBTQIA+, indígenas etc., considerados, socialmente, uma minoria, no centro da reflexão teológica, tornando-os coparticipantes da mensagem bíblica, por isso, dignos também da libertação espiritual. Conforme Trabuco (2016), elas são “expressões e respostas cristãs à emergência de novos sujeitos políticos a partir dos anos de 1960. Todas se afirmavam como teologias de libertação e foram, ao mesmo tempo, eco dos movimentos e discurso dos sujeitos participantes” (TRABUCO, 2016, p. 368).

Trabuco (2016) ainda afirma que a primeira “onda” da Teologia da Libertação esteve relacionada às lutas anticolonialista, ao combate à exploração. Desse contexto, surgiu a teologia latino-americana, asiática e africana que se centralizava em temáticas como “pobres”, “excluídos”, “terceiro mundo” etc.. A segunda “onda”, por sua vez, alinhou-se às minorias sociais, a exemplo do movimento feminista, do movimento negro, do movimento indígena etc., gerando a discussão de temas atrelados aos interesses desses segmentos, o que resultou, posteriormente, na constituição das teologias situadas/contextuais.

Dessa forma, de acordo com Alencar (2018), as teologias situadas/contextuais “podem ser entendidas como desdobramentos da Teologia da Libertação que intentam chamar a atenção para as categorias sociais que atravessam o sujeito que crê” (ALENCAR, 2018, p. 187). Elas viabilizam a contextualização da mensagem bíblica às situações sociais e concretas da mulher, do negro, do LGBTQIA+, do indígena etc., formando, assim, uma teologia negra, uma teologia feminista, uma teologia gay, uma teologia *queer*, uma teologia indígena etc.. Adiante, veremos, de forma sucinta, algumas dessas teologias.

4.3.4.1 Teologia Feminista

De acordo com Trabuco (2016), no decorrer do tempo, a Teologia da Libertação incorporou novas abordagens, conceitos e sujeitos, abrindo caminho para que outras opressões, além das de classe, pudessem ser discutidas de forma teológica. No Brasil, por exemplo, a abertura para novas reflexões teológicas nessa perspectiva foi elaborada pelos movimentos de

mulheres e pelo feminismo, através da publicação do artigo *Mulheres, a revolução mais longa* (1967), da autora feminista Juliet Mitchel, no periódico *Paz & Terra*.

A primeira onda do feminismo europeu e norte-americano, no século XIX, se constituiu o marco principal para o surgimento de uma Teologia Feminista, uma vez que, nesse contexto, algumas militantes sufragistas, que lutavam em prol do direito ao voto e do direito à participação das mulheres em eleições públicas, eram protestantes. Segundo Trabuco (2016), esse grupo protestante acreditava que “uma crítica exclusivamente política da exclusão dos direitos sociais das mulheres era limitada se não se fizesse acompanhar de uma crítica à matriz cultural da opressão feminina no ocidente: a Bíblia” (TRABUCO, 2016, p. 259).

À vista disso, uma crítica contundente foi realizada ao patriarcalismo bíblico e aos mitos cristãos por meio da obra *The Woman's Bible*, livro dividido em duas partes: a primeira publicada em 1895 e a segunda em 1898. De autoria de Elizabeth Cady Stanton e uma comissão de 26 mulheres, na obra “Eva foi interpretada não como a responsável por fazer o homem pecar, mas como o arquétipo da mulher que torna a civilização possível, uma vez que ela foi quem provou o fruto do conhecimento do bem e do mal” (TRABUCO, 2016, p.261).

Outra referência importante para Teologia Feminista, *In Memory of Her*, foi produzida pela teóloga católica Elizabeth Fiorenza quase um século depois, em 1988. Trabuco (2016) afirma que o livro, que aborda a figura das mulheres nas primeiras comunidades cristãs e o processo de formação verticalizada e patriarcal das igrejas, recebeu, no Brasil, o título “*As origens cristãs a partir da mulher*”.

Durante a primeira onda do movimento feminista, a Teologia Feminista realizou alguns ensaios no âmbito da Teologia da Libertação no Brasil. Na segunda “onda”, que chegou entre 1974 e 1978 e organizou-se entre 1979 e 1985, houve, por parte do movimento, protagonismo na luta pela anistia, contra carestia, pelo direito à igualdade etc.. Trabuco (2016) aponta que, entre 1975 e 1985, a ONU (Organização das Nações Unidas) instituiu a *Década da Mulher*, que influenciou, sobretudo, os movimentos feministas no país. De semelhante modo, no meio religioso, em 1988, a subunidade *Mulheres na Igreja e na Sociedade* do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) promoveu a *Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres* com o objetivo de realizar ações emancipatórias do público feminino nas igrejas e na sociedade, de modo geral.

4.3.4.2 Teologia Negra

O movimento negro, a partir de 1960 e 1970, promoveu muitas lutas e prol de questões diversas, como desigualdade social, hierarquia de cor, heranças culturais, preconceito etc. Segundo Trabuco (2016), duas matrizes do movimento negro da época foram perpassadas pela religião no combate à segregação racial. A primeira, movimento pelos direitos civis, tinha, em Martin Luther King Jr., um expoente para defender a integração dos negros no “sonho americano”, sem ação violenta no processo de resistência à segregação. A segunda, separatismo, que tinha como expoente Malcolm X (líder mulçumano), opunha-se à segregação incitando os negros a resistirem ao preconceito de forma violenta.

Nesse contexto de luta e resistência da igreja “negra”, três obras formaram o marco fundador da Teologia Negra: *Teologia Negra e o Poder Negro* (1969), *Teologia Negra da Libertação* (1970) e *O Deus dos Oprimidos* (1975), todas de autoria de James Cone - teólogo afro-americano. Outras elaborações teológicas que autoafirmaram o lugar do negro no cristianismo também se tornaram referência nesse meio, a exemplo de *O messias negro*, de Albert Cleage, publicada em 1968.

Segundo Trabuco (2016), a Teologia Negra é uma Teologia da Libertação, proposta por James Cone, que utiliza o símbolo do Messias Negro a fim de elaborar o discurso de Deus a partir da vivência das comunidades negras e da experiência do povo negro em uma sociedade que o segrega. Pacheco (2019), teólogo brasileiro, acrescenta que a Teologia Negra é uma

[...] teologia desenvolvida pelo **povo negro**. Ela é uma das respostas, no caso é a resposta do **povo negro**, homens negros e mulheres negras, a toda imposição de uma teologia imposta como única e universal, neste caso, europeia, ocidental, branca, em que o povo africano inclusive foi definido como inferior, subalterno, primitivo e sem alma. (PACHECO, 2019, s.p.³¹) (Grifo do autor).

É, portanto, uma teologia cujo lugar de fala pertence ao povo negro, historicamente desfavorecido e oprimido pela teologia considerada universal. No Brasil, afirma Trabuco (2016), o protestantismo missionário adotou, ante a sociedade monárquica³², um comportamento que, por meio de interpretações bíblicas, buscava defender a escravidão, ensinando aos fiéis a necessidade de respeitar a ordem instituída. Entre os evangélicos

³¹ s.p. - sem página.

³² Segundo Trabuco (2016), o protestantismo conviveu com os últimos trinta anos da escravidão, momento em que tentava se consolidar em uma monarquia que reconhecia o catolicismo como religião oficial.

pentecostais, a experiência foi diferente, uma vez que esse movimento teve maior adesão nas camadas menos privilegiadas, espaço onde os negros eram, sobretudo, maioria. Dessa forma, o cristianismo negro encontrou espaço para uma maior sociabilidade e para a ascensão social do negro a partir da ética cristã.

Todavia, Trabuco (2016) afirma que o pentecostalismo, assim como o protestantismo histórico, também reforçou o estigma da cor negra, demonizando o Candomblé e a Umbanda, religiões cuja origem advém da África; pregando a maldição hereditária e legitimando, a partir de vários preconceitos, a segregação racial. Para o autor, a assunção da temática negra, no interior do protestantismo, só aconteceu com a constituição de pastorais que conceberam o racismo como elemento primordial de desigualdade. Os metodistas foram os grandes percursores dessa perspectiva, visto que inseriram, em seu *Credo Social de 1968*, o combate ao racismo e à igualdade entre indivíduos brancos e negros, além de terem criado, por iniciativas de pessoas negras da comunidade religiosa, a *Comissão Nacional de Combate ao Racismo* em 1985.

No Brasil, um dos nomes que defende a Teologia Negra é o teólogo Ronilso Pacheco, através da publicação de obras como: *Ocupar, resistir, subverter: Igreja e Teologia em tempos de Racismo, violência e opressão*, publicada em 2016, e *Teologia Negra*, lançada em 2019. Neste último, o autor apresenta duas características para Teologia Negra: *territorialidade* – fala da relevância do lugar, da terra, do quilombo, da favela; *corporalidade* – aborda os corpos, as violências, as dores, os açoites, o sangue derramado, isto é, o sofrimento do corpo do negro.

4.3.4.3 Teologia Inclusiva

A primeira Igreja Inclusiva teve sua origem em 1968, em Los Angeles, a partir do trabalho do reverendo Troy Perry ao fundar a Metropolitan Community Church. Segundo Trabuco (2016), as teologias surgem a partir da experiência de fiéis e de coletividades religiosas. Nesse sentido, a criação de igrejas inclusivas, que acolhem homossexuais no seio da fé cristã à revelia de instituições evangélicas fundamentalistas e conservadoras, viabilizou a constituição de uma Teologia Inclusiva que, a partir da releitura contextualizada da *Bíblia Sagrada*, assegura que Deus não reprovava a homossexualidade.

No contexto da América Latina, embora o feminismo e o movimento negro tenham ganhado espaços públicos, o mesmo não aconteceu com a minoria gay, em virtude dos múltiplos estigmas associados à homossexualidade pelas igrejas cristãs, a exemplo da concepção de homossexualidade como depravação e pecado mortal, presente nas leituras

bíblicas de teor condenatório que embasam a forma de pensar de determinados adeptos do cristianismo. Para Trabuco (2016), esse retardamento fez com que a Teologia Inclusiva, durante os anos 1980, não obtivesse acolhimento da teologia latino-americana e brasileira, especialmente da Teologia da Libertação.

Ainda para Trabuco, no Brasil, dois aspectos fizeram com que o Ecumenismo e a Teologia da Libertação buscassem uma aproximação com o público LGBT, a saber: o crescimento exponencial da AIDS, em 1980, tipificada no meio social como a “doença gay”, e os estudos feministas sobre o campo da sexualidade. Nesse contexto, o CMI, por exemplo, começou a manifestar a importância das igrejas no processo de prevenção da AIDS, colocando em segundo plano a moral condenatória típica entre cristãos mais fundamentalistas e conservadores.

A Teologia Inclusiva tornou-se conhecida, no Brasil, entre o final da década de 1990 e o início da década de 2000. Em seu início, aponta Trabuco (2016), ela permaneceu à margem da Teologia da Libertação e, posteriormente, ganhou concordância por parte de alguns intelectuais que compunham o movimento de libertação. No decorrer dos anos, as igrejas inclusivas têm buscado compreender uma infinidade de sujeitos, por meio da perspectiva de que a graça divina alcança a diversidade humana, sem qualquer distinção.

4.3.5 Os evangélicos na política: direita e esquerda

Robinson Cavalcanti, cientista social e político de origem evangélica, fomentou, na segunda parte do seu livro *Cristianismo e Política* (1985), um debate que envolveu a política no seio das igrejas evangélicas, a partir de uma perspectiva da Ciência Política, sem perder de alvo a ética religiosa. Trabuco, ao mencionar a obra, afirmou que o cientista buscou “compreender o que parecia ser uma ausência protestante na política e as causas dela” (TRABUCO, 2016, p.530). Os resultados dessa investigação mostraram que as causas estariam relacionadas ao desconhecimento da História da Igreja, especialmente ao comportamento político dos evangélicos em outras terras e outros tempos, bem como à leitura despolitizada dos textos bíblicos. Segundo o autor, a demonização da política era algo comum, o que minimizava a possibilidade de os evangélicos atuarem politicamente na sociedade.

O processo de inserção dos evangélicos na política partidária³³ ocorreu a partir do crescimento dos grupos pentecostais no Brasil, visto que um número considerável de pastores ocupou mandatos políticos no país. Pouco tempo depois surgiu o grupo que temos conhecido, midiaticamente, por *Bancada Evangélica*, uma entidade cuja finalidade é representar os interesses da classe evangélica diante do Governo. Entre as principais temáticas que perpassaram o interesse dessa entidade estão a criminalização do aborto, o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, o anticomunismo durante a Ditadura Militar e a defesa do voto corporativo das instituições religiosas, temas que aproximam a bancada do movimento político de direita.

A *Bancada Evangélica* gerou muitas discordâncias no interior do segmento protestante, originando novas associações políticas cristãs, a exemplo da esquerda evangélica, que se caracteriza, de acordo com Trabuco (2016), por ser um grupo de posicionamento mais alternativo, que defende o diálogo com os movimentos sociais e a luta por outras pautas progressistas. Segundo o autor, Robinson Cavalcanti e Paul Freston, os principais porta-vozes da Teologia da Missão Integral, foram os grandes responsáveis pela crítica ao discurso evangélico apolítico e pela aproximação dos grupos evangélicos com as esquerdas.

Esses cientistas políticos apresentaram uma relevante contribuição na organização de eventos e na escrita de textos para publicação em periódicos evangélicos e acadêmicos. Robinson Cavalcanti, além de ter liderado o *Movimento Evangélico Pró-Lula*, em 1980, produziu, anos depois, o artigo *Com medo de ser feliz: a vitória da ignorância, do egoísmo e da mentira*, atribuindo ignorância, egoísmo e mentira à campanha de Fernando Collor, em 1989, e fazendo alusão positiva ao slogan “Sem medo de ser feliz”, da campanha de Lula, que foi derrotado na eleição. Paul Freston também produziu bastante sobre os temas: os evangélicos e a política; os evangélicos e o marxismo; a esquerda política etc.. Entre os seus trabalhos, Trabuco (2016) aponta o livro *Marxismo e fé cristã: o desafio mútuo*, uma produção coletiva, organizada pelo Paul durante a primeira eleição direta após a ditadura militar.

A contribuição de Robinson Cavalcanti e Paul Freston resultou na criação do Movimento Evangélico Progressista (MEP), um segmento, desagregado de partido político e instituição religiosa, comprometido com as mudanças sociais, em defesa das pessoas mais

³³ “Partidária”, porque a Igreja sempre foi, de alguma forma, política. Durante a monarquia no Brasil, o protestantismo era um pequeno grupo em relação ao catolicismo, religião oficial do império. Dessa forma, era necessária muita cautela dos protestantes em relação aos posicionamentos ideológicos sobre os fatos políticos, a fim de permanecerem usufruindo da liberdade religiosa e dos direitos cidadão no Império. Para conhecer um pouco mais desse contexto, ler: *À direita de Deus, à Esquerda do Povo: Protestantismos, Esquerdas e Minorias (1974-1994)*, de Zózimo Trabuco.

carentes. Acerca disso, é importante ressaltar que, embora, em sua origem, o MEP tenha se caracterizado como um partido evangélico conservador - lutando, especificamente, pelas causas sociais dos oprimidos -, ao longo do tempo, ele teve que apresentar respostas e posicionamentos sobre outras perspectivas além da ditadura e das desigualdades sociais, uma vez que, nas décadas de 1970, 1980 e 1990, os movimentos feminista, negro e gay emergiram com novos paradigmas sociais.

Nesse contexto, Trabuco (2016) aponta que o movimento feminista cristão buscou se reinventar, dialogando com as discussões sobre patriarcado e poder feminino, bem como reivindicou novas leituras bíblicas. O movimento negro, por sua vez, questionou a subordinação racial, requerendo uma leitura bíblica que levasse em consideração a experiência negra, e criticou a legitimação da escravidão por parte da Igreja. O movimento gay, como observamos em uma das seções apresentadas neste capítulo, caminhou devagar, retardando, mas não silenciando algumas discussões que, com avançar dos anos, se fizeram presentes em meio à esquerda evangélica.

Dado o exposto, ressaltamos que as discussões até aqui apresentadas evidenciam o quanto os evangélicos, em especial os segmentos progressistas, são heterogêneos e dinâmicos por natureza, haja vista que cada grupo, que compõe esse vasto universo, recobre a realidade social, política e cultural à sua maneira.

No que diz respeito ao pastor Henrique Vieira – sujeito da nossa pesquisa –, além de ser engajado politicamente na defesa de princípios que se alinham à esquerda política, Alencar (2019) aponta que o seu aporte teórico e teológico é, em primeiro lugar, a Teologia da Libertação, que defende o princípio de que Deus teria feito uma opção, preferencialmente, pelos pobres. A libertação, para os adeptos dessa perspectiva, transcende a dimensão espiritual, perpassando também pelas áreas social, política e econômica.

Em segundo lugar, o pastor Henrique Vieira tem por base teórica e teológica as Teologias Contextuais, a exemplo da Teologia Negra, da Teologia Feminista, da Teologia Gay etc. (discutidas neste capítulo), as quais chamam a atenção para o lugar de fala do sujeito que crê. A defesa dessas perspectivas, que são desdobramentos da Teologia da Libertação, implica no envolvimento direto com a sociedade e a cultura, sustentando a defesa de questões relacionadas aos direitos humanos, à democracia e à cidadania; sustentando uma interpretação bíblica pautada na realidade das pessoas marginalizadas socialmente.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

De acordo com Gil (1991), a pesquisa é um procedimento racional e sistemático que busca resolver problemas propostos. Ela surge da necessidade de informações para compreender a natureza de um fenômeno real. A pesquisa envolve, no seu discorrer, conhecimentos, métodos, técnicas e procedimentos científicos que a tornam um estudo rigorosamente válido.

Neste sentido, esta seção apresentará o caminho traçado para chegar aos resultados deste estudo, expondo a abordagem, o método, a natureza, a coleta de dados, o sujeito de pesquisa etc.. Abordaremos, inicialmente, os aspectos mais gerais deste estudo para, em seguida, discutirmos os mais específicos, isto é, o *corpus*, a coleta dos dados e o sujeito da pesquisa. Sem mais demora, procedamos às primeiras considerações.

5.1 Aspectos gerais da pesquisa

Esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativo-interpretativista,³⁴ uma vez que visa compreender, de forma aprofundada, um fenômeno da realidade social, o qual pode ser melhor compreendido levando em consideração o contexto enunciativo-discursivo de sua produção. Nesse sentido, salientamos que observamos cada dado, coletado no decorrer deste estudo, como um enunciado concreto, o qual se caracteriza pela sua unicidade, singularidade e irrepetibilidade.

No que diz respeito aos objetivos propostos, este estudo é descritivo e explicativo. Conforme Gil (1999), a pesquisa descritiva tem por objetivo central a descrição das características de uma população ou de um fenômeno ou o estabelecimento de relação entre variáveis. Dessa maneira, buscaremos, nesta tese, detalhar os fenômenos linguísticos enunciativos e discursivos mobilizados para a construção do ponto de vista do pastor Henrique Vieira, revelando *como* se materializam no fio do discurso.

Ainda conforme o autor, a pesquisa explicativa visa estudar os possíveis fatores que motivam/motivaram a ocorrência de um determinado fenômeno. Ela investiga, portanto, as razões, os porquês das coisas, sendo, muitas vezes, a continuação de um estudo descritivo. Nessa perspectiva, nesta tese, buscaremos explicar também as possíveis razões que

³⁴ Embora não seja, primordialmente, nossa intenção quantificar dados neste estudo, não desprezamos o universo de dados.

fundamentam, ou não, determinada escolha linguística, enunciativa e discursiva no decorrer do processo de construção do ponto de vista do pastor Henrique Vieira.

Quanto aos procedimentos, esta pesquisa é, inicialmente, bibliográfica. Segundo Gil (1999), a pesquisa bibliográfica é realizada por meio de materiais já elaborados, a exemplo de artigos científicos, dissertações, teses, livros etc. Dessa forma, fizemos um rigoroso levantamento bibliográfico com a finalidade de embasar a concepção de língua que fundamenta a leitura dos dados desta tese e de conhecer as principais teologias que dão base ao universo evangélico progressista.

Ademais, ainda quanto aos procedimentos, esta pesquisa é documental, uma vez que, de acordo com Gil (1999), o estudo documental vale-se de materiais, de documentos que não receberam nenhum tratamento analítico, científico, utilizando-se, por conseguinte, de fontes primárias. Para Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), o conceito de documento ultrapassa a noção de textos escritos e impressos, podendo ser filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres. Nesta pesquisa, analisaremos, portanto, uma série de *videocasts* que veiculam o posicionamento do pastor evangélico progressista Henrique Vieira.

5.2 Aspectos específicos da pesquisa

Nesta seção, apresentaremos os aspectos mais específicos que compõem a natureza deste estudo, a saber: o campo de atividade humana e o *videocast*, os procedimentos de coleta de dados e a caracterização do sujeito de pesquisa, a fim de obtermos, de forma clara, um panorama geral deste trabalho.

5.2.1 O campo de atividade humana e o *videocast*

Os enunciados que constituem o *corpus* analítico desta pesquisa foram produzidos no campo de atividade humana midiático. Segundo Lima (2004), a *mídia* é um conjunto de instituições que faz usos de determinadas tecnologias para a comunicação humana. Dessa forma, pensar em *mídia* é conceber a existência de um aparato tecnológico que viabiliza a comunicação, que passa a ocorrer, por sua vez, de forma mediatizada. Como exemplos disso, podemos pontuar: as rádios, as TV's, os sites jornalísticos (*G1*, *R7*, *Estadão* etc.), as redes sociais (*Youtube*, *Facebook*, *Instagram*, *TikTok* etc.) etc.

Os discursos do pastor Henrique Vieira, alvos de nossa investigação, foram coletados em *videocasts* produzidos entre 2016 e 2020 no *Youtube* e no *Instagram*, veículos midiáticos

que abordaremos na próxima seção deste capítulo. De acordo com Bottentuit Junior, Lisbôa e Coutinho (2009), o *videocast*, também denominado de *vodcast*, diz respeito ao processo de comunicação de vídeos por meio da internet. Para os autores, o *videocast* deriva do *podcast*, uma vez que, “Com o aparecimento do podcast, os bloggers inovaram os formatos transmitidos pela web, utilizando para o efeito vídeos gerados por câmeras digitais ou por dispositivos móveis” (BOTTENTUIT JUNIOR; LISBÔA; COUTINHO; 2009, p. 281).

Ressaltamos que concebemos o *videocast* como um suporte de diferentes gêneros discursivos. Segundo Marcuschi (2008), o suporte do gênero consiste no *locus* físico ou virtual, com formato específico, cujo objetivo é dar base ou viabilizar um ambiente de fixação para o enunciado; é, por sua vez, o lugar específico em que o gênero se materializa para ser visualizado por seus possíveis leitores. Para o autor, essa noção comporta três aspectos: a) o suporte é um lugar (físico ou virtual); b) o suporte tem um formato específico; e c) o suporte serve para fixar e mostrar o gênero.

Nesse sentido, compreendemos, em primeiro lugar, o *videocast* como um lugar cuja natureza é virtual, haja vista circular, na maioria das vezes, em *sites*, plataformas de *streaming*³⁵, redes sociais etc.. Em segundo lugar, apresenta um formato específico, o qual é caracterizado pela presença de vários meios de transmissão da informação, a exemplo do áudio, da imagem estática ou em movimento, do texto etc., isto é, da presença de múltiplas linguagens. Em terceiro lugar, ele serve para fixar e mostrar gêneros discursivos em diferentes campos de utilização da linguagem.

Sobre esse aspecto, evidenciamos que, no campo discursivo jornalístico, o *videocast* pode veicular, por exemplo, uma entrevista, uma notícia, uma reportagem, um debate, uma nota, um comentário, um editorial, um artigo de opinião etc. Já no campo educativo, por sua vez, pode transmitir uma aula, uma palestra, um conceito, um comentário, um debate regrado, um poema, uma orientação etc., característica que faz com que se torne um instrumento de didatização no ensino-aprendizagem de diversas disciplinas do conhecimento.

Destacamos, ademais, que, com o advento das novas tecnologias digitais, o espaço discursivo midiático, especialmente as redes sociais, possibilitou a disseminação de muitas ideias e pensamentos na internet. Nesse cenário, o *videocast* também ganhou popularidade como meio de exposição de pontos de vista de diferentes sujeitos. Desse modo, tem sido cada vez mais comum observarmos artigos de opinião, comentários, críticas, sermões, reflexões etc.,

³⁵ É uma tecnologia que viabiliza a transmissão e o acesso a conteúdo em qualquer dispositivo conectado à internet, sem a necessidade de download. Para mais informações, acessar: <https://www.nuvemshop.com.br/blog/o-que-e-e-como-fazer-streaming/>

em espaços virtuais, por meio de *videocasts*. Em vista disso, optamos por investigar o ponto de vista do pastor Henrique Vieira em discursos que circulam através desse tipo específico de suporte midiático, o qual veicula diferentes gêneros discursivos, especialmente, os opinativos.

5.2.2 O processo de coleta de dados

O pastor Henrique Vieira, no decorrer da sua militância política, tem se alinhado ao pensamento de esquerda, buscando defender aspectos voltados ao diálogo religioso, aos direitos humanos, à democracia, à justiça social e à diversidade, pautas sociais que apresentaram/apresentam relevância e espaço, especialmente, entre os presidentes/candidatos ao cargo que se associaram/associam à esquerda política.

Entre 2003 e 2011, o Brasil foi governado por Luiz Inácio Lula da Silva e, posteriormente, entre 2011 e 2016, por Dilma Vana Rousseff, governantes cuja orientação política alinhava-se à esquerda partidária. Em 2016, em um contexto político bastante conturbado, Dilma Rousseff foi impedida de governar o país, após o resultado de um processo protocolado no Senado Federal para destitui-la do cargo, ato considerado, por algumas lideranças religiosas, antidemocrático.

É nesse cenário que o pastor Henrique Vieira surgiu, por meio de *videocasts*, em espaços midiáticos como *Instagram* e *Youtube*. Constatamos isso a partir de uma pesquisa que nos proporcionou saber que: **1.** No *Youtube*, especificamente nos canais em que realizamos a coleta dos dados desta pesquisa – os quais apresentaremos mais adiante –, os *videocasts* protagonizados pelo pastor começaram a ser divulgados em 2016; **2.** De semelhante modo, no *Instagram*, verificamos que o pastor realizou suas primeiras postagens de fotos e de vídeos em março do mesmo ano.

Nessa perspectiva, concebemos 2016, após o impeachment de Dilma Rousseff, como o ponto de partida, e 2020 como o término da coleta de dados. Outro aspecto que também motivou a seleção desse recorte foi o fato de o pastor Henrique Vieira ter ganhado visibilidade midiática não apenas nas redes sociais, mas também na mídia televisiva, durante o período investigado, participando de programas nacionais como *Encontro*, apresentado na época por Fátima Bernardes; *Amor&Sexo*, por Fernanda Lima; *Conversa com Bial*, por Pedro Bial etc.

Sobre os *videocasts*, os quais apresentam entre 1 e 7 minutos, é importante dizer que foram coletados em diferentes canais midiáticos, os quais abordaremos, de forma resumida, a seguir:

- *Instagram* – O *Instagram* é uma rede social interativa que viabiliza o compartilhamento de imagens e de vídeos curtos por meio de um aplicativo de celular. Através dele, é possível curtir, comentar e compartilhar as publicações de outros perfis, além de conhecer novos conteúdos relacionados às postagens que o usuário tem curtido durante o seu uso. Com o perfil @pastorhenriquevieira – criado em 21 de março de 2016 –, o pastor Henrique Vieira tem, atualmente, um pouco mais de meio milhão de seguidores nessa rede social. Através do seu perfil, o pastor posta conteúdos que reafirmam seu posicionamento sobre pautas progressistas evangélicas diversas;
- *Youtube/Canal Henrique Vieira* – O *Youtube* é uma plataforma que permite, aos usuários, carregar, assistir e compartilhar vídeos em formato digital. Ela foi criada em 2005, nos Estados Unidos, por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, três ex-funcionários da empresa *PayPal*. O veículo surgiu da necessidade de compartilhar arquivos de vídeos que, muitas vezes, eram grandes, aspecto que dificultava o seu carregamento em e-mails. O pastor Henrique Vieira, em seu canal no *Youtube* – criado em 22 de maio de 2018 –, tem, atualmente, um pouco mais de 320 mil visualizações. Nele, o pastor publica *videocast*, *lives* e entrevistas que veiculam discussões sobre temas progressistas diversos;
- *Canal do Coletivo Esperançar* - O *Esperançar* é um coletivo evangélico que discute questões religiosas, levando em consideração a justiça social, a política, os direitos humanos e o respeito à diversidade. Criado em 2015, o canal é “um contraponto ao tele-evangelismo hegemônico, à teologia da prosperidade, à lógica da crença desistoricizada e individualista, à mercantilização da fé” (ESPERANÇAR, 2015, s/p). Para o coletivo, é necessário “mostrar que a fé cristã está essencialmente relacionada à luta por igualdade e justiça. É o anseio por uma revolução, que antecipa o Reino de Deus na Terra” (ESPERANÇAR, 2015, s/p). O pastor Henrique Vieira, cujo discurso será investigado nesta tese, é integrante do coletivo *Esperançar*, colaborando com discussões teológicas sobre temáticas evangélicas progressistas sempre que possível;
- *Canal do Coletivo Mídia Ninja* – O *Mídia Ninja* é uma rede de comunicação livre que surgiu em 2013, dando visibilidade aos múltiplos posicionamentos invisíveis à mídia tradicional. O coletivo tornou-se conhecido ao transmitir, ao vivo, protestos que ocorriam no Brasil. Segundo o *site Ninja* (s/d), em 2016, a rede foi destaque na luta a

favor da democracia e contra a instabilidade política. Seu canal no *Youtube* surgiu em 27 de maio de 2013 e, atualmente, conta com cerca de 369 mil inscritos. O pastor Henrique Vieira, dentre muitos outros, compõe o grupo de colunista desse coletivo, realizando discussões sobre temas evangélicos progressistas diversos sempre que possível.

Na coleta de dados, selecionamos, com base no recorte temporal (2016-2020), 18 *videocasts*. No decorrer desse processo, optamos por não coletar gravações que tinham se materializado em situações comunicativas como: entrevista de programas de televisão, cultos religiosos e eventos políticos (comícios, paradas, passeatas etc.). Nossa intenção foi analisar, apenas, *videocasts*, nos veículos midiáticos apresentados, em que o pastor, exclusivamente o pastor, aparecia em foco, defendendo o seu ponto de vista sobre diferentes pautas sociais.

Para fins de análise nesta tese, elegemos 6 *videocasts* como amostragem, uma vez que, além de representarem bem cada um dos grupos de pautas ³⁶que propusemos a partir dos dados selecionados, revelam, de forma significativa e detalhada, os procedimentos discursivos que constituem o ponto de vista do pastor Henrique Vieira no universo do *corpus* coletado (18 *videocasts*).

Salientamos, conforme exposto na introdução, que elaboramos um modelo organizativo com o objetivo de sistematizar os *videocasts* selecionados, uma vez que, a partir de uma observação prévia, verificamos que os vídeos coletados poderiam configurar nichos temáticos (temáticas afins), os quais denominamos de *grupos de pautas*. Dessa forma, construímos uma espécie de “agenda evangélica progressista” do pastor Henrique Vieira, a qual é constituída por 3 grupos de pautas, a saber: “Justiça Social”, “Religião e Direitos Humanos” e “Política”, os quais descreveremos o teor de cada um a seguir.

No primeiro grupo de pautas, denominado “Justiça Social”, agrupamos os *videocasts* em que o pastor Henrique Vieira apresenta seu ponto de vista sobre fatos e acontecimentos sociais que ganharam grande repercussão midiática nacional, inscrevendo seu ponto de vista em espaço dialogicamente conturbado. Nesse grupo de pautas, encontramos, por exemplo, *videocasts* em defesa à vereadora carioca Marielle Franco, morta em 2018 por questões políticas; em defesa a Marcos, adolescente de 14 anos, que foi baleado e morto pela polícia na

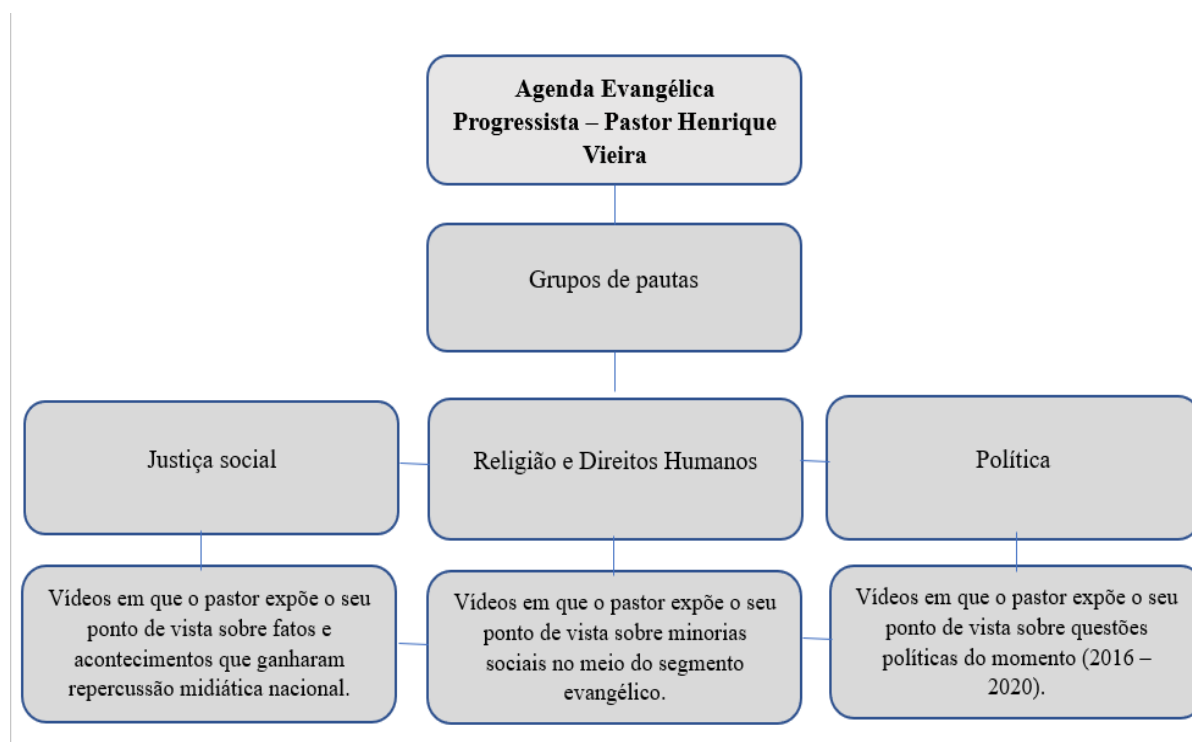
³⁶ Para representar cada grupo pauta, selecionamos 2 *videocasts*, totalizando, por sua vez, uma amostragem de 6 vídeos para a leitura em nosso capítulo analítico.

comunidade *Complexo da Maré*, enquanto ia para escola em 2018; em defesa à adolescente de 10 anos estuprada, desde os 06 anos de idade, recorrentemente pelo tio etc.

No segundo grupo de pautas, intitulado “Religião e Direitos Humanos”, verificamos *videocasts* que abordam o tema das minorias sociais - negros, mulheres, LGBTQIAP+ etc. - no contexto cristão protestante. Nesse sentido, encontramos, nesse grupo, vídeos que falam sobre o processo de branquitude da fé cristã; sobre o diálogo interreligioso no contexto do nascimento de Jesus Cristo; sobre “LGBTfobia” como pecado, dentre outros temas de interesse das minorias sociais.

No terceiro grupo de pautas, denominado “Política”, observamos *videocasts* em que o pastor Henrique Vieira busca se posicionar acerca de questões políticas, a exemplo de vídeos em que apresenta seu ponto de vista contra os discursos do presidente Jair Messias Bolsonaro; apoia a candidatura de Guilherme Boulos para a prefeitura do Estado de São Paulo; transmite para os fiéis a mensagem “Ninguém solta a mão de ninguém”; defende o fim da bancada evangélica no Congresso Nacional etc..

Figura 1 – Esquema organizativo dos *videocasts*



Fonte - Elaboração própria.

Após a coleta e a sistematização do *corpus*, realizamos a transcrição ortográfica do material selecionado e, em seguida, procedemos à análise dos enunciados coletados. Para finalizar nossas considerações metodológicas, apresentamos, adiante, algumas informações sobre o sujeito da pesquisa.

5.2.3 Sujeito da pesquisa

Nesta pesquisa, temos como alvo de investigação o discurso do pastor evangélico progressista Henrique Vieira. Nascido em Niterói - Rio de Janeiro, em 1987, o pastor também é ator, poeta e militante dos Direitos Humanos. Atualmente, é bastante popular e respeitado por uma boa parcela da sociedade brasileira, especialmente entre as celebridades midiáticas do país. Iniciou o seu itinerário evangélico ao lado da família na *Primeira Igreja Batista de Niterói*, situada no Estado do Rio de Janeiro, onde realizou diversas atividades eclesiais³⁷ e, posteriormente, decidiu seguir a carreira pastoral.

Além de teólogo, é formado em História e Ciências Sociais, aspecto que, provavelmente, tem influenciado, em alguma medida, na interpretação teológica que tem realizado de textos bíblicos. Atualmente, é pastor da *Igreja Batista do Caminho*, considerada, pela parte hegemônica do movimento evangélico, uma dissidência da *Primeira Igreja Batista*, em Niterói. De acordo com Alencar (2019), “Henrique Vieira e outros membros da igreja matriz abriram essa congregação que se tornou independente no ano de 2012 e pode ser considerada uma igreja evangélica de cunho progressista” (ALENCAR, 2019, p. 184).

O pastor Henrique Vieira também possui uma relação próxima com a área política, uma vez que, filiado ao PSOL (*Partido Socialismo e Liberdade*), foi candidato a vereador no ano de 2012 na cidade de Niterói - Rio de Janeiro. Entre 2013 e 2016, teve a oportunidade de exercer o seu mandato que considerou popular, coletivo. Em 2016, concorreu, novamente, às eleições para a Câmara Municipal de Niterói, mas não obteve êxito. Em 2017, começou a trabalhar como assessor político do deputado carioca Marcelo Freixo. Desde então, o pastor tem se mostrado atuante na política³⁸ brasileira, especialmente pela divulgação dos seus posicionamentos político-religiosos, de forma recorrente, nas mídias sociais.

³⁷ Relativo à igreja, à instituição.

³⁸ Recentemente, nas eleições de 2022, Henrique Vieira concorreu ao cargo de deputado federal, filiado ao PSOL, no Estado do Rio de Janeiro. O pastor venceu as eleições com quase 54 mil votos, aponta o site Folha de São Paulo.

Sem mais considerações, no próximo capítulo, analisaremos o processo de construção do ponto vista do pastor evangélico progressista Henrique Vieira nos três grupos de pautas (Justiça Social, Religião e Direitos Humanos e Política) que, aqui, sistematizamos, nomeamos e caracterizamos.

6 O PONTO DE VISTA DO PASTOR EVANGÉLICO PROGRESSISTA HENRIQUE VIEIRA SOBRE DIFERENTES PAUTAS SOCIAIS

Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2003, p.348).

Neste capítulo, apresentaremos a análise dos dados coletados no decorrer deste estudo. Sabemos que as discussões tecidas neste espaço se constituem uma interpretação, um ponto de vista, baseada em métodos e procedimentos científicos, sobre os dados apresentados. Sabemos também que as nossas reflexões, certamente, fomentarão diálogos sociais cujas finalidades serão interrogar, ouvir, responder, concordar, discordar, aplicar etc., conforme exposto na epígrafe acima. Nesse sentido, tais contribuições, por parte dos nossos leitores, serão sempre bem-vindas, recebidas, acolhidas e avaliadas com bastante atenção.

Esse capítulo será dividido em três momentos, os quais seguem, respectivamente, a sistematização, caracterização e nomeação dos dados apresentados no decorrer do capítulo anterior. Dessa forma, analisaremos, inicialmente, os *videocasts* referentes ao grupo de pautas “Justiça Social”; em seguida, investigaremos os *videocasts* que compõem o grupo de pautas denominado “Religião e Direitos Humanos”; e, por fim, os *videocasts* que formam o grupo de pautas intitulado “Política”. Esperamos que tal divisão viabilize um olhar mais claro, para o nosso leitor, acerca dos dados que serão analisados.

Para início, recuperamos a noção de ponto de vista que propusemos no capítulo 3, com base nas discussões desenvolvidas a partir dos pressupostos filosóficos de Bakhtin e de Volóchinov. Desse modo, consideramos ponto de vista como o *posicionamento axiológico, avaliativo, de uma consciência socioideológica, caracterizada pela singularidade e pela insubstitutibilidade de seu excedente de visão, frente a outras consciências socioideológicas*.

A leitura dos dados coletados, a partir da proposição acima, mostrou que o ponto de vista do pastor evangélico progressista Henrique Vieira se revelou, no fio do discurso, a partir das categorias analíticas a seguir:

1ª **Bivocalidade polêmica** – A primeira categoria analítica é a bivocalidade polêmica. Apresentada em Bakhtin ([1895-1975] 2013) como uma das variedades do discurso polifônico em Dostoiévski, o procedimento, que surge inevitavelmente nas condições da comunicação dialógica, ocorre quando é possível ouvir, no enunciado, duas vozes, com diferentes acentos e expressões, interagindo, de forma polêmica, entre si.

Essa categoria mostrou-se presente na leitura dos dados coletados, uma vez que, no decorrer da enunciação do pastor Henrique Vieira, encontramos, na materialidade discursiva, vozes com as quais dialoga, recorrentemente, de forma polêmica. Seja de maneira velada ou aberta, o pastor estabelece uma discussão controversa, gerando, especialmente com outras vozes que possuem destaque, por questões diversas, no interior do movimento evangélico, um debate conflituoso de ideias.

2ª *Molduragem discursiva* - A segunda categoria analítica é a molduragem discursiva. Para Bakhtin ([1895-1975] 2015), a palavra do outro não entra em contato com os nossos enunciados de forma mecânica, tendo em vista que criamos, mediante determinadas intenções, um contorno dialógico, um fundo dialogante, para ela. Por esse motivo, através dos meios de molduragem, podemos realizar alterações substanciais nos enunciados alheios, atribuindo-lhes diferentes contornos, sentidos.

No discurso investigado nesta tese, verificamos, por exemplo, que o pastor Henrique Vieira, inicialmente, polemiza com a interpretação dada à mensagem bíblica por vozes sociais que se destacam no movimento evangélico (fundamentalismo cristão), para, em seguida: 1. oferecer novos contornos e sentidos ao discurso bíblico com base nas diferentes pautas sociais que regem o seu ponto de vista evangélico-progressista; 2. trazer as diferentes pautas sociais para o contexto bíblico-religioso.

3ª *Tom expressivo*³⁹ - A terceira categoria analítica é o tom expressivo. Para Bakhtin ([1895-1975] 2016), a emoção, o juízo de valor e a expressão surgem, especificamente, no emprego da língua viva. Esse colorido emocional, posição emotivamente valorativa do falante, é fruto do processo de avaliação social, que “determina a própria *escolha* da palavra e a *forma* do todo verbal, encontrando a mais pura expressão na *entonação*”. (VOLÓCHINOV [1930] 2019, p. 122-123, grifo do autor). Nesse sentido, a seleção dos elementos da língua no todo do enunciado não ocorre de forma aleatória; pelo contrário, traz consigo o resultado de uma avaliação social.

Desse modo, nos enunciados analisados no decorrer desta pesquisa, observamos que o tom expressivo se revelou, em primeiro lugar, pela seleção lexical dos termos da língua no todo do enunciado e, em segundo lugar, pela presença de um recurso gramatical recorrentemente utilizado pelo pastor Henrique Vieira, a saber a/o simetria/paralelismo⁴⁰. Tais elementos

³⁹ Essa nomenclatura varia no decorrer das obras do *Círculo de Bakhtin*. Dessa forma, poderemos encontrá-la como “tom expressivo”, “tonalidade expressiva” ou “entoação”.

⁴⁰ Para Silva (1999), o paralelismo é um fenômeno discursivo que consiste na presença de repetições em nível fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical. Segundo a autora, “a literatura lingüística associa-o, de modo específico, com a idéia de repetição de estruturas.”.

auxiliaram ora na construção de um tom crítico contundente e/ou moderado ora na construção de um tom de acolhimento e/ou sapiencial.⁴¹

Em face do exposto, a partir desse momento, procederemos à leitura dos dados coletados nesta pesquisa, levando em consideração as categorias apresentadas acima. Conforme exposto, iniciaremos nossa discussão com os *videocasts* selecionados para compor o grupo de pautas denominado “Justiça Social”.

6.1 Justiça Social

Para ilustrar as categorias apresentadas acima com base no grupo de pautas “Justiça social”, selecionamos 2 *videocasts*, os quais denominamos, a partir deste momento, de *enunciado 1* e de *enunciado 2*.

O enunciado 1, publicado no *Instagram* e com duração de 04min59s, é uma resposta do pastor Henrique Vieira aos grupos cristãos fundamentalistas que protestaram, em 2020, contra o aborto feito por uma menina de 10 anos estrupada, recorrentemente, pelo tio, de 33 anos, desde os 06 anos de idade. O aborto, efetuado sob autorização judicial do estado do Espírito Santo (ES), foi realizado em um hospital de referência do estado de Pernambuco, haja vista que a equipe do Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes (HUCAM), situado na capital Vitória, havia se recusado a realizá-lo com base em normativas internas da instituição.

Segundo o *Portal G1* (2020), grupos religiosos contrários ao aborto, em protesto na frente do hospital de Pernambuco, tentaram pressionar a família da menina a não realizar o procedimento. O ato teve início após uma publicação de Sara Giromini, na época ativista de extrema direita e apoiadora do presidente Jair Messias Bolsonaro nas redes sociais, que revelou o nome da criança e do hospital onde estava internada. De acordo com o *site*, a divulgação de tais informações contraria o *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA). Durante a manifestação, os grupos religiosos tentaram invadir o local, bem como impedir, através da força, a entrada do diretor da instituição de saúde.

O enunciado 2 foi publicado, em 2018, no *Mídia Ninja*, canal do *Youtube*. Com duração de 05min44s, trata do assassinato da deputada carioca do PSOL Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes, em março de 2018. Quatro anos após o caso, as investigações continuam,

⁴¹ Utilizamos o termo “sapiencial” para caracterizar o tom didático utilizado pelo pastor no decorrer de alguns enunciados analisados. Fizemos isso em referência à expressão “Literatura sapiencial” que, de acordo com Carmo (2018), é uma nomenclatura dada aos livros bíblicos que se dedicam à sabedoria do povo hebraico (A grosso modo: Jó, Provérbios e Eclesiastes). A literatura sapiencial volta-se à transmissão de conhecimentos bíblicos e à instrução moral de práticas cotidianas, apresentando fins morais e didáticos.

haja vista que, de acordo com Freire (2022), no *site Agência Brasil*, os executores, Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz, estão presos desde 2020, mas não se chegou ainda aos possíveis responsáveis pelo crime.

Marielle Franco, que defendia causas relacionadas aos Direitos Humanos e denunciava casos de abuso de autoridade em relação às intervenções policiais em comunidades carentes no Rio de Janeiro, foi interceptada e alvejada, em um carro, após sair de um evento no centro da cidade carioca. O crime, visto como um ato de execução política por uma considerável parcela da sociedade brasileira, gerou repercussão e comoção, ganhado visibilidade midiática nacional.

Dada a contextualização dos enunciados que serão analisados nesse grupo de pautas, procedemos às primeiras considerações, enfocando, especificamente, a categoria: bivocalidade polêmica. Vejamos:

ENUNCIADO 1 DO GRUPO DE PAUTAS *JUSTIÇA SOCIAL*

Eu quero dizer que esse fundamentalismo não tem compromisso algum com a vida. Eu quero dizer que não se reconhece a dor e o sofrimento dessa menina e o quanto ela está traumatizada por uma violência inominável. Eu quero dizer que existe um tipo de organização da igreja e de muitas igrejas que corrobora, sim, a violência contra as mulheres; existe um tipo de leitura e de interpretação da Bíblia que corrobora, sim, que assina embaixo, sim, da violência contra as mulheres; existe um tipo de visão sobre quem é Deus que acaba naturalizando a violência contra as mulheres. Sim, a violência sexual contra as mulheres. Não apenas um ato isolado, é fruto de um modelo de sociedade, é fruto de um modelo de religiosidade, é fruto de um modelo de leitura e interpretação da Bíblia. Nós precisamos reconhecer essa ferida, que existe um tipo de cristianismo sem graça, sem amor e sem Cristo que assina embaixo do ambiente de violência permanente contra as mulheres.

No enunciado acima, observamos uma discussão que ocorre com base no eixo “compromisso com a vida”, o qual é refratado pelos grupos evangélicos fundamentalistas e pelo pastor evangélico progressista Henrique Vieira de diferentes formas. Verificamos isso devido à presença de uma bivocalidade polêmica, uma vez que, ao constituir o seu discurso, o pastor Henrique Vieira realiza um diálogo, de forma conflituosa, com o comportamento de grupos evangélicos fundamentalistas sobre o possível aborto que seria realizado pela criança abusada pelo tio desde os 06 anos de idade.

A bivocalidade polêmica é revelada, no fio do discurso, por meio de frases nominativas como: “existe um tipo de organização da igreja e de muitas igrejas”, “existe um tipo de leitura e de interpretação da Bíblia”, “existe um tipo de visão sobre quem é Deus” e “existe um tipo de cristianismo sem graça, sem amor e sem Cristo”.

A expressão “um tipo”, presente nas frases nominativas acima, parece sugerir, inicialmente, que o pastor Henrique Vieira busca deixar claro que o movimento evangélico não se resume ao fundamentalismo, aqueles que, de acordo com o seu ponto de vista – expresso na citação –, acabam, por meio de suas concepções e comportamentos, corroborando, assinando e naturalizando a violência contra as mulheres. Desse modo, ao passo em que busca desestigmatizar a visão social de unicidade do movimento evangélico, colocando-se como uma voz que se opõe ao fundamentalismo religioso, o pastor Henrique Vieira sugere que a cosmovisão desse grupo parece, de certa forma, contradizer a sua perspectiva sobre os princípios cristãos.

Segundo Lima (2009), em sua origem, o fundamentalismo cristão surgiu, a partir de algumas igrejas protestantes nos Estados Unidos, como uma reação ao modernismo e ao liberalismo teológicos do final do século XIX e do início do século XX. Esse pensamento resistia às novas ideias científicas e à análise histórica da *Bíblia sagrada*, caracterizando-se como conservador. Um exemplo disso é a visão sobre a formação da terra, que se opõe, radicalmente, ao criacionismo bíblico, presente no livro *Gênesis*. O fundamentalismo é, portanto, um movimento que visa a conservação de valores e comportamentos sociais, morais e culturais que, em sua ótica, são desconsiderados pelos cristãos liberais, progressistas.

Na atualidade, um dos líderes religiosos que tem defendido essa perspectiva, de forma alusiva na mídia em geral, é o pastor evangélico pentecostal da *Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo*, Silas Malafaia, o qual, segundo registros do *site vitoriaemcristo.org* (2022), tem por missão lutar pela fé em Cristo e pelos valores éticos, morais e espirituais da Igreja Cristã. Abaixo, veremos um discurso produzido pelo pastor Silas Malafaia ao ser questionado sobre o aborto em caso de estupro, através da pergunta de uma telespectadora, no *Programa do Ratinho*, exibido pela emissora de tv SBT (Sistema Brasileiro de Televisão):

Eu sou contra qualquer tipo de aborto e explico o porquê. É... a gente tem que entender uma coisa que é muito importante. O feto ou pequeno bebê não é prolongamento do corpo da mulher como é o cabelo e a unha. Olha que coisa linda: na gestação, escute, na gestação, o agente ativo é o feto, o agente passivo é a mulher. Se ele não tivesse protegido por aquela capsula, ele era expulso como corpo estranho. É ele que regula o líquido amniótico; é ele que regula os períodos da mulher e, em última instância, diz a hora para sair. Quem te falou que o feto é prolongamento do corpo da mulher? Então, vamos lá: eu quero ver... eu quero desafiar qualquer mulher a ver o filme “O grito silencioso”, do maior médico de aborto da América, que depois de um ultrassom colocou uma câmera para poder mostrar ele fazendo um aborto. Quando ele viu o filme se tornou o maior defensor da vida. Se a mulheres verem a luta de um feto pra não ser morto no aborto, é estarrecedor. Aquele ser... É o que é que é o aborto? Ratinho, o aborto é isso aqui... É o massacre

dos poderosos contra os indefesos, aqueles que vivem e não querem permitir aqueles que querem vir a vida. Então, porque a mulher não entrega? Ela não é obrigada a ficar. A adoção está assim de casais héteros querendo... Vamos fazer uma coisa? Ok. Você não quer o filho? Deixa nascer, toma aqui um porrete de beisebol, mata ele. Você não quer? Toma aqui... Você num quer? Você num quer matar? Isso é uma covardia, isso é uma incoerência [...].

No excerto acima, constatamos que o enunciador se opõe, radicalmente, à legalização do aborto, mesmo nos termos da lei que, atualmente, permite o procedimento mediante três situações específicas: 1. quando a gravidez representa um risco para a vida da gestante; 2. quando a gravidez é resultado de um estupro; 3. quando o feto é caracterizado anencefálico, isto é, não possui cérebro. Na constituição do seu discurso, Silas Malafaia nega um *slogan* feminista usado mundialmente: “Meu corpo, minhas regras”. Para o pastor, “O feto ou pequeno bebê não é prolongamento do corpo da mulher como é o cabelo e a unha”. Ele seria, portanto, um outro corpo, o qual não deve ser regulamentado por leis relacionadas ao desejo da mulher.

O pastor Silas Malafaia ratifica o seu ponto de vista evidenciando o feto como um ser ativo e a mulher como um ser passivo. De acordo com o Dicionário Houaiss da língua Portuguesa, ativo significa “caracterizado pela ação” (ATIVO, 2022) e passivo (PASSIVO, 2022), “que sofre ou é objeto de uma ação ou impressão”. Nesse sentindo, a mulher, apenas, passaria pela gestação sem iniciativa, sendo indiferente ao processo e incapaz de operar, biologicamente, uma escolha. Verificamos isso, no excerto acima, por meio do fragmento (“É ele que regula o líquido amniótico; é ele que regula os períodos da mulher e, em última instância, diz a hora para sair.”), em que o feto é caracterizado como aquele que age, aquele que tem, mesmo no interior do ventre da mulher, uma autonomia, constituindo-se um organismo vivo e não um “prolongamento” do corpo feminino.

Ao continuar sua argumentação, o pastor Silas Malafaia busca a validação do seu ponto de vista recuperando o filme “O grito silencioso”, do ginecologista norte-americano Bernard N. Nathanson, que, inicialmente, trabalhou em prol do movimento de legalização do aborto e, posteriormente, reviu sua posição, tornando-se um ativista pró-vida. A obra retrata os possíveis desconfortos pelos quais um feto passa durante o procedimento abortivo. Para o pastor, essa ação é um sofrimento “estorrecedor”, é um “massacre” ocasionado por quem tem, em suas mãos, a decisão de abortar. Para finalizar sua posição, Silas Malafaia recorre à defesa da adoção em detrimento ao aborto, bem como, de forma descomedida e irônica, convoca as mulheres (que apoiam o aborto) a matarem os filhos após o seu nascimento.

Para o pastor Henrique Vieira, discursos fundamentalistas, a exemplo do analisado acima, não se preocupam com a vida, porque seus adeptos não cuidam de quem sofre, não

possuem empatia em relação às mulheres. A seu ver, “a política de criminalização do aborto não reduz o número de abortos, penaliza e culpabiliza as mulheres e, na prática, o que é que a gente vê? Morte! Mulheres pobres, em sua maioria negras, fazem abortos clandestinos, inseguros e acabam morrendo”. Desse modo, continua afirmando o pastor, os grupos que criminalizam o aborto se caracterizam como um tipo de cristianismo “sem graça”, “sem amor” e “sem cristo”, que ratifica um ambiente de violência contra a mulher.

No enunciado 2, *videocast* em que é desenvolvida uma resposta ao crime de assassinato da deputada carioca Marielle Franco, também encontramos a presença da bivocalidade polêmica. Para o pastor Henrique Vieira, conforme expresso em suas palavras, “A igreja de Cristo não tem o direito de ficar calada diante do assassinato de Marielle Franco e Anderson [...], da “violência do estado, do genocídio da juventude negra, do massacre permanente contra os pobres, moradores das favelas”. Adiante, ele diz:

ENUNCIADO 2 DO GRUPO DE PAUTAS *JUSTIÇA SOCIAL*

Eu quero chamar a igreja de Jesus a sair da covardia, a sair da alienação, a sair do templo. Eu fico vendo alguns programas evangélicos e líderes religiosos explorando o povo, gastando tempo destilando ódio, perseguindo mulheres, LGBTQs, negros. Nós, discípulos de Jesus, não podemos mais ficar em silêncio diante desses falsos líderes, diante desses coronéis da fé, diante desses mercadores do templo.

No excerto acima, verificamos a presença de uma bivocalidade polêmica, uma vez que, durante a enunciação, o pastor Henrique Vieira instaura um conflito com vozes fundamentalistas que compõem o movimento evangélico brasileiro. O embate tem por base a intensa presença de evangélicos, especialmente dos grupos pentecostais e neopentecostais, na rádio, na televisão e na internet, por meio de programas cujos objetivos são evangelizar e defender os princípios da ideologia cristã protestante.

Para o pastor Henrique Vieira, esses programas, assim como os líderes evangélicos que neles produzem mensagens religiosas, não contribuem, de forma positiva, para o bem-estar social, uma vez que, conforme expresso, de forma crítica no fragmento acima, exploram as pessoas, “destilando ódio e perseguindo mulheres, LGBTQs, negros”, ou seja, minorias sociais de uma forma geral.

O pastor Silas Malafaia, que temos utilizado como exemplo na discussão que estabelecemos nesta seção, é um dos líderes fundamentalistas pentecostais que possui uma relevante visibilidade na mídia social brasileira. Em 1982, ele fundou a *Associação Vitória em Cristo* com as finalidades de evangelizar, de defender os princípios cristãos e de se posicionar sobre assuntos diversos por intermédio de um programa de televisão, o qual teve, inicialmente,

o nome de *Impacto*, depois de *Renascer* e, hoje, denomina-se de *Vitória em Cristo*⁴². Abaixo, veremos outro fragmento de um discurso produzido pelo pastor (agora, no programa supracitado) em julho de 2016 que mantém relação com o que foi expresso pelo pastor Henrique Vieira no excerto apresentado:

Então, eu sempre falei aqui... não é contra homossexuais, é contra o ativismo gay, porque é ideológico. E agora nós estamos vendo o resultado daqueles que debocharam de mim, agora cala a boca e engole quietinho. Né? É abolir o dia dos pais e das mães nas escolas... Hãh? Abolindo... Agora documentos, não têm mais o nome do pai e da mãe, é do genitor. Né? Você nasceu de quê? Toda sociedade sendo subjugada por uma minoria. Eu sempre denunciei isso, você sabe. Eu sempre denunciei isso. Aqui no estado do Rio de Janeiro, meu irmão que é deputado fez uma lei e botou no calendário oficial que o dia dos pais e o dia das mães está no calendário oficial do estado... Qualquer deputado estadual de qualquer estado coloca isso, porque, se um grupo de pais quiser, a escola é obrigada a comemorar o dia dos pais, dos pais, e o dia das mães, tá? Desde que esteja no calendário. É uma lambada nessa cambada que quer destruir a base da sociedade que é a família.

Com base no exposto, observamos, a partir do contexto do fragmento enunciado acima, que o pastor Silas Malafaia responde, inicialmente, às críticas que recebeu de evangélicos e não evangélicos em virtude do seu constante posicionamento contra o que denomina de “ativismo gay”. O religioso afirma não se opor à homossexualidade, mas ao ativismo promovido pelo movimento, porque, a seu ver, tal comportamento é visto como ideológico, isto é, como um conjunto de ideias – contrárias aos ensinamentos cristãos – que a comunidade LGBTQIAP+, denominada em seu discurso de “ativismo gay”, quer impor socialmente. Essa “ideologia” seria, portanto, inimiga dos princípios bíblicos, vistos, no interior de uma considerável parcela do movimento evangélico, como a palavra de Deus, a qual é incontestável, absoluta.

Em seu discurso, o pastor rebate, com o enunciado “Agora, cala a boca e engole quietinho” com um tom expressivo incisivo e agressivo, as pessoas que teriam debochado dos seus avisos, da sua constante luta contra o “ativismo gay”, que estaria corrompendo a visão de família, de pai e de mãe instituída pela *Bíblia Sagrada*. Tal concepção, defendida pelo pastor Silas Malafaia, tem por base o livro de *Genesis*, capítulo 2, que afirma:

Então o Senhor Deus declarou: “não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda [...] então o Senhor Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhes uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do

⁴² Veiculado na televisão pelas emissoras *Rede TV* e *Band* e no *Youtube* pelo canal *Silas Malafaia Oficial*.

homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele. Disse então o homem: “esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada”. Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne.

A partir do exposto, verificamos que, para o pastor Silas Malafaia, a base da família é a relação entre um homem e uma mulher, que, após o processo reprodutivo, se tornarão pai e mãe. Dessa forma, em sua perspectiva, a busca por alternativas fora desse padrão deve ser combatida, porque não se alinham aos princípios bíblicos. É tanto que, em seu discurso, o pastor citou, de forma abrangente, uma lei, iniciativa do seu irmão – deputado Samuel Malafaia –, que teria institucionalizado, no calendário estadual do Rio de Janeiro, a comemoração ao dia dos pais e ao dia das mães, como forma de combate às iniciativas do “ativismo gay”, que estaria defendendo a troca dos termos “pai” e “mãe” por “genitores” nos registros civis de nascimento. Essa iniciativa é definida pelo pastor Silas Malafaia, em tom expressivo incisivo e agressivo, como uma “lambada nessa cambada”, isto é, como uma espécie de golpe, de pancada inesperada para os militantes da causa LGBTQIAP+.

É importante ressaltar que, além do Pastor Silas Malafaia – utilizado como exemplo nas análises acima –, muitos outros pastores, com programas evangélicos na mídia social, colocam-se contra, de forma direta ou indireta, à militância do movimento LGBTQIAP+ e de outras minorias sociais. Discursos nessa perspectiva, na ótica do pastor Henrique Vieira, destilam ódio e perseguem uma considerável parcela da população deixada à margem da sociedade. Para o pastor progressista, aquele que segue a Jesus deve combater esse tipo de comportamento e de discurso, cujos responsáveis ele caracteriza como “falsos líderes”, “coronéis da fé” e “mercadores do templo”.

A última locução adjetiva apresentada no parágrafo anterior, “mercadores do templo”, faz referência ao texto bíblico, presente no livro *Evangelho de João* – capítulo 2 –, em que Jesus Cristo ficou furioso com as pessoas que transformavam o pátio do *Segundo Templo* (prédio construído pelos judeus, em Jerusalém – no mesmo local onde existiu o *Templo de Salomão* –, após anos de cativeiro na Babilônia,) em um mercado para obter lucro de forma ilícita.

Essa relação é estabelecida pelo pastor Henrique Vieira, porque uma parcela considerável dos pastores que apresentam programas evangélicos no Brasil tem por base a Teologia da Prosperidade, uma vertente que, segundo Mariano (1996), defende os cristãos como uma espécie de financiadores da obra divina, aspecto que faz com que sejam destinados

à prosperidade, constituindo-se, portanto, saudáveis, felizes e vitoriosos em todos os seus empreendimentos.

No que diz respeito à segunda categoria, à molduragem discursiva, ao fundo dialogante atribuído aos discursos recuperados pelo pastor Henrique Vieira no decorrer da construção do seu ponto de vista, encontramos, nos enunciados 1 e 2 do grupo de pautas “Justiça Social”, fragmentos que ilustram a presença desse procedimento discursivo.

No enunciado 1, por exemplo, após polemizar com os grupos evangélicos fundamentalistas que tentaram impedir o aborto da menina abusada pelo tio desde os seis anos de idade, o pastor Henrique Vieira diz:

ENUNCIADO 1 DO GRUPO DE PAUTAS JUSTIÇA SOCIAL

Quando eu olho para a ética do evangelho de Jesus... Jesus defendeu a vida, mas Jesus defendeu a vida olhando para a vida, olhando para realidade concreta, não era uma defesa abstrata. Jesus olhava para as circunstâncias concretas e, a partir delas, defendia a dignidade humana. Lá no evangelho de João, capítulo 8, uma mulher flagrada em adultério, levada por homens para praça pública, para o julgamento, ela ia ser apedrejada em nome da Lei, mas Jesus desautorizou a lógica daquela lei, protegeu a dignidade, a integridade física e emocional daquela mulher e desautorizou aqueles homens, tirando-os daquele lugar, da possibilidade de julgamento e de condenação, porque, para Jesus, é importante defender a vida e a dignidade daquela mulher. Nós precisamos entender que legalizar aborto não significa estimular ou banalizar o tema.

No excerto acima, observamos que o pastor Henrique Vieira faz uso da expressão “ética do evangelho” para dar início à construção do contexto que receberá um enunciado bíblico com a finalidade de fundamentar o seu posicionamento sobre a questão do aborto, o qual alinha-se ao discurso científico, especificamente ao campo da sociologia, que se interessa pela construção social dada às questões que envolvem o sexo biológico.

O uso dessa expressão em questão sugere que Jesus Cristo, em seus ensinamentos – por conseguinte em sua ética –, defendeu, sobretudo, a vida, olhando para a sua concretude, aspecto que, possivelmente, os grupos evangélicos fundamentalistas, na ótica do pastor, não teriam feito ao reivindicar que uma menina de 10 anos permanecesse gerando o fruto de recorrentes abusos sexuais.

Em seguida, produz uma molduragem discursiva, dando um novo contorno dialógico ao enunciado bíblico presente no livro *Evangelho de João*, especificamente no capítulo 8. Na narrativa, observamos a história de uma mulher surpreendida em ato de adultério. Ao solicitar que Jesus a julgasse, os conhecedores da Lei Mosaica, conjunto de 10 mandamentos que teria sido escrito pelo próprio dedo de Deus em tábuas de pedras no Monte Sinai, queriam obter uma

resposta para acusá-lo às autoridades romanas por descumprimento aos mandamentos mosaicos.

Arterburn (2012), em comentário explicativo, aponta que: por um lado, se Jesus dissesse que tinham permissão para apedrejá-la – uma vez que a descrição da Lei de Moisés em *Levítico*, capítulo 20, versículo 10, diz que “Se um homem cometer adultério com a mulher de outro homem, com a mulher do seu próximo, tanto o adúltero quanto a adúltera terão que ser executados” (ARTERBURN, 2012, p. 142) – poderiam encaminhá-lo às autoridades romanas, uma vez que não era permitido que os próprios judeus cumprissem as sentenças de morte; por outro lado, se afirmasse que deveriam perdoá-la, seria acusado de ignorar os mandamentos de Deus. À vista disso, para fugir da armadilha, ele exclamou aos conhecedores da lei: “Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela” (ARTERBURN, 2012, p. 1222), afirmação que, rapidamente, afastou os acusadores.

Ao moldurar o enunciado relatado acima, o pastor Henrique Vieira busca deixar claro que a dignidade do ser humano, especificamente da mulher, é superior ao cumprimento de qualquer lei, de qualquer dogma religioso. Jesus, no decorrer da narrativa apresentada, teria evidenciado isso, visto que, de acordo com os elementos linguísticos selecionados pelo pastor, “desautorizou a lógica daquela lei”, acabando com a possibilidade de “julgamento e condenação” por parte de “homens” (termo utilizado duas vezes para referir-se à classe masculina), os quais agiam em uma sociedade religiosa e patriarcal que visava normatizar, culpabilizar e julgar o corpo feminino, conforme visto no caso da menina de 10 anos abusada, pelo tio, desde os seis anos de idade. Esse comportamento, em sua perspectiva, não condiz com a “ética do evangelho”, expressão ressaltada no início do fragmento analisado.

No enunciado 2, observamos também o fenômeno da molduragem discursiva no momento em que o pastor Henrique Vieira traz aspectos da vida da deputada Marielle Franco para diferentes contextos da narrativa bíblica, especialmente aqueles que revelam fatos e acontecimentos da trajetória de Jesus Cristo. Vejamos:

ENUNCIADO 2 DO GRUPO DE PAUTAS JUSTIÇA SOCIAL

[...] Marielle foi uma profetiza do nosso tempo, porque ela denunciou os esquemas de morte, denunciou os sistemas de opressão, denunciou os privilégios dos opressores, mas ela não apenas denunciou, mas carregou no seu corpo, no seu olhar, no seu sorriso, na sua voz, na sua luta, o anúncio de um novo mundo, de igualdade, de equidade, de respeito à diversidade, de justiça econômica. [...] Marielle tinha uma conexão profunda com o próprio Jesus de Nazaré, que foi alguém que também dedicou sua vida à justiça e enfrentou corajosamente os opressores. Na verdade, tanto Jesus quanto Marielle foram vítimas do ódio. Jesus e Marielle foram vítimas da violência sistêmica que busca silenciar aqueles e aquelas que dão a sua vida por um mundo justo e radicalmente igualitário.

No exceto acima, verificamos a imersão da figura de Marielle Franco, ao ser denominada de “profetiza do nosso tempo”, no contexto bíblico-religioso, com o objetivo de estabelecer uma comparação entre a deputada e a figura de Jesus Cristo a partir de narrativas e passagens da *Bíblia Sagrada*. De acordo com Farias (2016), o profeta, no contexto bíblico, é aquele que interpreta e comunica a voz de Deus; “é uma pessoa escolhida por Deus para transmitir a sua mensagem de denúncia, solução e esperança” (p. 9).

Ainda conforme o autor, “Em nossos dias, os termos profeta ou profetisa definem alguém que denuncia as injustiças sociais e anuncia mudanças, alimentando, assim, o sonho de outro mundo possível” (p. 9). Nesse sentido, Marielle Franco seria uma espécie de porta-voz de Deus na atualidade, uma vez que, em vida, buscou denunciar “esquemas de morte”, “sistemas de opressão” e “privilégios dos opressores”. Ela teria, portanto, se colocado contra os poderosos em nome da justiça social, em nome daqueles que são deixados à margem da sociedade.

Nessa perspectiva, segundo o pastor Henrique Vieira no fragmento acima, Marielle Franco teria sofrido, em seu corpo e em seu rosto, as marcas pela busca da equidade, do respeito, da diversidade e da justiça econômica. Isso, na ótica do pastor, aproxima a deputada de Jesus Cristo, o qual, na condição de filho de Deus, veio à terra também para pregar a justiça social; todavia, até o momento em que foi crucificado, sofreu a desconfiança e a rejeição da humanidade. Observemos, a seguir, dois fragmentos bíblicos que revelam isso:

Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um home de dores e experimentado no sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima. Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças; contudo nós o consideramos castigado por Deus, por Deus atingido e afligido. Mas ele foi traspassado por causa das nossas transgressões; foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados (Isaías 53: 3-5);

Aquele que é a palavra (Jesus Cristo) estava no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam (João 1: 10-11) (ARTERBURN, 2012, p. 833; p. 1208).

Dado o exposto, compreendemos que, para o pastor Henrique Vieira, Marielle Franco, assim como o próprio Jesus Cristo, não teria sido reconhecida pelos brasileiros, sofrendo, por sua vez, a rejeição social, que resultou em seu sofrimento e em sua morte. Por causa disso, ele afirma que “Marielle tinha uma conexão profunda com o próprio Jesus de Nazaré”; constituindo-se uma espécie de protótipo cristão evangélico da atualidade, tendo em vista que

lutou pelo pobre e pelo oprimido, ganhando a desafeição daqueles que não suportam esse tipo de comportamento, o qual denuncia, expõe e revela as injustiças sociais.

Desse modo, Jesus Cristo e Marielle Franco são considerados vozes proféticas que se posicionaram, de forma contundente, contra os opressores do povo de Deus, aspecto que deveria ser levado em consideração pela Igreja cristã na atualidade, conforme observamos na colocação expressa pelo pastor Henrique Vieira: “Marielle entendeu isso: ela fez da rua o seu templo; fez do seu corpo a sua causa; ela fez do seu sonho a sua militância; ela se entregou.”.

A Igreja, a partir do que foi expresso, deve se posicionar e lutar, como fez Marielle, em favor da justiça social, de um evangelho que busque acolher os pobres e os oprimidos socialmente, pautas que se alinham à Teologia da Libertação, vertente que, conforme expomos a partir de Alencar (2019) em nosso capítulo metodológico, ampara teologicamente os discursos do pastor Henrique Vieira.

O tom expressivo, última categoria apresentada na introdução deste capítulo, mostrou-se bastante importante também na análise dos discursos que compõem o grupo de pautas em questão, especialmente pela presença de escolhas lexicais e da ordenação sintático-semântica de termos, frases, orações e/ou períodos linguísticos no interior dos enunciados 1 e 2⁴³. Vejamos, primordialmente, como isso acontece no decorrer do enunciado 1:

ENUNCIADO 1 DO GRUPO DE PAUTAS *JUSTIÇA SOCIAL*

[...] Eu quero dizer que não se reconhece a dor [...]. Eu quero dizer que existe um tipo de organização da igreja e de muitas igrejas que corrobora, sim, a violência contra as mulheres. Existe um tipo de leitura e de interpretação da Bíblia que corrobora, sim, que assina embaixo, sim, da violência contra as mulheres. Existe um tipo de visão sobre que é Deus [...] Esses fundamentalistas, extremistas e fanáticos não estão olhando para a vida, não estão se preocupando com as pessoas, não estão querendo cuidar de quem sofre [...].

Para Volóchinov ([1930] 2019), o tom atribui musicalidade, isto é, sentido e significação ao enunciado concreto. No excerto apresentado, verificamos a presença de um tom expressivo crítico contundente, que resulta da relação do enunciador com o seu objeto do discurso e com os parceiros do processo de comunicação verbal. Nesse sentido, o pastor Henrique Vieira expressa, aos seus interlocutores (visto como aliados) – que são os diferentes indivíduos que compõem, ou não, o segmento cristão em geral –, a sua reprovação em relação ao pensamento e ao comportamento dos evangélicos fundamentalistas sobre o aborto da

⁴³ Ressaltamos que fragmentos dos enunciados 1 e 2, que serviram de exemplo para analisar as categorias anteriores (bivocalidade polêmica e molduragem discursiva) no decorrer desta seção, poderão ser utilizados novamente com a finalidade de ilustrar, desta vez, aspectos estilístico-composicionais.

menina abusada pelo tio desde os 06 anos de idade. Para o pastor, tal ação reforça a violência sexual, praticada por homens, contra as mulheres da sociedade.

O tom expressivo crítico contundente é concretizado pela organização da materialidade linguística do enunciado concreto. Observamos, no fio do discurso, a presença de um (a) simetria/paralelismo, ou seja, de uma correspondência, em aspectos morfossintáticos e semânticos, entre os elementos linguísticos que compõem os períodos do enunciado. É possível constatar esse elemento estilístico-composicional através da repetição, por exemplo, da estrutura “Eu quero dizer que existe um tipo [...] corrobora [...]”, que são utilizadas, junto à repetição do advérbio de afirmação “sim”, para reafirmar, intensificar o posicionamento do pastor. Outra ocorrência é em “não estão olhando para a vida, não estão se preocupando com as pessoas, não estão querendo cuidar de quem sofre”.

Destacamos que a (o) simetria/paralelismo é um procedimento recorrente ao longo de todo o discurso do pastor Henrique Vieira, que nos faz compreender que, possivelmente, o enunciado teve uma versão escrita; mas que foi produzido para ser realizado em uma situação cuja natureza social seja, tipicamente, oral. Tal afirmação baseia-se em Travaglia *et al* (2013), segundo o qual o gênero oral “é aquele que tem como suporte a voz humana (vista como a característica particular que tem o som produzido pelo aparelho fonador) e que foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se da voz humana, independentemente de ter ou não uma versão escrita.” (TRAVAGLIA, 2013, p. 4).

Outro aspecto que dá forma ao tom crítico contundente no enunciado 1 é a seleção (escolha) lexical. Conforme vimos, para Volóchinov ([1929] 2019), as avaliações que fazemos do mundo determinam, no enunciado, as escolhas das palavras, as quais estabelecem uma relação íntima com o tom expressivo. No enunciado 1, verificamos a presença dos vocábulos “fundamentalistas”, “extremistas” e “fanáticos” que revelam a relação axiológica do autor com o objeto do enunciado, ao passo que também nomeiam os grupos com os quais o pastor Henrique Vieira estabelece um tenso diálogo.

Os dois últimos vocábulos (“extremistas” e “fanáticos”), que aparecem em sua primeira ocorrência no enunciado, sugerem que, para o pastor Henrique Vieira, os grupos evangélicos que defendem a obediência rigorosa aos princípios bíblicos agem de forma radical, porque apresentam um zelo excessivo e, muitas vezes, uma devoção cega em relação aos fatos da vida real, concreta.

Outro tom expressivo também aparece no decorrer do enunciado 1 do grupo de pautas “Justiça social”. Vejamos abaixo:

ENUNCIADO 1 DO GRUPO DE PAUTAS JUSTIÇA SOCIAL

Cabe à ética pastoral, cabe ética do evangelho, o exercício da escuta, o exercício do acolhimento, o exercício do diálogo, o exercício do respeito, para a verdadeira preservação da vida.

No excerto acima, verificamos a presença de um tom expressivo sapiencial e acolhedor. O primeiro tom ocorre porque, ante ao comportamento apresentado pelos grupos evangélicos fundamentalistas, o pastor Henrique Vieira busca ensinar o que, a partir da sua interpretação da *Bíblia Sagrada*, considera “ética” (termo já discutido nesta seção) no proceder cristão em relação ao fato avaliado. O segundo tom, que aparece, no fio do discurso, por meio da seleção lexical “exercício da escuta”, “exercício do acolhimento”, “exercício do diálogo” e “exercício do respeito”, revela o modo como os grupos evangélicos, em sua perspectiva, deveriam agir no que diz respeito às mulheres que são vítimas de violência sexual na sociedade brasileira, a exemplo da menina de 10 anos abusada, desde os 06, pelo seu próprio tio.

É interessante destacar também que as palavras selecionadas pelo pastor Henrique Vieira fazem parte do campo semântico progressista, uma vez que são muito utilizadas nos Direitos Humanos, especialmente por pessoas que, em suas práticas cotidianas, buscam ressaltar a importância da dignidade humana, das condições mínimas de exercício da cidadania, as quais devem ser garantidas pelo Estado brasileiro.

No enunciado 2, o pastor Henrique Vieira defende a tese de que “A Igreja de Cristo não tem o direito de ficar calada diante do assassinato de Marielle Franco e de Anderson”, ressaltando, em sua discussão, que o compromisso de Deus é com o povo pobre e oprimido, o que transcende as quatro paredes do templo, da casa em que os adeptos realizam seus cultos religiosos. Vejamos:

ENUNCIADO 2 DO GRUPO DE PAUTAS JUSTIÇA SOCIAL

A igreja tem que sair do esconderijo, do silêncio, da apatia, da covardia e da alienação. Nós não podemos, como discípulos de Jesus, ficar em silêncio; nós não podemos, como discípulos de Jesus, abaixar a nossa cabeça; nós não podemos, como discípulos de Jesus, aceitar um lugar de comodismo, de apatia, de conformidade.

No fragmento acima, verificamos uma combinação de tons, porque, simultaneamente, o pastor Henrique Vieira ensina e critica o comportamento de evangélicos que permanecem engajados, apenas, em rituais no interior de templos religiosos. Os tons são constituídos a partir de uma sucessão de simetrias/paralelismos, a exemplo das expressões “do esconderijo”, “do silêncio”, “da apatia”, “da covardia”, da alienação” que, à medida em que postulam uma

identidade eclesial, criticam, pelo teor do léxico selecionado, a Igreja pela execução desses comportamentos.

No excerto citado, é também possível verificar a presença de outra simetria/paralelismo, que contribui para a construção dos tons expressivos sapiencial e crítico utilizados pelo pastor na composição do seu enunciado, a saber: “Nós não podemos, como discípulos de Jesus, [...]”; nós não podemos, como discípulos de Jesus, [...]”; nós não podemos, como discípulos de Jesus, [...]. Essas/es simetrias/paralelismos recebem, em seus respectivos contextos, as expressões lexicais “ficar em silêncio”, “abaixar a nossa cabeça” e “aceitar um lugar de comodismo, de apatia, de conformidade” com a finalidade de intensificar, ao mesmo tempo, o conteúdo ensinado e a crítica elaborada aos grupos cristãos evangélicos.

O paralelismo também se apresenta, no enunciado 2, no momento em que o pastor fala da sua cosmovisão progressista sobre a mensagem bíblica. Vejamos:

ENUNCIADO 2 DO GRUPO DE PAUTAS *JUSTIÇA SOCIAL*

[...] Mas essa é a história verdadeira do Evangelho. Não é a história das riquezas, do acúmulo, do poder e do trono. É a história da periferia, da favela, dos movimentos de resistência, dos corpos sobreviventes; é a história da cruz, mas também da ressurreição.

No fragmento acima, constatamos uma relação de oposição, estabelecida, inicialmente, pelo conectivo “mas”, cujo objetivo é, provavelmente, revelar, conforme expresso no fio do discurso, a “história verdadeira do Evangelho”, expressão que nos faz pressupor que o pastor Henrique Vieira polemiza com uma visão do cristianismo que, em sua perspectiva, é uma inverdade ou, no mínimo, uma contradição. Essa cosmovisão, conforme visto no decorrer desta análise, diz respeito ao ponto de vista defendido pelos grupos evangélicos fundamentalistas.

A oposição de sentidos sobre a (não) “verdadeira história do Evangelho” de Jesus Cristo permanece sendo construída, no enunciado, pela inserção de um período composto por uma oração negativa, seguida por uma assimetria/paralelismo que incorpora um conjunto de características à história que, presumidamente, não é a verdadeira: “Não é a história das riquezas, do acúmulo, do poder e do trono”.

Em seguida, o pastor Henrique Vieira acrescenta, em oposição ao período negativo, uma oração afirmativa, seguida de uma assimetria/paralelismo com valor adjetivo, cujo objetivo é enfatizar, a seu ver, as reais características da “verdadeira história do Evangelho”: “É a história da periferia, da favela, dos movimentos de resistência, dos corpos sobreviventes”, as quais alinham-se, ressaltamos, à Teologia da Libertação, que prima por uma análise dos fatos sociais à luz de aspectos socioeconômicos, buscando a libertação do sujeito oprimido.

Com base na discussão apresentada, verificamos que o ponto de vista do pastor Henrique Vieira sobre o grupo de pautas “Justiça Social” tem por base principal o discurso religioso bíblico, recuperado à luz de princípios que defendem a justiça social (herança da Teologia da Libertação) e, por sua vez, os Direitos Humanos, cujo fundamento está na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948), documento que outorga a dignidade e a igualdade de direitos à toda pessoa humana.

6.2 Religião e Direitos Humanos

Nesta seção, apresentaremos a leitura de dois *videocasts* selecionados para ilustrar o grupo de pautas “Religião e Direitos Humanos”. Conforme feito na seção anterior, denominamos, para melhor identificarmos, o *videocast 1* de *enunciado 1* e o *videocast 2* de *enunciado 2*, os quais buscaremos contextualizar, de forma breve, nos parágrafos abaixo.

O *enunciado 1* foi veiculado pelo canal *Mídia Ninja*, em abril de 2017. Com tempo de duração de 4min48s, trata da representação de Jesus Cristo como um homem negro que pertence à classe social menos favorecida, aspecto que, na narrativa apresentada pelo cristianismo tradicional, não recebe, muitas vezes, protagonismo. O *enunciado 2*, por sua vez, foi publicado em dezembro de 2019, no *Youtube*, alguns dias antes dos cristãos celebrarem o Natal. Com tempo de duração de 2min49s, em seu discurso, o pastor Henrique Vieira aborda o diálogo interreligioso que teria ocorrido, em sua perspectiva, durante o nascimento de Jesus, considerado, entre os adeptos, o libertador do povo cristão.

No que diz respeito aos aspectos analíticos, destacamos que, ao iniciar suas considerações sobre o enunciado 1, o pastor Henrique Vieira apresenta sua tese: “Jesus é negro!”. Em seguida, explica, a partir da sua interpretação, os motivos pelos quais defende essa assertiva, recuperando, para isto, fundamentos bíblicos, de forma indireta: “Jesus, segundo a memória do Evangelho, foi levado em fuga para o Egito pelos seus pais, fugindo da perseguição do rei Herodes, justamente para aumentar suas chances de não ser percebido.”.

Ele continua sua explicação polemizando, a partir de aspectos bíblicos e históricos, a imagem de um Jesus branco, que, a seu ver, foi construída para legitimar a supremacia branca europeia. Vejamos:

ENUNCIADO 1 DO GRUPO DE PAUTAS *RELIGIÃO E DIREITOS HUMANOS*

Se Jesus fosse branco, de olhos claros, não seria para o Egito que seus pais o levariam. Seria como tentar esconder uma criança suíça numa escola nigeriana; porque com a expansão marítima europeia, a colonização e a escravidão, a imagem de um Jesus branco era muito conveniente para tentar justificar o discurso da inferioridade do negro africano e dos indígenas [...].

No fragmento acima, verificamos a presença da bivocalidade polêmica, uma vez que o pastor Henrique Vieira polemiza com a voz que concebe como tradicional no interior do movimento religioso evangélico, a qual, a seu ver, conserva, até o presente momento, influências europeias em seu interior. À vista disso, é como se, desde a colonização, quando os portugueses investiram, em massa, no processo de catequização e de aculturação do povo indígena para a exploração da terra e para a implementação da sua fé e do seu poderio, o cristianismo católico e, posteriormente, o evangélico tivessem absorvido, no Brasil, traços da ideologia cristã europeia.

A bivocalidade polêmica, que se materializa no enunciado por meio da negação (refutação) da cosmovisão de mundo do cristianismo tradicional, tem por base a representação de Jesus Cristo, constituída ao longo dos séculos, como um homem branco, de olhos claros e de cabelos longos. Sobre isso, destacamos que, ao longo da história do cristianismo, a representação visual de Cristo tem sido motivo de muitas especulações, em razão da sua aparência não ser descrita na *Bíblia Sagrada*. Tal aspecto revela, de acordo com Neto (2022), que as imagens de Jesus da atualidade remontam à imaginação e à criatividade artística dos primeiros artistas cristãos e que aquilo que foge do padrão construído e aceitável, ao longo dos séculos, é considerado blasfêmia.

Segundo o autor, a Palestina, região em que Jesus Cristo nasceu, foi dominada durante longos anos por vários povos, especialmente, e na maior parte do tempo, pelo Império Romano. Nesse sentido,

[...] muitos foram os povos que estiveram em contato com o judaísmo e que muito embora a tradição judaica seja fechada a influências e mudanças externas, é improvável que não tenha existido nenhuma miscigenação, seja ela cultural ou física, de forma que o povo do Oriente Médio se misturou aos seus dominantes. (NETO, 2022, p.23)

Dessa forma, a partir do exposto, verificamos que se tornou difícil precisar uma imagem fidedigna de Jesus Cristo, porque a miscigenação, nesse longo processo de cativo do povo judeu, foi inevitável. Nesse sentido, é, a partir desse contexto especulativo, que o pastor Henrique Vieira pôde colocar em dúvida a imagem construída, ao longo dos séculos, pelo

cristianismo europeu e, por conseguinte, pelo movimento cristão brasileiro, assim como defender, em seu discurso, a tese de que Jesus Cristo é negro.

A dúvida, quanto à imagem de Jesus Cristo, revela-se, na materialidade discursiva, pela presença de dois aspectos: inicialmente, por um período composto por subordinação com valor adverbial condicional, “Se Jesus fosse branco, de olhos claros, não seria para o Egito que seus pais o levariam”, através do qual podemos pressupor uma negação à representação de Jesus Cristo com traços fenotipicamente europeus; em segundo lugar, por uma comparação, provavelmente, impraticável na ótica do pastor, a saber: “Seria como tentar esconder uma criança suíça numa escola nigeriana”.

No que diz respeito à expansão marítima, à colonização e à escravidão citadas acima, o pastor Henrique Vieira utiliza o termo “conveniente” para caracterizar o discurso que legitima a imagem de Jesus Cristo com traços europeus. Acerca disso, Costa (2012) afirma que a *Bíblia Sagrada* foi utilizada como instrumento de colonização para legitimar a escravidão do povo negro e do povo indígena. Segundo a autora,

O argumento, supostamente baseado na Bíblia, para o surgimento da cor preta seria a marca que Deus colocou em Caim por ter matado seu irmão Abel (cf. Gn. 4:15). Ainda que a maldição (escravização) dos povos africanos sucedeu por causa da irreverência de Cam - filho de Noé - amaldiçoado à escravidão por ter visto a nudez paterna (cf. Gn. 9:25). Por conta disso, foi criada uma concepção de que a maldição que Cam recebeu de Deus por sua transgressão/pecado, acabou sendo transmitida aos seus descendentes e que a “cor” preta seria, então, um distintivo de maldição, uma marca indelével de subalternidade e inferiorização da raça negra. (COSTA, 2012, p. 41).

Em vista do exposto, compreendemos que o povo negro foi visto como inferior por causa da cor preta, considerada, em certos momentos da história e em meios sociais cristãos, como sinônimo de maldição, pecado, transgressão. Costa (2012) afirma que os negros foram introduzidos ao cristianismo como parte de um projeto de colonização, que os forçou a abandonar sua cultura e suas crenças para se converterem ao cristianismo, isto é, à coroa portuguesa.

No enunciado 2, que aborda a temática da intolerância e do diálogo interreligioso, observamos a presença da bivocalidade polêmica, mas, desta vez, com um tom mais comedido, provavelmente, por se tratar de uma mensagem transmitida, praticamente, às vésperas do Natal, festividade em que os cristãos comemoram o nascimento de Jesus Cristo, considerado, pelos adeptos do movimento, o filho de Deus. Observemos:

ENUNCIADO 2 DO GRUPO DE PAUTAS *RELIGIÃO E DIREITOS HUMANOS*

[...] Vivemos um tempo tão estranho de intolerância religiosa, potencializada pelo racismo, pela perseguição, especialmente no Brasil, a mães e pais de santos. Toda matriz africana em sua espiritualidade sendo perseguida, condenada, tantas vezes, por vozes que vêm do próprio cristianismo.

No fragmento acima, verificamos uma bivocalidade polêmica estabelecida em torno da visão que grupos evangélicos tradicionais e fundamentalistas possuem sobre diferentes formas de religiosidade. Na segunda parte do fragmento exposto, verificamos, por meio dos termos “perseguida” e “condenada”, que, para o pastor Henrique Vieira, esse tipo de julgamento, desaprovação e importunação, realizada por determinados grupos do movimento, ocorre, especialmente, em relação aos adeptos das religiões de matriz africana, o que potencializa o racismo religioso.

Abaixo, a fim de ilustrar isso, apresentamos duas manchetes jornalísticas que exemplificam as ações de intolerância religiosa criticadas pelo pastor:

Figura 1 – Manchete do portal Sertão 24 horas



Fonte: <https://sertao24horas.com.br/2018/11/06/intolerancia-religiosa-video-de-evangelicos-expulsando-fieis-de-religoes-africanas-de-cemiterio-viraliza-e-provoca-reacoes/>

Figura 2 – Manchete do portal G1



Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/14/policia-investiga-acao-do-bonde-de-jesus-contraterreiros-de-religioes-de-matriz-africana-no-rj.ghtml>

Na imagem 1, observamos uma manchete que discorre sobre a expulsão, realizada por grupos evangélicos, de pessoas que participavam de uma celebração de umbanda no cemitério de Maruí, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. De acordo com informações do portal *Sertão24horas* (2018), o fato, que ocorreu no dia de finados, ganhou uma enorme repercussão social, uma vez que um grupo de cerca de 30 evangélicos, após invadir o local onde os seguidores da umbanda estavam, começaram a gritar discursos como: “Jesus tem poder”, “o nome de Jesus é poderoso”, “o demônio sai”, “A feitiçaria sai” etc., constrangendo e inibindo a realização do culto religioso.

Na imagem 2, verificamos uma manchete que aborda a prisão de traficantes que formavam o denominado “Bonde de Jesus”, na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Acusados de ataques a centros religiosos de matriz africana, as ações de intolerância religiosa teriam começado após a conversão de traficantes aos ensinamentos de uma igreja evangélica. De acordo com informações do G1 (2019), um dos membros do “Bonde de Jesus” afirmou que o pastor da instituição era o mandante dos crimes.

Para o pastor Henrique Vieira, ações como as que foram apresentadas acima não devem fazer parte do cristianismo. Ao mobilizar a expressão “por vozes do próprio cristianismo”, por exemplo, ele deixa claro que qualquer tipo de perseguição, de condenação ou de proliferação de discursos que fomentem ações de intolerância religiosa não deveriam partir do interior do cristianismo.

No que diz respeito à molduragem discursiva, os enunciados do grupo de pautas “Religião e Direitos Humanos” também se mostraram relevantes. No enunciado 1, ao defender a tese de que Jesus é negro, o pastor Henrique Vieira dá acabamento ao personagem histórico utilizando elementos que não pertencem à cultura do povo palestino, conforme verificamos no excerto abaixo:

ENUNCIADO 1 DO GRUPO DE PAUTAS *RELIGIÃO E DIREITOS HUMANOS*

As parábolas, as histórias contadas por Jesus, eram exemplos de narrativas, histórias africanas usadas para ensinar. Portanto, Jesus está mais próximo dos griôs africanos, contadores africanos, do que dos sábios gregos.

No fragmento acima, observamos uma molduragem discursiva, uma vez que, após condenar a imagem europeizada de Jesus Cristo, o pastor Henrique Vieira recorre à cultura africana, a fim de aproximar aquele que considera o libertador do povo de Deus do modo de vida daqueles que constituem essa civilização. Segundo o pastor, as parábolas, que são narrativas breves – repletas de conteúdo alegórico – utilizadas por Jesus para transmissão de ensinamentos, são exemplos de histórias africanas passadas pelos griôs, contadores e músicos de famílias tradicionais, que, de geração em geração, faziam com que seus membros conhecessem, por meio da tradição oral africana, a saga dos seus povos, suas lutas, seus costumes, suas relações sociais e seus parentescos, aponta Pessoa (2016).

Dessa forma, ao dizer “Jesus está mais próximo dos griôs africanos, contadores africanos, do que dos sábios gregos”, Henrique Vieira busca mostrar que Jesus está mais próximo da cultura africana, dos costumes do povo negro, do que da cultura dos grandes pensadores gregos, brancos europeus. Tal afirmação, em seu projeto de dizer, ratifica a tese que vem apresentando desde o início do seu discurso: Jesus é negro.

No decorrer do enunciado 1, verificamos, ademais, outra molduragem discursiva, em que o pastor Henrique Vieira apresenta Jesus Cristo como alguém que representa a classe pobre, oprimida. Vejamos a seguir:

ENUNCIADO 1 DO GRUPO DE PAUTAS *RELIGIÃO E DIREITOS HUMANOS*

Porque Jesus viveu na periferia, área colonizada, militarizada, com a presença constante dos caveirões romanos; porque o menino Jesus, também segundo a memória do Evangelho da Bíblia, sobreviveu ao massacre contra os meninos, operado pelo próprio Estado. Poder crescer já foi uma bênção; porque Jesus disse que nós o encontraríamos nos corpos vítimas de violação, gente que tá presa, torturada, que não tem um teto para morar, que vê um pedaço de terra lindo pronto para plantar, mas antes tem uma cerca impedindo de entrar, gente que está nas filas dos hospitais públicos, podendo morrer a qualquer momento, gente que vive sob a ameaça da violência, gente que vive sendo esculachada pelo patrão, gente que teve a sua terra saqueada, sua memória desrespeitada, em nome do progresso da civilização.

No excerto acima, o pastor Henrique Vieira estabelece uma relação de aproximação da história de Jesus Cristo com os problemas sociais vivenciados por pessoas que residem em periferias do país e não possuem, muitas vezes, condições mínimas de sobrevivência. A seleção lexical dos termos e das expressões “periferia”, “área colonizada”, “militarizada” e “presença constante dos caveirões” lembram, por exemplo, as operações, realizadas pelos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, para a ocupação, através da polícia, de comunidades dominadas pelo tráfico. Nesse contexto, homens, mulheres, crianças e idosos acabam perdendo, injustamente, a vida, em meio aos tiroteios realizados por traficantes e por policiais nesses espaços.

Para Vieira, Jesus Cristo, negro como uma boa parcela das pessoas que residem em comunidades em nosso país, também passou por esse tipo de situação, a qual o pastor denomina de “massacre” realizado pelo “próprio Estado”. Para exemplificar a sua afirmação, o pastor faz menção à narrativa bíblica encontrada no *Evangelho de Mateus*, a qual se passa pouco tempo após o nascimento de Jesus, em Belém da Judeia. Observemos:

Depois que partiram, um anjo do Senhor apareceu a José em sonho e lhe disse: “Levante-se, tome o menino e sua mãe, e fuja para o Egito. Fique lá até que eu lhe diga, pois Herodes vai procurar o menino para matá-lo”. Então ele se levantou, tomou o menino e sua mãe durante a noite, e partiu para o Egito, onde ficou até a morte de Herodes. E assim se cumpriu o que o Senhor tinha dito pelo profeta: “Do Egito chamei o meu filho”. Quando Herodes percebeu que havia sido enganado pelos magos, ficou furioso e ordenou que matassem todos os meninos de dois anos para baixo, em Belém e nas proximidades, de acordo com a informação que havia obtido dos magos. (ARTERBURN, 2012, p.1091-1092)

No excerto acima, vemos um fragmento bíblico que relata a matança promovida por Herodes, rei de um território da Judeia entre 37 a.C. e 4 a.C., com o objetivo de exterminar um suposto rival que considerou ameaça ao seu reinado. Herodes teve ciência do nascimento de Jesus Cristo, relata o texto bíblico, por meio dos três reis magos que lhe disseram: “Onde está

o recém-nascido rei dos judeus? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo.” (ARTERBURN, 2012, p. 1091). Ao sentir o seu poderio comprometido, Herodes decreta a morte de todas as crianças menores de dois anos.

Conforme exposto, o termo “massacre” faz referência ao texto bíblico citado acima. Ao utilizá-lo, o pastor Henrique Vieira faz uma comparação das mortes causadas por traficantes e por polícias que invadem os morros e as favelas do Rio de Janeiro e de São Paulo com a matança promovida pelos soldados do rei Herodes, expressa na narrativa bíblica que ilustramos. Dessa forma, Jesus, assim como a população dos morros e favelas, também enfrentou diversas dificuldades sociais em seu tempo.

Após isso, o pastor Henrique Vieira dá continuidade ao processo de molduragem discursiva fazendo referência, de forma indireta, a um excerto bíblico que enfatiza a necessidade de enxergar as pessoas em estado de vulnerabilidade social. Na ótica dele, somente assim, os ensinamentos do líder do cristianismo fariam sentido, estariam sendo colocados em prática. Vejamos esse fragmento:

Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: “Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo. Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e você me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram.”. (...) Digo-lhes a verdade: “O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram.”. (ARTERBURN, 2012, p. 1125-1126).

O texto acima compõe uma série de ensinamentos realizada por Jesus no decorrer dos capítulos 24 e 25 do *Evangelho de Mateus*. Com o título “O julgamento das nações”, nele, observamos que Cristo, considerado o libertador messiânico, irá separar “ovelhas”, metáfora utilizada para designar aqueles que são considerados justos e seguem os ensinamentos bíblicos, dos “bodes”, metáfora utilizada para designar aqueles que são chamados de pecadores, pois vivem sem guardar, supostamente, os mandamentos divinos. Nesse contexto, na vinda do messias, aqueles que estarão à direita serão as ovelhas, porque obedeceram aos princípios bíblicos e ajudaram aos menores irmãos de Cristo, conforme exposto no texto sagrado.

À vista disso, o pastor Henrique Vieira recupera o texto ilustrado acima para enfatizar a necessidade de acolher pessoas pobres, necessitadas e marginalizadas que passam, ainda na atualidade, por situações diversas que destroem a sua dignidade. Vieira busca fazer uma análise crítica da realidade social à luz de textos bíblicos, chamando a atenção para os males que perpassam, cotidianamente, a sociedade brasileira. Possivelmente, em sua ótica, Jesus não está

nos dogmas defendidos por aqueles que compõem a parcela tradicional e fundamentalista dos evangélicos, mas naqueles que são injustiçados por questões sociais, econômicas, políticas e culturais. Nesse sentido, é necessário ajudá-los, acolhendo-os dentro de suas necessidades.

No enunciado 2, por sua vez, a molduragem discursiva também se faz presente no momento em que o pastor Henrique Vieira estabelece uma interpretação do enunciado bíblico sobre o nascimento de Jesus Cristo. Vejamos:

ENUNCIADO 2 DO GRUPO DE PAUTAS *RELIGIÃO E DIREITOS HUMANOS*

O Evangelho de Mateus fala da visita de magos do Oriente a Jesus de Nazaré, quando menininho recém-nascido. Uma história cheia de mistério, fascínio e múltiplas interpretações ao longo da história. Magos, que olhando para a estrela - então, possivelmente, com conhecimento de astrologia -, foram seguindo essa estrela e chegaram exatamente ao local onde estavam José, Maria e o menino Jesus. Muito provavelmente eram sacerdotes da religião persa, o zoroastrismo, de uma tradição religiosa, portanto, bem diferente da tradição religiosa de José, Maria e de Jesus. O que eu quero chamar atenção? Que estes magos, a partir da sua expressão religiosa, do seu conhecimento do universo e da astrologia, chegaram lá, celebraram, festejaram, foi uma troca, uma alegria partilhada entre núcleos de tradições religiosas diferentes.

No fragmento acima, verificamos que o pastor Henrique Vieira recupera um enunciado bíblico presente no *Evangelho de Mateus*, especificamente no capítulo 2, o qual relata a visita de três magos do Oriente a Jesus Cristo, após o seu nascimento em Belém, na Palestina. A narrativa afirma que, após o surgimento de uma estrela no Oriente – local onde o cristianismo teve o seu berço –, os magos vieram até Belém adorá-lo, denominando - lhe de “rei dos Judeus”. Ao encontrá-lo, encheram-se de alegria e, em seguida, o adoraram, ofertando-lhe presentes, a saber: o ouro, o incenso e a mirra.

De acordo com Bueno (2014), o comportamento dos magos do Oriente tem por base uma profecia feita pelo profeta Balaão, a qual foi guardada e transmitida aos sucessores dos magos no decorrer do tempo. Presente no antigo testamento bíblico, especificamente no livro de *Números*, ela anuncia o nascimento de um Messias sem, todavia, conter referência explícita alguma à visita de magos do Oriente. Observemos:

Eu o vejo, mas não agora; eu o avisto, mas não de perto. Uma estrela surgirá de Jacó; um cetro se levantará de Israel. Ele esmagará as fontes de Moabe e o crânio de todos os descendentes de Sete. Edom será dominado; Seir, seu inimigo, também será dominado; mas Israel se fortalecerá. De Jacó sairá o governo; ele destruirá os sobreviventes das cidades. (ARTERBURN, 2012, p. 185).

Para Bueno (2014), o cetro e a estrela, expressos na citação acima, apresentam, no interior da cultura cristã, um valor bastante simbólico. Também chamado de bastão, o cetro é

o símbolo da realeza no Ocidente. Na *Bíblia Sagrada*, ele pode ser nomeado de bastão, cajado, vara etc., sendo investido de poder divino e sobrenatural. A vara de Moisés, por exemplo, dividiu o Mar Vermelho em duas partes para passagem do povo de Israel, afirma a autora. A estrela, por sua vez, evoca a profecia feita por Balaão aos magos, bem como, na atualidade, remete ao Natal, à comemoração do nascimento de Jesus Cristo, considerado o filho de Deus.

Para o pastor Henrique Vieira, conforme verificamos a partir da expressão “múltiplas interpretações” presente no fragmento acima, a narrativa recuperada pode apresentar várias versões bíblicas, fato veementemente recriminado pelas vertentes mais tradicionais do cristianismo evangélico. Todavia, ao afirmar isso, ele busca validar sua possibilidade de leitura, de molduragem discursiva, acerca da visita dos magos do Oriente (considerados, em sua perspectiva, como sacerdotes do zoroastrismo) a Jesus Cristo.

Segundo Vermes (2007), os magos eram sacerdotes zoroastrianos, os quais, na cultura greco-romana, tinham o dom de interpretar sonhos e adivinhar o futuro. Bueno (2014) acrescenta que eles estudavam o céu com bastante convicção de que as estrelas poderiam revelar o destino dos homens. Na antiguidade, aponta a autora, “a astrologia era tratada como uma ciência cujas previsões faziam par com os eventos astronômicos” (BUENO, 2014, p. 68). Dessa forma, os magos tinham bastante conhecimento sobre as estrelas, que os orientou a chegar a Jesus.

Todos os aspectos mobilizados no enunciado citado acima foram utilizados, pelo pastor Henrique Vieira, com a finalidade de ressaltar o pensamento que se pauta no encontro respeitoso entre as diferentes religiões, temática discutida, para exemplo, no interior de disciplinas científicas como a Ciência da Religião. José e Maria, ao invés de expulsarem, acolheram os três magos do Oriente que, com seus conhecimentos – encarados pelo cristianismo como misticismo –, chegaram a Jesus para adorá-lo. Tal comportamento, na visão do pastor Henrique Vieira, implica, portanto, em diálogo e respeito entre diferentes religiões.

No tocante ao tom expressivo, observamos, no decorrer do enunciado 1, a presença, quase predominante, de um tom sapiencial, atravessado, poucas vezes, pelo tom crítico de forma moderada, aspectos que observamos no excerto a seguir:

ENUNCIADO 1 DO GRUPO DE PAUTAS *RELIGIÃO E DIREITOS HUMANOS*

Jesus é negro! Por que nós afirmamos isso? [...] Porque um Jesus afro-asiático seria no mínimo um incômodo, um constrangimento para o branco europeu colonizador e para os escravocratas da América, todos cristãos. Porque um Jesus negro que se junta aos oprimidos seria uma ameaça ao poder, inclusive o poder da igreja na Europa. [...] Porque Jesus teve um corpo sob suspeita, desconfiança, ameaça permanente. Porque Jesus foi um resistente! Historicamente, teologicamente, Jesus é negro!

Verificamos, a partir do exposto, a presença predominante do tom expressivo sapiencial, o qual se revela, no fio do discurso, pela organização composicional e linguística do enunciado. Percebe-se, nesse sentido, uma preocupação do pastor Henrique Vieira com a forma, isto é, com a maneira, que se revela bastante didática, de apresentar seu ponto de vista para o (s) seu (s) interlocutor (es).

Ademais, no fragmento acima, que apresenta três momentos diferentes do enunciado analisado, verificamos, inicialmente, a presença da tese “Jesus é negro”, a qual é recuperada, pelo pastor, com a finalidade didática de enfatizar o seu ponto de vista, na conclusão do enunciado. Após isso, observamos uma pergunta, colocada de forma retórica, com a finalidade de suscitar um conjunto de possíveis justificativas, motivos e razões pelas quais Jesus Cristo seria negro.

Em seguida, constatamos, do começo ao fim do enunciado, uma série de simetria/paralelismo construída com o propósito de elencar os motivos (razões) que fundamentam a tese defendida pelo pastor. Cada simetria/paralelismo inicia-se com a conjunção “porque” que sugere um efeito de sentido de justificativa, explicação, causa, motivo ou razão, conforme verificamos no fragmento: “Porque um Jesus afro-asiático [...] Porque um Jesus negro [...] Porque Jesus teve um corpo [...]”.

Embora o tom expressivo sapiencial seja predominante no enunciado 1, é possível, por meio da seleção lexical, constatar, em alguns momentos, a presença de um tom crítico moderado no discurso analisado. Isso ocorre no excerto acima no momento em que o pastor Henrique Vieira enuncia a expressão “todos cristãos”, sugerindo, por sua vez, que os responsáveis pela colonização e pela escravização, fatos que protagonizaram no decorrer da história da humanidade o maior sofrimento do povo negro e indígena, eram considerados, também, cristãos.

No enunciado 2, de semelhante modo, encontramos o tom expressivo sapiencial, atravessado, de forma breve, pelo tom crítico. Abaixo, vemos um fragmento que exemplifica, de forma clara, o tom predominante sapiencial abordado pelo pastor Henrique Vieira:

ENUNCIADO 2 DO GRUPO DE PAUTAS *RELIGIÃO E DIREITOS HUMANOS*

Daí a gente olha para Bíblia, para vida de Jesus, não tem nada disso; tem a celebração da diversidade, tem o encontro entre os diferentes. O próprio nascimento de Jesus é uma prova disso: magos do Oriente com seu conhecimento; a família de Jesus com sua tradição religiosa; e uma comunhão, uma troca, uma alegria, uma celebração. Portanto, quando você for comemorar o natal, se você for lembrar do nascimento de Jesus, lembre-se disso, no Evangelho não tem espaço algum para o preconceito e para intolerância. O próprio nascimento de Jesus já tem celebração do encontro e da diversidade. Fraternal abraço! Celebre! Feliz Natal.

No fragmento acima, observamos a presença do tom expressivo sapiencial, marcado, no enunciado analisado, pela interpretação do discurso bíblico que tem por base ressaltar a fraternidade, o diálogo interreligioso. O nascimento de Jesus, conhecido como o Natal cristão, torna-se, para o pastor Henrique Vieira, sinônimo de comunhão entre sujeitos de diferentes crenças, conforme observamos através dos termos “encontro” e “diversidade” empregados no final do excerto acima.

Além disso, verificamos, acima, os termos “comunhão”, “troca”, “alegria” e “celebração”, bem como os vocábulos “preconceito” e “intolerância”, gerando uma espécie de oposição lexical, com a finalidade de revelar que o nascimento de Jesus Cristo não é símbolo de prejulgamento e de intransigência, mas de unidade entre todos que celebram a festa natalina.

Destacamos que os termos “comunhão”, “troca”, “alegria” e “celebração” estão no interior de uma oração que forma, no enunciado investigado, uma/um simetria/paralelismo, procedimento recorrente nas leituras dos demais enunciados analisados no decorrer deste capítulo. Todavia, esse elemento é utilizado, em específico neste enunciado, de forma mais moderada.

Conforme pudemos observar no decorrer da análise do grupo de pautas “Religião e Direitos Humanos”, o ponto de vista do pastor Henrique Vieira se constituiu no incessante diálogo com outros discursos sociais, especialmente com o discurso bíblico, o qual, à luz de aportes teóricos e teológicos como os Direitos Humanos e à Teologia da Libertação – incluindo as Teologias Contextuais –, ganharam novos contornos em defesa de pautas que promovem a inclusão de grupos marginalizados pelo cristianismo e pela sociedade em geral.

6.3 Política

Neste espaço, apresentamos a leitura dos dados que constituem o grupo de pautas que intitulamos “Política”. Analogamente às demais seções apresentadas neste capítulo, analisamos dois *videocasts*, os quais, respectivamente, chamamos, no decorrer da análise, de *Enunciado 1* e de *Enunciado 2*. Esperamos que, ao término desta discussão, possamos compreender melhor o processo de construção do ponto de vista do pastor Henrique Vieira no que diz respeito aos temas que envolvem a política.

O enunciado 1, com duração de 4min51s, foi publicado no *Youtube*, especificamente no canal *Mídia Ninja*, em maio de 2018. Em seu decurso, o pastor Henrique Vieira apresenta um ponto de vista sobre os discursos produzidos por Jair Messias Bolsonaro, na época candidato à Presidência da República do país. A partir dos posicionamentos do aspirante ao

governo brasileiro, o pastor busca defender a tese de que as falas de Bolsonaro, que se autodenominava representante do povo evangélico na disputa, não condiziam com os ensinamentos defendidos, ao longo da *Bíblia Sagrada*, por Jesus Cristo.

O enunciado 2, por sua vez, também foi publicado no *Youtube*, especialmente no canal *Esperançar*, em fevereiro de 2016. Com duração de 5min47s, o pastor Henrique Vieira revela seu ponto de vista sobre a Bancada Evangélica, um termo utilizado para nomear os membros do Congresso Nacional do Brasil e dos legislativos estaduais e municipais que são evangélicos e que militam, no meio político, pela preservação social de ideais considerados, pelo movimento evangélico, cristãos.

Dado o exposto, adiante, apresentamos a leitura de fragmentos dos enunciados contextualizados acima, levando em consideração, inicialmente, a categoria bivocalidade polêmica, revelada, por exemplo, no enunciado 1, por meio de uma negação. Vejamos no excerto abaixo:

ENUNCIADO 1 DO GRUPO DE PAUTAS *POLÍTICA*

Os discursos de Bolsonaro são incompatíveis com o Evangelho, com os ensinamentos de Jesus. Ele disse para deputada Federal Maria do Rosário que não a estupraria porque ela não merece. Uma fala de ódio às mulheres, de desprezo às mulheres, que naturaliza uma violência tão perversa que provoca tanto trauma como o estupro. [...] Em outro momento, ele disse que a PM deveria ter matado mil, não 111 presos no chamado Massacre do Carandiru. Uma fala que também despreza as pessoas que estavam lá. Fico lembrando de Jesus dizendo, quando eu estive preso você foi me visitar. É um texto bíblico em que Jesus demonstra compaixão e solidariedade também com as pessoas que estão privadas de liberdade. [...] com sinceridade, o que estas falas tem a ver com o Evangelho, com os ensinamentos de Jesus?

No fragmento citado acima, composto pelo agrupamento de três momentos do enunciado 1, observamos uma bivocalidade polêmica, caracterizada pela presença de uma negativa, marcada, na materialidade linguística, pelo prefixo de negação “in”, aplicado ao vocábulo “compatível”, na tese defendida no decorrer do enunciado: “Os discursos de Bolsonaro são incompatíveis com o Evangelho, com os ensinamentos de Jesus”.

A bivocalidade polêmica manifesta-se também, no excerto apresentado, pela recuperação de falas proferidas, durante a campanha eleitoral para Presidência da República em 2018, pelo, na época, candidato Jair Messias Bolsonaro. O discurso alheio revela-se, na enunciação, por meio de citações indiretas, as quais trazem, em seu corpo, verbos *dicendi* que auxiliam na introdução de vozes alheias, conforme constatamos na materialidade linguística expressa no excerto acima: “Ele disse para deputada [...]” e “ele disse que a PM”.

Entre os discursos recuperados pelo pastor Henrique Vieira, encontramos, no excerto apresentado, a fala de Bolsonaro produzida em 2014 para a deputada Maria do Rosário (PT-RS), que, no momento, comemorava o *Dia Internacional dos Direitos Humanos* e elogiava, em plenária na Câmara dos Deputados, o relatório de atuação da *Comissão Nacional de Verdade*.

Na ocasião, ele disse: “Não saia, não, Maria do Rosário, fique aí. Fique aí, Maria do Rosário. Há poucos dias você me chamou de estuprador no Salão Verde e eu falei que eu não estuprava você porque você não merece. Fique aqui para ouvir” (RAMALHO, 2016, s.p.), recuperando, por sua vez, um discurso já posto em 2003, quando, no Congresso Nacional, Maria do Rosario o acusou de violência, inclusive sexual, contra mulheres.

Para o pastor Henrique Vieira, discursos dessa natureza não condizem com os ensinamentos pregados pelo cristianismo, havendo, portanto, uma certa incompatibilidade entre os ensinamentos de Jesus Cristo e os discursos de Jair Messias Bolsonaro, os quais, conforme a seleção lexical mobilizada no enunciado, geram “ódio”, “desprezo” e “naturaliza” a violência contra as mulheres.

Outro discurso recuperado no fragmento acima faz referência ao Massacre do Carandiru, uma chacina, em 1992, que resultou na morte de 111 presos, após uma intervenção militar na *Casa de Detenção de São Paulo*. Sobre o fato, o pastor Henrique Vieira fez menção à fala de Bolsonaro que, em um evento na *Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo* (CEAGESP), disse: “Entre a vida de um policial militar e mil vagabundos, ou de 111 vagabundos, que é um número bastante emblemático, fico com a do policial militar contra a de 111 vagabundos” (CASTRO, 2020, s.p.).

Para polemizar e realizar um contraponto em relação à tal afirmativa, o pastor Henrique Vieira recupera um discurso bíblico – já referenciado no decurso desta análise, especificamente na seção 6.2 –, que está presente no Evangelho de Mateus, capítulo 25, versículo 35, o qual, resumidamente, diz: “Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber [...]; estive preso, e vocês me visitaram”.

O discurso mobilizado revela que, para o pastor Henrique Vieira, Jesus, em seus ensinamentos, não desprezou as pessoas que estavam na prisão, que estavam vulneráveis e marginalizadas socialmente. Pelo contrário, mostrou, conforme destacado nos vocábulos “compaixão” e “solidariedade”, acolhimento, aspecto que não foi considerado pelo candidato Bolsonaro, o qual tem se intitulado, no decorrer da sua campanha eleitoral, como representante do povo cristão evangélico. Em virtude disso, na última parte do excerto apresentado acima, de forma indagativa e como forma de reafirmar a sua tese, o pastor Henrique Vieira enuncia:

“com sinceridade, o que estas falas tem a ver com o evangelho, com os ensinamentos de Jesus?”.

No enunciado 2, que discorre sobre a Bancada Evangélica, verificamos, de modo semelhante ao enunciado 1, uma bivocalidade polêmica, construída a partir de uma negação. Observemos no excerto abaixo:

ENUNCIADO 2 DO GRUPO DE PAUTAS *POLÍTICA*

Eu não faço parte da bancada evangélica, eu não faria parte de qualquer bancada evangélica, eu quero explicar isso. Primeiro por uma questão de princípio. Eu não estou no parlamento, no caso na Câmara Municipal de Niterói, a partir de um recorte de uma denominação ou de uma instituição religiosa [...]. Eu sou cristão, eu sou pastor, eu tenho Jesus como o meu salvador e como a minha referência, mas eu me sinto concretizando o conteúdo e o sentido da minha fé à medida que eu luto por justiça e pela humanidade. Não à medida em que eu defendo necessariamente uma determinada institucionalidade, por isso que eu não vejo sentido na existência de uma bancada evangélica, me parece no fundo que é a disputa do poder pelo poder, não me organizo a partir desse critério.

Conforme expressei, no segmento apresentado acima, verificamos uma bivocalidade polêmica marcada pela negação “Eu não faço parte da Bancada Evangélica”, utilizada, pelo pastor Henrique Vieira, para esclarecer aos seus possíveis interlocutores que, embora seja um pastor evangélico que exerce, em determinados períodos, cargos políticos, não faz parte e não partilha dos ideais defendidos pela *Bancada Evangélica*, grupo político-religioso cujos ideais ideológicos são alvos de conflito no decorrer do enunciado analisado.

Segundo Spyer (2020), é possível notar que a expressão *Bancada Evangélica* não representa, integralmente, os evangélicos, uma vez que nem todos os políticos que atuam no Congresso Nacional alinham-se ao grupo. Um exemplo disso, diz o autor, é a ex-candidata à presidência da república e atual *Ministra do Meio Ambiente do Brasil*, Marina Silva, que, durante o seu mandato como senadora, não fez parte da bancada por não coadunar com os pensamentos e os comportamentos apresentados pelo grupo.

Salientamos que, ao fazer referência à *Bancada Evangélica*, o pastor Henrique Vieira polemiza com os diferentes discursos, provenientes de diferentes pautas sociais, políticas e religiosas do grupo, que, a seu ver, são fruto de “um recorte de uma denominação ou de uma instituição religiosa”. Sobre isso, é importante dizer que, para Spyer (2020), a união da Bancada Evangélica ocorre em torno, especialmente, de pautas morais, como, por exemplo: defesa dos valores da “família tradicional” ou “natural”; contra legalização do aborto; contra a legalização das drogas; contra os direitos dos cidadãos LGBTQIAP+ etc..

Destacamos, ademais, que, no decorrer dos anos, a união de parlamentares com a finalidade de lutar contra o avanço de pautas progressistas tem crescido de forma relevante no

país, agregando, à Bancada Evangélica, deputados e senadores de diferentes linhas partidárias, a exemplo do deputado Marco Feliciano, eleito por três mandatos consecutivos para exercer o cargo de deputado federal pelo estado de São Paulo (2011-2015; 2015-2019; 2019-2023).

Abaixo, vemos o fragmento de um vídeo publicado pelo pastor Marco Feliciano, no seu canal oficial no *Youtube*, em que busca alertar pastores e adeptos da religião evangélica sobre o avanço das pautas favoráveis à comunidade LGBTQIAP+ no Brasil. No decorrer da enunciação, o parlamentar evangélico afirma:

Desde que eu me elegi, eu ergui a bandeira da defesa da nossa fé cristã e da família tradicional composta por pai, mãe e filhos, claro, sempre respeitando os arranjos familiares, mas sem transigir um milímetro da minha fé e daquilo que eu prego, porque eu prego o verdadeiro evangelho de Cristo do qual eu não me envergonho. Vigiemos, pastores! Vigiemos, Igreja! (FELICIANO, 2022).

No excerto acima, verificamos que o pastor Marco Feliciano atribui, ao seu mandato de deputado federal, a missão de proteger os princípios cristãos, assim como a visão de família tradicional preconizada, em sua perspectiva, pela *Bíblia Sagrada*, conforme observamos por meio da seleção lexical presente em: “Desde que eu me elegi, eu *ergui a bandeira da defesa da nossa fé cristã* e da *família tradicional* composta por pai, mãe e filhos” (FELICIANO, 2022, grifo nosso).

Spyer (2020) aponta que a instrumentalização da fé com finalidade eleitoral ocorreu a partir do momento em que se difundiu a ideia de que a igreja e o plano de evangelização de Deus estariam em perigo. Desse modo, no contexto da redemocratização no Brasil (1980), com finalidade de participar da redação da nova Constituição Federal, os evangélicos, de forma mais preponderante os grupos pentecostais, passaram a defender o lema “Irmão vota em irmão”, apoiando seus representantes, aponta Mariano (2012). Sobre isso, é preciso dizer que os religiosos

Alegavam que era preciso eleger seus próprios representantes parlamentares para defender sua liberdade religiosa, evangelizar a política, proteger a família, a moral cristã e os interesses de suas Igrejas, assim como para combater propostas antibíblicas e moralmente condenáveis, como a união civil de homossexuais, a descriminalização do aborto e do consumo de drogas, entre outras. (MARIANO, 2012, s.p.)

Outro aspecto que convém pontuar, expresso tanto no fragmento enunciado pelo pastor Marco Feliciano como na citação do teórico apresentada acima, é a proteção da “família tradicional”, uma das principais pautas defendidas pela parcela conservadora do movimento

evangélico nacional e internacional. Segundo Spyer (2020), esse tema, que também ecoa nas camadas sociais conservadoras não evangélicas, auxilia na eleição de candidatos que, no poder, trabalham para beneficiar as igrejas que eles representam, o que proporciona a proteção e a manutenção desse conceito, amplamente difundido e defendido entre os grupos evangélicos conservadores.

Sobre isso, convém dizer que, para evitar a possível *destruição da família tradicional* (pensamento que ecoa entre os adeptos conservadores), os grupos evangélicos tradicionalistas buscam articular-se, politicamente, contra o ativismo LGBTQIAP+, o qual defende, como direito do cidadão LGBTQIAP+, o casamento civil homoafetivo e a adoção de crianças por pessoas do mesmo sexo, concessões que, na perspectiva do conservadorismo evangélico, ameaçam a manutenção da “família tradicional cristã”.

No que diz respeito às orações “Vigiemos, pastores! Vigiemos, Igreja!”, expressa no final do enunciado produzido pelo pastor Marco Feliciano, é notável, pelos vocábulos mobilizados, a preocupação do parlamentar evangélico em relação aos avanços de pautas progressistas que, a seu ver, ameaçam os princípios defendidos pelos grupos evangélicos mais conservadores. Tal alerta revela, na perspectiva do pastor, uma possível ameaça que deve ser combatida não só pelo parlamentar, junto à Bancada Evangélica nos meios políticos, mas também pelos pastores e fieis nas diferentes igrejas brasileiras.

Retornando ao discurso do pastor Henrique Vieira apresentado acima, observamos, por meio da seleção lexical presente em “eu me sinto concretizando o conteúdo e o *sentido* da minha *fé* à medida que eu *luto por justiça e pela humanidade*” (*Grifo nosso*), que, em sua perspectiva, o mandato político, exercido por um representante evangélico, deve seguir os princípios da justiça social em prol da humanidade. Nesse sentido, ao invés de defender um conjunto de pautas institucionais, como tem feito, em sua ótica, a Bancada Evangélica, os políticos cristãos devem lutar, a título de exemplo, para viabilizar e garantir os direitos cidadãos; para denunciar a centralização de poderes que oprimem, continuamente, o povo; para contribuir com a construção de uma sociedade, efetivamente, livre e democrática etc.

No tocante à categoria molduragem discursiva, o fenômeno mostrou-se, de forma mais representativa, no enunciado 1, *videocast* em que o pastor Henrique Vieira defende a tese de que os discursos de Bolsonaro são incompatíveis com a mensagem bíblica. Vejamos:

ENUNCIADO 1 DO GRUPO DE PAUTAS *POLÍTICA*

Jesus andou com as pessoas oprimidas, descartadas, humilhadas da sua sociedade. Jesus impediu processos de execução, de achincalhamento. Jesus foi preso, vítima de tortura e um monte de gente xingando, demonstrando ódio contra ele. E mesmo morrendo de forma violenta, Jesus não desejou mal aos seus algozes, aos seus torturadores [...].

No fragmento acima, observamos a presença da molduragem discursiva, uma vez que, ao falar de Jesus Cristo, o pastor Henrique Vieira faz referência, de forma indireta, às histórias bíblicas protagonizadas pelo libertador cristão. Todavia, essas narrativas ganham um contorno progressista, porque enfatizam aspectos como luta, opressão, execução, achincalhamento, ódio e marginalização social, temáticas comuns no universo daqueles que se baseiam nas ideias das diferentes vertentes da Teologia da Libertação.

Sobre isso, destacamos que, no fragmento “Jesus andou com as pessoas oprimidas, descartadas, humilhadas da sua sociedade”, observamos uma possível relação dialógica com a narrativa bíblica presente no *Evangelho de Mateus*, capítulo 9, a qual aborda o convite de Jesus a Mateus para fazer parte do seu ministério. Vejamos:

Saindo, Jesus viu um homem chamado Mateus, sentado na coletoria, e disse-lhe “Siga-me”. Mateus levantou-se e o seguiu. Estando Jesus em casa, foram comer com ele e seus discípulos muitos publicanos e pecadores. Vendo isso, os fariseus perguntaram aos discípulos dele: “Por que o mestre de vocês come com publicanos e pecadores?”. Ouvindo isso, Jesus disse: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes [...]”. (ARTERBURN, 2012, p. 1102).

Observamos no excerto apresentado o chamado de Mateus para o mistério de Jesus Cristo, na condição de um dos seus discípulos. Na ocasião, ele trabalhava na coletoria, exercendo a profissão de publicano, uma espécie de receptor de impostos designado para cobrar tributos nas províncias dominadas pelo Império Romano. Segundo Frazão (2019), a profissão era desprezada pelos doutores da lei e pelo povo judeu, aspecto representado na narrativa ao criticarem, por meio de uma pergunta aos discípulos, a conduta de Jesus em relação aos publicanos e pecadores.

Sobre tal desprezo, Almeida *et al.* (2019) apontam que, no período da dominação romana, houve uma elevação crescente dos impostos diretos e indiretos sob a compra e a venda de produtos de primeira necessidade entre os judeus, ocasionando movimentos de revolta contra o Império Romano. Nesse contexto, os publicanos, servidores do Estado, eram responsáveis pela arrecadação de impostos na região. Em virtude disso, os judeus concebiam

as pessoas que exerciam tal profissão de forma, veementemente, negativa, desprezando-as socialmente.

Para o pastor Henrique Vieira, no fragmento do enunciado 1, é como se Jesus direcionasse a sua missão à justiça social, uma vez que escolheu caminhar ao lado de quem não tinha valor social; de quem era oprimido, desprezado e marginalizado pela sociedade da época. É, justamente, por causa disso que, no decorrer da sua trajetória, ele foi vítima de julgamento, de tortura e de ódio por parte daqueles que não compreendiam a sua missão sociorreligiosa.

No fragmento do enunciado 1, verificamos ainda, no trecho “E mesmo morrendo de forma violenta, Jesus não desejou mal aos seus algozes, aos seus torturadores [...]” uma relação de sentido estabelecida com outro enunciado bíblico, que está presente no *Evangelho de Lucas*, capítulo 23, versículo 33, a saber: “quando chegaram ao lugar chamada Caveira, ali o crucificaram com os criminosos, um à sua direita e o outro à sua esquerda. Jesus disse: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo”. Então eles dividiram as roupas dele, tirando sortes.”.

A crucificação, de acordo com Altares (2018), não é considerada um castigo de origem romana, haja vista que, anteriormente, era, recorrentemente, praticada por assírios, fenícios e persas durante o primeiro milênio antes de Cristo. Todavia, tornou-se uma prática oficial adotada pelo Império Romano para punir cidadãos não-romanos em transgressão. Segundo Rodrigues (2021), a crucificação era uma maneira bastante comum de pena capital utilizada para criminosos, militares desertores, gladiadores, escravos, subversivos, isto é, todos aqueles não romanos que praticavam uma espécie de delito.

Nesse sentido, é como se, para o pastor Henrique Vieira, a violência, a tortura e o ódio não tivessem relação com aqueles que defendem os ideais cristãos, uma vez que, mesmo sendo vítima desses males, Jesus não desejou mal àqueles que o crucificaram. Desse modo, o pastor Henrique Vieira caracteriza os discursos de Bolsonaro, assunto que tem abordado no enunciado 1, como “incompatíveis” com a mensagem cristã, conforme constatamos em uma pergunta retórica elaborada no decorrer do seu discurso: Com sinceridade, o que estas falas tem a ver com o Evangelho, com os ensinamentos de Jesus?

No que se refere ao tom expressivo, observamos que o fenômeno discursivo se fez presente nos enunciados 1 e 2. Acerca disso, no final do enunciado 1, por exemplo, o pastor Henrique Vieira aponta que é necessário a Igreja se posicionar ante falas como as de Bolsonaro. Observemos abaixo:

ENUNCIADO 1 DO GRUPO DE PAUTAS *POLÍTICA*

[...] a igreja como corpo, movimento e instituição, não pode se submeter a um ou outro partido, mas diante de falas de violência, que achincalham o ser humano e naturalizam o sofrimento, que estimulam o ódio, que incentivam práticas de violência [...]; é preciso dizer que as falas de Bolsonaro provocam ódio, são falas fascistas, contrárias ao espírito, ao testemunho, aos ensinamentos de Jesus.

No excerto apresentado, verificamos a presença de um tom expressivo crítico contundente, o qual é caracterizado pelas escolhas lexicais realizadas pelo pastor Henrique Vieira em seu enunciado. Os discursos de Bolsonaro, objeto do dizer, por exemplo, são adjetivados como falas de “violência”, “que achincalham o ser humano”, “naturalizam o sofrimento”, “estimulam o ódio” e “incentivam práticas de violência”, ou seja, não seriam coerentes, de certa forma, com aquilo que o pastor Henrique Vieira acredita compor os ensinamentos de Jesus Cristo.

Outro item lexical, utilizado para denominar as falas de Bolsonaro no fragmento exposto acima, é “fascistas”, termo, amplamente, utilizado, no decorrer das eleições presidenciais de 2018, por adeptos da esquerda partidária, para designar o candidato e seus apoiadores. Destacamos que, por fascismo, entendemos um grupo político ultraconservador e armamentista que surgiu na Itália no início do século XX, “geralmente ligado a uma identidade étnica, com rejeição a outras culturas e vinculado à imagem de um líder” (TEIXEIRA, 2020, s.p.).

Para Magenta (2022), existe um consenso de que o fascismo se situa no campo da extrema-direita no que diz respeito às doutrinas políticas. Segundo o autor, ao longo das décadas, estudiosos conseguiram tipificar algumas características do comportamento político, a saber: líder forte, crise socioeconômica, militarismo, racismo, anti-intelectualismo, controle da sociedade, mentira, medo generalizado, religião, violência, nacionalismo, anticomunismo, participação das elites capitalistas, imperialismo, sociedade de massa etc.

Dessa forma, é como se, para o pastor Henrique Vieira, as falas de Bolsonaro provocassem uma atmosfera fascista que gera, entre os cidadãos brasileiros, ódio e violência de forma geral, sendo, conforme exposto no excerto apresentado acima, ações “contrárias” “aos ensinamentos de Jesus”, princípios cristãos que, na época, o candidato afirmava representar.

Ainda no que diz respeito à construção do tom expressivo crítico contundente, a/o simetria/paralelismo, embora tenha se revelado com menos ocorrências que nos enunciados que formam o grupo de pautas “Justiça Social” e com mais incidências que nos enunciados que

constituem o grupo de pautas “Religião e Direitos Humanos”, mostrou-se uma estratégia linguística importante também no enunciado 1. Vejamos a exemplo a seguir:

ENUNCIADO 1 DO GRUPO DE PAUTAS *POLÍTICA*

[...] E mesmo morrendo de forma violenta, Jesus não desejou mal aos seus algozes, aos seus torturadores, porque o evangelho tem a ver com a vida, com a dignidade, com respeito, com amor como princípio ético.

No fragmento acima, observamos a presença de uma/um simetria/paralelismo por meio da correlação dos complementos nominais “aos seus algozes” e “aos seus torturadores”, utilizados para nomear os responsáveis pelos sofrimentos de Jesus no contexto bíblico da crucificação, bem como por meio da equivalência sintático-semântica entre os complementos “com vida”, “com dignidade”, “com respeito”, “com amor como princípio ético”, usados para enfatizar, destacar na mensagem produzida, os princípios que perpassam, na cosmovisão que o pastor Henrique Vieira defende, a “ética” dos ensinamentos de Jesus Cristo.

No enunciado 2, ao discorrer sobre a Bancada Evangélica, também encontramos a presença de um tom crítico contundente, marcado pela organização oracional e pelas escolhas lexicais realizadas pelo pastor Henrique Vieira no decorrer da enunciação. Vejamos adiante:

ENUNCIADO 1 DO GRUPO DE PAUTAS *POLÍTICA*

É uma bancada extremamente conservadora, que constitui um problema, um impedimento, um obstáculo à garantia de direitos às minorias, setores historicamente massacrados. É uma bancada que fecha acordos sistematicamente com a bancada ruralista e com a bancada da bala, formando um bloco de poder que reproduz as injustiças históricas do nosso país. É uma bancada que fica em silêncio, insensível diante dos dramas que verdadeiramente afligem e maltratam o nosso povo [...]. A bancada evangélica simplesmente se silencia diante desses dramas e fecha acordos com grupos de poder para defender uma moralidade vazia, hipócrita, insensível diante dos sofrimentos que realmente o corpo dos brasileiros e das brasileiras sofre [...].

No excerto acima, verificamos, assim como no enunciado 1 deste grupo de pautas, um tom expressivo crítico contundente decorrente da relação do sujeito com o seu objeto do discurso e com os parceiros do processo de interação discursiva. Esse tom, em primeira instância, revela-se, no fio do discurso, pela presença de uma/um simetria/paralelismo, formada/o por um conjunto de períodos, com predicativos, cuja função é caracterizar, apresentar, na ótica do pastor Henrique Vieira, o significado de *Bancada Evangélica*.

No interior desses períodos, observamos expressões e orações com teor adjetivo – que auxiliam na formação do tom expressivo crítico contundente – cuja finalidade é descrever a noção de *Bancada Evangélica*, caracterizada, por sua vez, de forma negativa, isto é, como um

“problema”, um “impedimento”, um “obstáculo” que defende uma filosofia que o pastor Henrique Vieira denomina de “moral vazia”, “hipócrita” e “insensível” ante à realidade social com a qual os cristãos deveriam se preocupar.

Para finalizar, no decorrer do trecho “É uma bancada que fecha acordos sistematicamente com a bancada ruralista e com a bancada da bala [...]” mencionado acima, verificamos a utilização do termo “acordos”, usado pelo pastor Henrique Vieira, de forma negativa e reprovativa, para fazer referência à associação da *Bancada Evangélica* com outros grupos de parlamentares (Bancada da Bala⁴⁴ e Bancada Ruralista⁴⁵) que, entre os seus interesses, estão também um conjunto de pautas cujo teor é conservador.

Dado o exposto, notamos que o ponto de vista do pastor Henrique Vieira se constrói em meio ao diálogo social, promovendo interações diversas com o discurso bíblico e com a massa discursiva que se constitui ao seu redor. Para ele, a política não deve estar a serviço dos diferentes interesses doutrinários e dos distintos princípios religiosos preconizados pelas instituições cristãs; pelo contrário, deve ter como ideais a justiça social e o respeito aos Direitos Humanos. Nesse sentido, é preciso lutar contra o fundamentalismo religioso, que tem se alinhado à direita conservadora, e defender, por sua vez, o estado laico, a cidadania, a democracia, a diversidade etc..

⁴⁴ De acordo com Miranda (2019), nos anos 2000, alguns membros do legislativo e da imprensa passaram a denominar um grupo de parlamentares, que militavam na Câmara dos Deputados e no Senado Federal por questões que envolviam segurança pública e política criminal, de “Bancada da Bala”. O autor revela que, no decorrer dos anos, essa terminologia, que causou reação no meio político, ganhou reconhecimento pela mídia especializada, pelo próprio grupo de parlamentares e pela sociedade civil. Na época em que surgiu, o termo representava tanto aqueles que defendiam “a contrariedade à restrição à venda, porte e posse de armas no Brasil, como àqueles que supostamente seriam representantes dos interesses de empresas de segurança, armas e munições por terem sido financiados em suas campanhas pelas mesmas” (MIRANDA, 2019, p.40). Atualmente, designa também aqueles que militam por causas corporativistas profissionais da segurança e da ordem pública e defendem questões que envolvem a segurança pública de forma geral.

⁴⁵ A Bancada Ruralista, que surgiu no período de reabertura democrática dos poderes pós-ditadura militar, constitui um grupo de parlamentares que luta por um projeto econômico, ideológico e de classe. Segundo Moizés (2021), entre 1986 e 2008, o primeiro momento dessa bancada é “marcado pelo foco na ampliação territorial do agronegócio, pela busca do controle territorial do campo e da defesa da propriedade privada” (p.41). O segundo momento (pós 2008), aponta o autor, é caracterizado “pela renovação das pautas devido à conjuntura política, demandas dos grandes proprietários fundiários e do agronegócio e ampliação dos espaços de atuação no âmbito parlamentar.” (p.41). Nesse sentido, constitui-se uma frente parlamentar em busca dos interesses do proprietário rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, estudamos o discurso evangélico progressista, especialmente os enunciados produzidos pelo pastor evangélico progressista Henrique Vieira. Como questão de pesquisa, tivemos a seguinte proposição: ao buscar legitimação religiosa, social e política perante o movimento evangélico nacional, quais os fenômenos linguísticos, enunciativos e discursivos utilizados pelo pastor evangélico progressista Henrique Vieira na construção do seu ponto de vista sobre diferentes pautas sociais, em *videocasts* publicados no *Instagram* e no *Youtube*, entre os anos de 2016 e 2020?

Em vista disso, objetivamos investigar o processo de construção do ponto de vista desse sujeito, sobre diferentes pautas sociais, em *videocasts* coletados nos veículos midiáticos *Instagram* e *Youtube*, entre os anos de 2016 e 2020. Para isso, propusemos uma noção de ponto de vista, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos de Bakhtin e Volóchinov, que desse base à leitura dos dados coletados nesta tese; apresentamos as principais visões teológicas que fundamentam o universo evangélico progressista; e descrevemos, analisamos e interpretamos os procedimentos linguísticos, enunciativos e discursivos que compõem o ponto de vista do pastor Henrique Vieira no *corpus* selecionado.

Destacamos que, a partir de uma leitura prévia, realizamos a sistematização dos dados que coletamos (18 *videocasts*) em 3 grupos de pautas sociais, denominados, pelo critério “temáticas afins”, de: 1 – “Justiça Social”, grupo composto por *videocasts* em que o pastor Henrique Vieira apresenta o seu ponto de vista sobre fatos e acontecimentos que ganharam repercussão midiática nacional; 2 – “Religião e Direitos Humanos”, formado por *videocasts* que abordam temas que envolvem as minorias sociais no segmento cristão evangélico; 3 – “Política”, constituído por *videocasts* que tratam de questões políticas.

No tocante à noção de ponto de vista que subsidiou a leitura dos dados desta tese – primeiro objetivo específico proposto nesta estudo –, chegamos, a partir da leitura de um conjunto de axiomas teóricos, a exemplo da relação constitutiva entre o “eu” e o “outro” e das noções de excedente de visão e de consciência socioideológica, à concepção de que ponto de vista diz respeito ao *posicionamento axiológico, avaliativo, de uma consciência socioideológica, caracterizada pela singularidade e pela insubstitutibilidade de seu excedente de visão, frente a outras consciências socioideológicas*.

Quanto à apresentação das principais visões teológicas que fundamentam o segmento evangélico progressista – segundo objetivo específico proposto nesta tese –, verificamos que o grupo é bastante diversificado, constituindo-se um segmento múltiplo e heterogêneo, por

natureza, no que diz respeito às teologias que o amparam. Este aspecto influencia, diretamente, na forma como os textos bíblicos são interpretados e usados para justificar pontos de vista sobre diferentes pautas sociais.

Entre as principais orientações teológicas progressistas com diferentes interesses sociais e religiosos, que surgiram no decorrer das últimas décadas, apresentamos a Teologia Ecumênica, a Teologia da Libertação, a Teologia da Missão Integral (TMI), as Teologias Contextuais (Teologia Negra, Teologia Feminista, Teologia *Gay* etc.) etc., sendo, por sua vez, segundo Alencar (2019), a Teologia da Libertação e as Teologias Contextuais os aportes teológicos dos discursos do pastor investigado.

No que concerne à descrição, análise e interpretação dos fenômenos linguísticos, enunciativos e discursivos que revelaram o ponto de vista do pastor Henrique Vieira – terceiro objetivo específico proposto nesta tese –, realizamos, para fins de apresentação no capítulo analítico, a leitura de 2 enunciados que compõem cada um dos grupos de pautas sistematizados, levando em consideração as categorias (bivocalidade polêmica, molduragem discursiva e tom expressivo) que surgiram a partir da observação do universo de dados coletado e da teoria estudada.

Nos três grupos de pautas, “Justiça Social”, “Religião e Direitos Humanos” e “Política”, verificamos, a partir da análise, que o ponto de vista do pastor Henrique Vieira se constitui em meio ao diálogo social, isto é, em meio à constante interação com o discurso bíblico e com as diferentes consciências socioideológicas que o refratam de distintos modos/maneiras, constituindo-se uma massa discursiva ao seu redor.

A análise também revelou que, nos três grupos de pautas, os discursos do pastor Henrique Vieira apresentam, como fundamento, uma cosmovisão que se alinha à defesa da justiça social, da igualdade econômica, dos Direitos Humanos, da cidadania, da democracia etc., princípios preconizados, conforme discutimos, pela Teologia da Libertação e pelas Teologias Contextuais em suas diferentes faces.

Dado o exposto, ressaltamos a relevância desta pesquisa para os estudos linguísticos, especialmente para o escopo das investigações enunciativo-discursivas, haja vista que possibilitou, inicialmente, uma reflexão, de forma aprofundada, sobre os elementos linguísticos, enunciativos e discursivos que compõem a natureza do discurso evangélico progressista, representado, neste estudo, pelos enunciados do pastor evangélico Henrique Vieira.

Em segundo lugar, esta pesquisa, certamente, trará contribuições à sociedade acadêmica, uma vez que ampliará a visão científica sobre a multiplicidade e a heterogeneidade

do vasto espaço discursivo evangélico, trazendo uma gama de conhecimento teórico-analítico, acerca do universo evangélico progressista, para os estudos provenientes da Análise Dialógica do Discursivo – ADD.

Ressaltamos, por fim, que esta pesquisa, indubitavelmente, viabilizará muitas investigações futuras, dentre as quais, destacamos, a título de exemplo, o estudo da réplica do diálogo, um procedimento dialógico-discursivo, apresentado por Bakhtin na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2013), que poderá se mostrar eficaz no decorrer da análise de enunciados que tenham sido produzidos pelo pastor evangélico progressista Henrique Vieira.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Danilo Luna de. *O bricoleur na tela: ponto de vista e dialogismo no filme o homem que copiava*, de Jorge Furtado. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9317>. Acesso em: 18 de julho de 2022.
- ALENCAR, Gustavo de. Grupos protestantes e engajamento social: uma análise dos discursos e ações de coletivos evangélicos progressistas. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 39(3): 173-196, 2019.
- ALENCAR, Gustavo de. *Grupos protestantes e engajamento social: uma análise dos discursos e ações de coletivos evangélicos progressistas*. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt29-11> Acesso em: 26 de julho de 2022.
- ALMEIDA, C. S.; Et. al. Zaqueu, o publicano: atitude e fé para a mudança. *FAK – Fundação Alan Kardec*. Disponível em: <https://www.faknet.org.br/2020/04/11/zaqueu-o-publicano-atitude-e-fe-para-a-mudanca/> Acesso em: janeiro de 2023.
- ALTARES, Guillermo. O segundo crucificado na história. *El País*, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/29/cultura/1527611445_884721.html Acesso em: janeiro de 2023.
- ARTERBURN, Stephem. *Bíblia de Estudo: desafios de todo homem*. Emerson Justino tradutor. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: A Estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kojinov. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. Prefácio e edição francesa TZvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio do Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- BOTTENTUIT JUNIOR, J.B.; LISBÔA, E. S.; COUTINHO, C. P.. *Podcast e Vodcast: o potencial da ferramenta VoiceThread*. Disponível em: http://w3.ufsm.br/carmen/Objeto/Conteudo_html/oa/Arquivos/S05.pdf Acesso em: março de 2022.

BUENO, Cinthia Maria Falkenbach. *Seguindo a estrela: a adoração aos reis magos na construção de um novo espaço composicional na pintura italiana dos séculos XIV e XV*. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17566/1/2014_CintiaMariaFalkenbachRosaBueno.pdf Acesso em: janeiro de 2023.

CALVACANTI, Robinson. *Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica*. São Paulo: Nascente, 1985.

CANAL ESPERANÇAR. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Esperan%C3%A7ar/about> Acesso em: março de 2022.

CARMO, Felipe Silva. Sabedoria na Bíblia Hebraica: uma breve introdução ao gênero sapiencial. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-12092018-154930/publico/2018_FelipeSilvaCarmo_VCorr.pdf Acesso em: abril de 2023.

CASTRO, Grasielle. Bolsonaro diz que vai pautar o excludente de ilicitude na “nova câmara”. *Metrópoles*, Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/bolsonaro-diz-que-vai-pautar-o-excludente-de-ilicitude-na-nova-camara> Acesso em: janeiro de 2023.

COELHO, Henrique. Polícia investiga ações do ‘bonde de Jesus’ contra terreiros de religiões de matriz africana no RJ. *Portal G1*, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/14/policia-investiga-acao-do-bonde-de-jesus-contraterreiros-de-religioes-de-matriz-africana-no-rj.ghtml> Acesso em: janeiro de 2023.

CORTEZ, Suzana Leite. *A construção textual-discursiva do ponto de vista: vozes, referenciação e formas nominais*. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/796133?guid=1637107205960&returnUrl=%2Fresultado%2Flistar%3Fguid%3D1637107205960%26quantidadePaginas%3D1%26codigoRegistro%3D796133%23796133&i=20> Acesso em: 18 de julho 2022

COSTA, Júlia Cristina de Lima. *A construção da identidade de Jesus negro em O auto da compadecida, de Ariano Suassuna: uma abordagem discursiva*. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8889?locale=pt_BR Acesso em: 2023.

CUNHA, Dóris Arruda C. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. *Revista Investigações*, Pernambuco, v. 25, n.2, p.21-41, outubro de 2012.

CUNHA, Dóris Arruda C. Discurso outro e ponto de vista na construção do gênero perfil jornalístico. *Revista Investigações*. Pernambuco, v. 28, nº Especial, p. 01-49, dezembro de 2015.

CUNHA, Dóris Arruda C. Linguagem, Diálogo, ponto de vista, interpretação: uma leitura de artigos de opinião. In: BRAIT, Beth. Et. Al. (Org.). *Linguagem e Conhecimento (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev)*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. P. 153-181.

DIAS, Zwinglio M. O Movimento Ecumênico: História e Significado. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v.1, n.1, p.127-163, 1998.

DICIONÁRIO Houaiss da Língua Portuguesa. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1 Acesso em: 29 de agosto de 2022.

DEPUTADOS federais no Rio de Janeiro. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/2022/apuracao/1turno/rj/deputado-federal.shtml> Acesso em: outubro de 2022.

EAGLETON. K. *Curso básico de Hermenêutica*. Disponível em: https://www.academia.edu/8584650/Hermen%C3%AAutica_B%C3%ADBlica Acesso em: 29 de agosto de 2022.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. *Bakhtin e Filosofia*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/yXpYvSc4HnLMd7bR696sWyD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 18 de julho de 2022.

FARIAS, Jaci de Freitas. *Profetas e profetisas da Bíblia: História e teologia profética na denúncia, solução, esperança, perdão e nova aliança*. 1ª ed.. São Paulo: Editora Paulinas, 2016.

FELICIANO, Marco. *Um alerta aos pastores do Brasil! Vigiem!*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xSuU86A43B8> Acesso em: janeiro de 2023.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FRAZÃO, Dilva. São Mateus: apóstolo de Cristo. *ebiografia*, 2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/sao_mateus/ Acesso em: janeiro de 2023.

FREIRE, Tâmara. *Assassinato de Marielle Franco completa quatro anos neste 14 de março*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/politica/audio/2022-03/assassinato-de-marielle-franco-completa-quatro-anos-nesta-segunda> Acesso em: novembro de 2022.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa* — 3. ed. — São Paulo: Atlas, 1991.

GIL. Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, Valdemir. Silas Malafaia fala sobre o aborto a luz da Bíblia e da Ciência. *Youtube*, 5 de junho de 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FR_rS9qw7Z4 Acesso em 21 de novembro de 2022.

HENRIQUE, Joyce Kelly Barros. *O ponto de vista ficcional em O tigre de bengala, de Elisa Lispector*. Disponível em:

[https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20271/1/JoyceKellyBarrosHenrique_Te se.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20271/1/JoyceKellyBarrosHenrique_Te%20se.pdf) Acesso em: 18 de julho de 2022.

HOUSE, Anna Swartwoor. Como Jesus Cristo passou a ser representado como um branco europeu. *Revista Galileu*, 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/08/como-jesus-cristo-passou-ser-representado-como-um-europeu-branco.html>. Acesso em: 27 de junho de 2022.

HUNTER, James. *To change the world: the irony, tragedy, & possibility of Christianity in the late modern world*. Oxford Universtiy Press, 2010.

INTOLERÂNCIA Religiosa: vídeos de evangélicos expulsando fieis de religiões africanas de cemitério viraliza e provoca reações. *Portal Sertão24horas*, Alagoas, 2018. Disponível em: <https://sertao24horas.com.br/2018/11/06/intolerancia-religiosa-video-de-evangelicos-expulsando-fieis-de-religioes-africanas-de-cemiterio-viraliza-e-provoca-reacoes/> Acesso em: janeiro de 2023.

IRSCHLINGER, Fausto Alencar; SILVA, Marcos Soares. O pensamento de libertação latino-americano no discurso religioso cristão na segunda metade do século XX. *PLURA: Revista de Estudos de Religião*, Mato Grosso do Sul, rol.9, nº 2, 2018, p. 5-35.

LANZILLO, Anderson Souza da Silva. *Ponto de vista e responsabilidade enunciativa em sentenças de pedido de falência*. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/22503> Acesso em: 18 de julho de 2022.

LENE, Eliane. *Videocast e podcast não são a mesma coisa*. Disponível em: <https://souponds.com/videocast-e-podcast-nao-sao-a-mesma-coisa/> Acesso em: março de 2022.

LIMA, Venâncio A. Sete teses sobre mídia e política no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n.61, p. 48-57, março/maio 2004.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. Fundamentalismo: Escritura e Teologia entre fé e razão. *Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio*. Ano XIII, nº 33, setembro a dezembro/2009. (p.332-359).

LUCENA, Camila da Silva. A construção discursiva do ciberespaço: dialogismo, alteridade e ponto de vista. *Revista Encontros de Vista*, Recife, 22(2): 32-40, Julho/dezembro de 2018.

MAGENTA, Matheus. O que significa ser fascista?. *BBC News Brasil*, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62520995> Acesso em: janeiro de 2023.

MARIANO, Ricardo. Expansão Pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, 18 (52), 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/H6DCFyvKr6Yrxw7W6pWJcBz/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 26 de julho de 2022.

MARIANO, Ricardo. Deus é voto. *Espiritualidade e sociedade*, 2012. Disponível em: https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MARIANO_Ricardo_tit_Deus_et_voto.htm Acesso em: janeiro de 2023.

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. *Revista novos estudos*, São Paulo, nº 44, março de 1996. (p. 24-44).

Menina de 10 anos estuprada pelo tio no Espírito Santo tem gravidez interrompida. *Portal G1*, Pernambuco, 17 de agosto de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/08/17/menina-de-10-anos-estuprada-pelo-tio-no-es-tem-gravidez-interrompida.ghtml>. Acesso em: 06 de junho de 2022.

MENDES, Jones Talai; SANTOS, Eduardo da Silva. Considerações sobre inspiração bíblica. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n.158, p.537-551, dez de 2007.

MÍDIA NINJA. Disponível em: <https://midianinja.org/quem-somos/> Acesso em: março de 2022.

MIRANDA, João Vitor Silva. *Composição e atuação da "Bancada da Bala" na Câmara dos Deputados*. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/30892/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Jo%C3%A3o%20Vitor%20-%20Composi%C3%A7%C3%A3o%20e%20Atua%C3%A7%C3%A3o%20da%20Bancada%20da%20Bala%20na%20C%C3%A2mara%20dos%20Deputados%20FINAL.pdf> Acesso em: fevereiro de 2023.

MOIZÉS, Brenna da Conceição. *A Bancada Ruralista no Congresso Nacional: articulações e ações legislativas que configuram ataques às leis de proteção ambiental*. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20536?locale=pt_BR Acesso em: fevereiro de 2023.

NETO, João Balduino de Brito. *A imagem de Cristo e a iconografia cristã: o papel das representações na construção de padrões, mitos e preconceitos*. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/27690> Acesso em: dezembro de 2022.

O LEGADO DO MOVIMENTO DE LAUSANNE. *Site Lausanne.org*. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/about-lausanne> Acesso em: fevereiro de 2022.

PACHECO, Ronilso. Uma teologia como chave para oprimidos resistirem à aspereza da vida. Entrevista Especial com Ronilso Pacheco. [Entrevista concedida a) SANTOS, João Vitor. *Site Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo – RS, setembro de 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/592266-uma-teologia-como-chave-para-oprimidos-resistirem-a-aspereza-da-vida-entrevista-especial-com-ronilso-pacheco> Acesso em: fevereiro de 2022.

PASTOR Silas Malafaia. *Ideologia de Gênero é crime*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_24v7uRJO30 Acesso em: novembro de 2022.

PASTOR Silas Malafaia. *vitoriaemcristo.org*, 2022. Disponível em: <https://www.vitoriaemcristo.org/pastor-silas-malafaia/> Acesso em: novembro de 2022.

PESSOA, Mônica do Nascimento. *Percepções Culturais sobre os “Griots” na contemporaneidade*. Disponível em: http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477692221_ARQUIVO_artigoanpuhbahiaok.pdf Acesso em: 30 de junho de 2022.

RAMALHO, Renan. Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada. *Portal G1*, Brasília, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html> Acesso em: janeiro de 2023.

RODRIGUES, Auro de Jesus. *Metodologia científica: completo e essencial para a vida universitária*. [s.l]: Avercamp, 2006.

RODRIGUES, Luciana. A crucificação romana: a morte de Spartacus, Cristo e dos santos mártires. *Roma pra você*, 2021. Disponível em: <https://www.romapravoce.com/crucificacao-romana/> Acesso em: janeiro de 2023.

ROLIM, Francisco. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1985.

SAGREDO, Raísa. *Raça e Etnicidade: questões e debates em torno da (des) africanização do Egito Antigo*. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/180903/348949.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: junho de 2022.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Rio Grande do Sul, Ano I, nº. I, julho de 20 09.

SILVA, Elizete da. *Protestantismo ecumênico e realidade brasileira: evangélicos progressistas em Feira de Santana*. Feira de Santana, Editora UEFS, 2010.

SILVA, Denise Lima Gomes. A construção do ponto de vista em comentários on-line no Facebook. *Revista Investigações*, Recife, v.34, n.2, p.1-17, 2021.

SILVA, Denize Elene Garcia da. O paralelismo dentro dos processos discursivos e gramaticais na fala e na escrita. *Revista GELNE*, Brasília, 1999.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

SOUZA, Robson da Costa de; SILVA, Jefferson Evânio da. Conservadorismos, fundamentalismo protestante e democracia no Brasil. *Religião & Sociedade*. São Paulo/Rio de Janeiro, 2022.

SPYER, Juliano. *Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

TEIXEIRA, Lucas Borges. Fascismo: o que é, como surgiu e o que defende. *Uol*, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/faq/fascismo-o-que-e-como-surgiu-e-o-que-defende.htm> Acesso em: janeiro de 2023.

TRABUCO, Zózimo. *À direita de Deus, à esquerda do povo: protestantismos, esquerdas e minorias*. Salvador - BA: Sagga, 2016.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gêneros orais: conceituação e caracterização. *Anais do SILEL*. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

VERMES, Geza. *Natividade*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

ANEXOS:

Transcrição dos dados:

Vídeo 1 – Pauta – Justiça social

Descrição: Resposta aos grupos de religiosos que protestaram contra o aborto da menina de 10 anos estuprada pelo tio, recorrentemente, desde os seis anos de idade. Vídeo publicado na rede social *Instagram* pelo pastor Henrique Vieira em 17 de agosto de 2020. Tempo do vídeo: 4min59s. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CD_azFKpigK/?igshid=vgcjlczilt8j
Acesso em: dezembro de 2020.

Uma menina de dez anos foi estuprada pelo tio. Ela está grávida, obviamente desesperada. Manifesta o desejo de interromper a gravidez. Então, fundamentalistas religiosos começam a pressionar a família para que a menina não faça o aborto. Eu quero aqui me posicionar na condição de pastor; eu quero dizer que esse fundamentalismo não tem compromisso algum com a vida; eu quero dizer que não se reconhece a dor e o sofrimento dessa menina e o quanto ela está traumatizada por uma violência inominável; eu quero dizer que existe um tipo de organização da igreja e de muitas igrejas que corrobora, sim, a violência contra as mulheres. Existe um tipo de leitura e de interpretação da bíblia que corrobora, sim, que assina em baixo, sim, da violência contra as mulheres. Existe um tipo de visão sobre quem é Deus que acaba naturalizando a violência contra as mulheres. Sim, a violência sexual contra as mulheres. Não apenas um ato isolado, é fruto de um modelo de sociedade, é fruto de um modelo de religiosidade, é fruto de um modelo de leitura e interpretação da bíblia. Nós precisamos reconhecer essa ferida... que existe um tipo de cristianismo sem graça, sem amor e sem Cristo que assina embaixo o ambiente de violência permanente contra as mulheres. Esses fundamentalistas, extremistas, fanáticos não estão olhando para a vida, não estão se preocupando com as pessoas, não estão querendo cuidar de quem sofre. Para além desse caso, o que é importante dizer que a política de criminalização do aborto não reduz o número de abortos, penaliza e culpabiliza as mulheres e, na prática, o que é que a gente vê? Morte! Mulheres pobres, em sua maioria negras, fazem abortos clandestinos, inseguros e acabam morrendo. Quando eu olho para a ética do evangelho de Jesus... Jesus defendeu a vida, mas Jesus defendeu a vida olhando para a vida, olhando para realidade concreta, não era uma defesa abstrata. Jesus olhava para as circunstâncias concretas e, a partir delas, defendia a dignidade humana. Lá no evangelho de João, capítulo 8, uma mulher flagrada em adultério, levada por homens para praça pública, para o julgamento, ela ia ser apedrejada em nome da Lei, mas Jesus desautorizou a lógica daquela lei, protegeu a dignidade, a integridade física e emocional daquela mulher e desautorizou aqueles homens, tirando-os daquele lugar, da possibilidade de julgamento e de condenação, porque, para Jesus, é importante defender a vida e a dignidade daquela mulher. Nós precisamos entender que legalizar aborto não significa estimular ou banalizar o tema. É um tema doloroso que envolve muito sofrimento. Mas significa tirar esse peso, essa criminalização, essa culpabilização sobre a consciência de tantas mulheres. Cabe à ética pastoral, cabe à ética do evangelho, o exercício da escuta, o exercício do acolhimento, o exercício do diálogo, o exercício do respeito, para a verdadeira preservação da vida. Cabe dizer que eu estou falando na condição de homem, e que o mais importante é escutar o que as mulheres têm a dizer. E, nesse caso, têm muitas mulheres cristãs com fé em Jesus que se

inspiram no que a bíblia tem a dizer. E aqui eu quero falar da FEPLA, Frente Evangélica pela Legalização do Aborto. Quero convidar você a seguir o trabalho dessas irmãs evangélicas que lutam pela vida e que entendem que a pauta da criminalização só estigmatiza, culpabiliza e mata. @evangelicaspelalegalização e você consegue seguir aqui no Instagram. E também o Movimento Católicas pelo Direito de Decidir. Eu incentivo vocês a ouvirem o que essas mulheres têm a dizer a partir dos seus corpos, da sua espiritualidade, da sua fé. O fanatismo religioso, em nome da vida, produz a morte, defende um dogma abstrato, mas fica indiferente ao sofrimento das pessoas, inclusive ao choro, ao grito de uma menina de 10 anos. Em nome do tal céu, como se produz inferno nessa vida.

Vídeo 2 – Pauta - Justiça social

Descrição: vídeo sobre grupo de evangélicos que expulsou fiéis de religião de matriz africana de cemitério em Niterói, publicado em novembro de 2018, no canal do pastor Henrique Vieira no *Youtube*. Tempo do vídeo: 2min06s. **Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=QyvMVNkthC0> **Acesso em:** dezembro 2020.

Olá, gente! Eu quero falar sobre um acontecimento que me deixou estarecido. Pessoas da umbanda estavam fazendo uma celebração em um cemitério em Niterói, o cemitério do Maruí, e chegou um grupo de evangélicos cantando e, basicamente, constrangendo, inibindo e expulsando estas pessoas da umbanda do cemitério. Estes evangélicos cantavam coisas como Jesus tem poder para vencer feitiçaria e coisas assim. Os irmãos da umbanda ficaram evidentemente constrangidos e acuados e acabaram saindo do espaço. Isso tudo foi registrado, isso foi filmado. Eu quero falar da minha tristeza, como evangélico, a respeito destas atitudes destes irmãos, porque é uma atitude de violência, de desrespeito, de intolerância que não tem nada com o jeito de Jesus, com a ética acolhedora do Evangelho. Fé é uma coisa que não se impõe, fé é uma coisa que se compartilha através do diálogo, do testemunho e do respeito. Quando olhamos para Jesus, para sua vida e para seus ensinamentos não há espaço para imposição, para violência e para o desrespeito ao outro. Eu lamento muito esta atitude destes evangélicos e manifesto aqui solidariedade a estes irmãos da umbanda. Nós precisamos defender o respeito à liberdade de crença e religião, o respeito à diversidade. Não devemos reproduzir nenhuma forma de violência, inibição e de constrangimento. Eu oro para que estes irmãos evangélicos se arrependam dessa atitude e não mais reproduzam algo nesse nível. Em nome da diversidade, que, em nome de Jesus, a intolerância e qualquer forma de violência saiam da vida das pessoas, das atitudes das pessoas.

Vídeo 3 - Pauta - Justiça social

Descrição: vídeo em resposta ao crime de assassinato da deputada Marielle Franco, publicado em março de 2018 pelo canal *Mídia Ninja*, no *Youtube*. Tempo do vídeo: 5min44s. **Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=6z4ZrajMUwY> **Acesso em:** dezembro de 2020.

A igreja de Cristo não tem o direito de ficar calada diante do assassinato de Marielle Franco e de Anderson. Na verdade, não tem o direito de ficar calada diante da violência do Estado, do

genocídio da juventude negra, do massacre permanente contra os pobres, moradores das favelas. Não tem o direito de ficar calada diante do machismo predominante, estrutural, que impõe tanta violência às mulheres. A igreja de Cristo não tem o direito de ficar calada diante dos privilégios, da concentração de riquezas, da violência sistêmica contra os indígenas, os ribeirinhos, os sem-terra, os sem-teto. Mariele Franco dedicou sua vida à causa da justiça e a defesa dos oprimidos. Ela seguiu os passos de Jesus Cristo de Nazaré, tendo compromisso radical com as pessoas que sofrem, com as pessoas que são vítimas de violência, com as pessoas que são esquecidas pela nossa sociedade. Mariele foi uma profetiza do nosso tempo, porque ela denunciou os esquemas de morte, denunciou os sistemas de opressão, denunciou os privilégios dos opressores, mas ela não apenas denunciou, mas carregou no seu corpo, no seu olhar, no seu sorriso, na sua voz, na sua luta, o anúncio de um novo mundo, de igualdade, de equidade, de respeito à diversidade, de justiça econômica. Marielle foi denuncia e anúncio. Marielle foi luta o tempo inteiro com sua própria vida. Marielle tinha uma conexão profunda com o próprio Jesus de Nazaré, que foi alguém que também dedicou sua vida à justiça e enfrentou corajosamente os opressores. Na verdade, tanto Jesus quanto Marielle foram vítimas do ódio. Jesus e Marielle foram vítimas da violência sistêmica que busca silenciar aqueles e aquelas que dão a sua vida por um mundo justo e radicalmente igualitário. E tem uma outra semelhança, muita gente também na época comemorou a morte de Jesus, aplaudiu a morte de Jesus, disse que ele merecia morrer, porque defendia bandidos e andava com gente estranha. Cuspiram na cara de Jesus, riram do sofrimento de Jesus, chamaram Jesus de lixo, de indesejável, de alguém que merecia e devia morrer. Infelizmente, algumas pessoas tomadas pelo ódio, pela sede de vingança, também falam isso com relação à Marielle. Mas, como muitas pessoas estão dizendo, Marielle foi uma semente, caiu sobre a terra e agora os frutos são incalculáveis, vão se multiplicar cada vez mais. Eu quero chamar a igreja de Jesus a sair da covardia, a sair da alienação, a sair do templo. Eu fico vendo alguns programas evangélicos e líderes religiosos explorando o povo, gastando tempo destilando ódio, perseguindo mulheres, LGBTQs, negros. Nós, discípulos de Jesus, não podemos mais ficar em silêncio diante desses falsos líderes, diante desses coronéis da fé, diante desses mercadores do templo. O evangelho é a declaração do amor de Deus pela humanidade; o evangelho é o compromisso de Deus com o povo pobre e oprimido. Marielle entendeu isso. Ela fez da rua o seu templo; fez do seu corpo a sua causa. Ela fez do seu sonho a sua militância. Ela se entregou. E é isso que nós precisamos fazer. Você, discípulo de Jesus, chacoalha a sua igreja, fale com os seus líderes religiosos, paute isso nos seus cultos. A igreja tem que sair do esconderijo, do silêncio, da apatia, da covardia e da alienação. Nós não podemos, como discípulos de Jesus, ficar em silêncio; nós não podemos, como discípulos de Jesus, abaixar a nossa cabeça; nós não podemos, como discípulos de Jesus, aceitar um lugar de comodismo, de apatia, de conformidade. Nós não temos essa opção, porque nós somos discípulos daquele que foi torturado; nós somos discípulos daquele que foi humilhado publicamente, porque foi chamado de defensor de gente que não merecia viver. Mas essa é a história verdadeira do Evangelho. Não é a história das riquezas, do acúmulo, do poder e do trono. É a história da periferia, da favela, dos movimentos de resistência, dos corpos sobreviventes; é a história da cruz, mas também da ressurreição. Então, quero chamar a igreja de Jesus a sair do silêncio, sair do esconderijo, tomar as ruas e dizer que a paz não vem pela arma, a paz não vem pela guerra, a paz não vem pelo ódio, a paz vem pela justiça, pela equidade, pelo combate aos privilégios. Sei lá... Na minha imaginação aqui eu fico projetando

o encontro entre o favelado negro de Nazaré e a favelada negra da Maré, Jesus e Marielle, olhos se cruzando, a cumplicidade de quem passou pela cruz, mas o tempo inteiro anunciou que a vida prevalecerá sobre a morte. Chamo todos e todas, de todas as religiões e crenças, superando barreiras institucionais e doutrinárias, para que tenhamos fé na vida, fé na humanidade, fé no povo. Vamos para cima; vamos para frente; vamos levantar a nossa voz e arrancar alegria ao futuro. Não se deixe paralisar. A vida vale a pena, fé na vida; fé na humanidade, naquilo que podemos fazer juntos. Eu queria falar com você que está sentido medo... a coragem e o amor podem nos levar adiante.

Vídeo 4 - Pauta - Justiça social

Descrição: vídeo publicado no canal *Mídia Ninja* em 22 de março de 2018, a respeito de uma declaração dada pelo político Marco Feliciano acerca do assassinato de Marielle Franco. Tempo do vídeo: 2min17s. **Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=lgnu2wad2yE> **Acesso em:** setembro de 2020.

Marco Feliciano fez mais um comentário lastimável, insensível e desumano. Ele usa muito da polêmica para se autopromover. Frases chocantes que geram repercussão social. No fundo, é uma autopropaganda em cima do sofrimento humano. No contexto da morte de Marielle Franco, dando entrevista lá para a rádio Pânico, ele diz que está comovido, chega a dizer isso. Mas, logo depois, ele deslegitima a Marielle como liderança política e todas as pessoas que concordam com ela, porque no mundo dele não pode haver diferença, não pode haver diálogo. Existe ali uma vocação autoritária, uma comunicação muito violenta. Só que tem algo mais grave, no contexto da entrevista, ele diz que um esquerdista, no Rio de Janeiro, tomou um tiro na cabeça e a bala demorou a chagar ao cérebro, porque o cérebro de um esquerdista, é o termo que ele usa, é do tamanho de uma ervilha. Uma piada agressiva e violenta. E, no contexto, em que uma militante de esquerda foi assassinada com tiros na cabeça. Um pastor, alguém que se diz discípulo de Jesus! Mas que brinca com o sofrimento humano. Um comentário incompatível com valores básicos de humanidade, um comentário completamente contrário aos ensinamentos de Jesus. E acaba estimulando o ódio e práticas de violência. São falas assim, de liderança, que, na ponta, estimulam um “monte” de gente a praticar atos de violência. Nesse caso, gente, não se trata de ser de esquerda ou ser de direita, se trata de princípios, de valores, de bom-senso, de sensatez, de respeito. Um discurso que, na minha opinião, usa muitas vezes em vão o nome de Deus. Muito Deus, assim... na boca, mas revelando pouca presença de Deus no coração. Não posso julgar o coração de ninguém, mas que esse discurso não tem nada a ver com Jesus. Não tem!

Vídeo 5 - Pauta - Justiça social

Descrição: Resposta ao boicote incentivado pela cantora Ana Paula às lojas C&A, em virtude de propagandas que abordavam questões de gênero. Vídeo publicado no Canal *Esperança*, no *Youtube* por volta de maio ou junho de 2016. Tempo do vídeo: 6min30s. **Disponível em:** [youtube.com/watch?v=Z6IJu6iSoPE](https://www.youtube.com/watch?v=Z6IJu6iSoPE) **Acesso em:** dezembro de 2020.

Olá, gente! Recentemente a cantora Ana Paula Valadão postou um vídeo indignada com a propaganda de uma loja, porque esta propaganda fazia alusão a casais homoafetivos. Então, ela neste vídeo demonstrou indignação com esta propaganda, com esta loja e com aquilo que ela chamou de ideologia de gênero. Eu quero, com muita humildade, mas também com sinceridade e coragem me posicionar sobre este assunto a partir da minha fé em Jesus de Nazaré. Sinceramente, eu quero lamentar muito que uma parte da igreja evangélica brasileira ame mais o dogma do que a dignidade humana, ame mais a letra do que efetivamente as pessoas de carne e osso, que parte da igreja evangélica ame mais uma moral vazia do que uma ética generosa que promove encontro e acolhimento de vida. Eu lamento muito que parte da igreja evangélica se sinta efetivamente dona de Deus e apta a julgar e fiscalizar os outros. Eu lamento que parte da igreja evangélica use um discurso até esteticamente amoroso para acabar corroborando com uma cultura violenta e preconceituosa. Eu lamento profundamente. Eu lamento porque o Brasil é um país em que o preconceito e a intolerância contra gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transsexuais é uma cotidiana realidade. Só para vocês terem uma ideia, a cada 48 horas, alguém do setor LGBT é assassinado no Brasil e a causa do homicídio é o ódio. Um crime de ódio. Isso sim é abominação: eliminar alguém por ser diferente. Eu lamento que parte da igreja evangélica fique mais escandalizada com um beijo gay na televisão do que o assassinato de um gay por crime de ódio. Eu lamento que parte da igreja evangélica se silencie diante da concentração de renda, riqueza e propriedade, da injustiça social, da desigualdade social, da fome que ainda assola muitas pessoas, da violência do latifúndio sob o pequeno camponês, que se silencia diante da depredação dos recursos naturais, do extermínio da juventude pobre e negra, da corrupção que toma conta do sistema público brasileiro. Todos esses dramas efetivos que fazem um povo sofrer não geram indignação, não geram comoção. Eu lamento que parte da igreja evangélica peça o avivamento espiritual como êxtase emocional diante de Deus, mas que gera corações petrificados diante das pessoas. Pessoas que se emocionam com a morte de Jesus, mas não se comove com a morte daquele que está ao lado só porque é diferente. Lamentavelmente esse discurso de que odiamos o pecado e amamos o pecador, na prática, significa ambientes de igrejas que não respeitam, não acolhem, que impõem uma monstificação destas pessoas. Sim, são pessoas, feitas à imagem e semelhança de Deus, que têm a sua história, a sua narrativa, os seus desejos, as suas vontades e eu creio que nada é mais sagrado que o amor. É muito triste que parte da igreja evangélica reivindica uma leitura única e absoluta da Bíblia para impor esse peso a tantos indivíduos. Eles se sentem donos da verdadeira interpretação e não entendem que o resumo da palavra de Deus é o Deus que ama, é o Deus que se coloca ao lado das pessoas. Pecado que precisa ser perdoado é oprimir e corroborar com a opressão ainda que com o discurso de amor. Eu quero dizer categoricamente uma coisa: não existe ideologia de gênero. Isso não está escrito em nenhum lugar daqueles que propõem que a escola trate toda dinâmica escolar para promover o quê? Respeito à individualidade, respeito à diversidade, uma cultura de paz e de acolhimento, uma cultura de não violência. É isso que se quer tratar na escola quando cada um defende que a escola trate de gênero, identidade de gênero e orientação sexual, para sedimentar uma cultura de respeito à diversidade, de acolhimento à individualidade, de reconhecimento da dignidade humana, para impedir uma cultura de hostilidade, intolerância e violência, que promove sofrimento sobre as pessoas. Então, eu não estou aqui fazendo uma guerra contra alguém querendo estimular intolerância e ódio, mas estou aqui marcando uma firme posição e sei já diante mão, aqui em

meu coração, que está firme posição vai fazer com que muita gente não me veja mais como um irmão, porque existe uma seletividade nessa indignação evangélica, tão calada e silenciosa, diante de tantas injustiças, mas que se levanta para tentar fiscalizar, normatizar, regular e domesticar os corpos. Eu creio que toda tradição deve ser revisitada pela dimensão humana e isso é profundamente espiritual. Isso Jesus de Nazaré fez. Ele soube mexer com a doutrina, quando a doutrina não dava conta da vida, por isso eu quero dizer: não existe ideologia de gênero. E temos que, sim, boicotar todo o discurso que torna Deus menor que um dogma e propriedade de uma instituição. O seu amor está muito além de nós. Que a gente possa pregar o evangelho, mas ouvir também o diferente, nos ensinando sobre o amor de Deus.

Vídeo 6 - Pauta - Justiça social

Descrição: Resposta à morte de Marcos, 14 anos, baleado, pela polícia, na comunidade Complexo da Maré, enquanto ia para escola. Vídeo publicado do pastor Henrique Vieira, no *Youtube*, em junho de 2018. Tempo do vídeo: 05min25s. **Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=JZNTS7zbpCU> **Acesso em:** dezembro de 2020.

Você gostaria que um helicóptero sobrevoasse o seu bairro atirando para tudo quanto é lado em direção aos prédios, casas e as ruas? Você não sentiria medo de caminhar pelas calçadas, olhando para cima e vendo um helicóptero com armas apontadas para baixo, atirando para tudo quanto é lado? Isso não colocaria sua vida em risco, a vida dos seus vizinhos, amigos e familiares, de todas as pessoas que passariam por essa situação, por esse lugar? Pois é, não é a primeira vez que helicópteros da polícia sobrevoam favelas do Rio de Janeiro, atirando indiscriminadamente em direção às favelas. Em nome de quê? Com qual objetivo? As pessoas que moram ali merecem passar por essa situação? Qual é o benefício para segurança pública, para a proteção da sociedade, de agir desta forma? Pois bem... Nesta semana, perdemos mais uma criança, Marquinhos, de 14 anos, morador do complexo da Maré, com seu uniforme escolar, com a sua mochila, com os seus cadernos, com as suas anotações, mas uma ação policial inconsequente, mais um confronto, mais uma criança assassinada, mais uma família com uma perda insubstituível, mais uma mãe chorando, sofrendo, sentido a dor da perda de um filho. Em nome de que? Qual é a razoabilidade? Qual é a inteligência? Quais são os benefícios desse tipo, dessa lógica, desse modelo de segurança pública? Quantas famílias vão chorar? Quantas mães vão perder os seus filhos? Quantas crianças ainda vão morrer? Como bem perguntou Mariele: Quantos jovens ainda vão ter que morrer até essa guerra acabar. Essa lógica de confronto não resolve o problema da segurança. Multiplica o medo, aumenta a violência, tem gerado morte. Quem é que está lucrando com isso? Quem é que está ganhando com essa carnificina? Com essa criminalização da pobreza? Com esse ataque permanente aos moradores e as moradoras das favelas do Rio de Janeiro? Não podemos achar razoável, não podemos achar aceitável, não podemos deixar de perceber que essa lógica de confronto não é capaz de gerar paz, de produzir proteção da vida das pessoas. Em nome da tal guerras às drogas, o Estado ativa o sistema de violência, com blindados, caverões, confrontos, tiroteio para tudo quanto é lado. Isso ao longo de décadas. E eu pergunto: Qual tem sido o resultado? Estamos mais seguros? Estamos mais protegidos? As pessoas estão se sentindo com menos medo? Evidentemente que não, porque essa lógica de segurança pública, que não previne, que não media conflitos, que

não trabalha com inteligência investigativa e apenas reprime, massacra, não tem como gerar paz. Então, não podemos ficar em silêncio diante de mais uma vida perdida. Estamos assistindo uma tragédia anunciada, uma tragédia cotidiana, vidas se perdendo... E, às vezes, acontece algo muito estranho: a violência, de tão cotidiana, de tão comum, de tão escancarada, passa a ser aceitável. Aquilo que é absurdo passa como comum. São, por exemplo, inúmeros os programas televisivos que espetacularizam a violência, tornam a violência quase que um suspense, uma aventura, um programa de entretenimento. Jornais sensacionalistas, programas policiais e a gente vai quase que naturalizando uma sociedade que tem matado as nossas crianças e que tem exterminado a nossa população pobre, negra, moradora das favelas e das periferias. Na condição de discípulo de Jesus, na condição de pastor, na condição de alguém que deseja a verdadeira paz, preciso denunciar essa lógica de segurança pública baseada no confronto. Precisamos de justiça social, precisamos de conte a desigualdade social, precisamos de garantias e ampliação de direitos, precisamos de uma lógica mais investigativa, de inteligência, de mediação de conflitos. Precisamos valorizar todas as pessoas incondicionalmente. Só assim, por meio de uma justiça plena, que não é vingança, que não é guerra, que não é violência, que não é ódio, é que nós poderemos produzir a paz, senão será sempre caótico... contaremos os corpos; multiplicaremos o ódio; e sentiremos cada vez mais medo. Essa lógica é perversa, mais uma criança perdida. É lamento, é luto, é luta. A paz não virá da guerra.

Vídeo 7 - Pauta - Diálogo, religião e Direitos Humanos

Descrição: vídeo sobre Jesus negro veiculado pelo canal *Mídia Ninja*, no *Youtube*, em 4 de abril de 2017. Tempo do vídeo: 4min48s. **Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=ZPvF6j-hwhc> **Acesso em:** dezembro de 2020.

Jesus é negro! Por que nós afirmamos isso? Porque não era comum encontrar pessoas brancas na Palestina, onde Jesus cresceu; porque o menino Jesus, segundo a memória do Evangelho, foi levado em fuga para o Egito pelos seus pais, fugindo da perseguição do rei Herodes, justamente para aumentar suas chances de não ser percebido. Se Jesus fosse branco, de olhos claros, não seria para o Egito que seus pais o levariam. Seria como tentar esconder uma criança suíça numa escola nigeriana. Porque com a expansão marítima europeia, a colonização e a escravidão, a imagem de um Jesus branco era muito conveniente para tentar justificar o discurso da inferioridade do negro africano e dos indígenas. Porque um Jesus afro-asiático seria no mínimo um incômodo, um constrangimento para o branco europeu colonizador e para os escravocratas da América, todos cristãos. Porque um Jesus negro que se junta aos oprimidos seria uma ameaça ao poder, inclusive o poder da igreja na Europa. Porque a forma de Jesus ensinar era tipicamente africana, mais distante da forma conceitual europeia. As parábolas, as histórias contadas por Jesus, eram exemplos de narrativas, histórias africanas usadas para ensinar. Portanto, Jesus está mais próximo dos griôs africanos, contadores africanos, do que dos sábios gregos. Porque o lugar branco sempre foi naturalizado. Então, causa um desconforto enorme a simples suposição que Jesus não teria uma imagem considerada padrão, ou seja, sempre branca. Porque um Jesus branco sempre foi comum, porque um Jesus negro é tido como ideológico, força de barra. Um Jesus branco nunca precisou ser explicado ou provado. Porque foi a descoberta que Jesus é negro que animou nossos irmãos e nossas irmãs da igreja

negra do sul racista dos estados Unidos a lutar contra escravidão e por direitos iguais. Porque essa é a mesma fé que nos anima hoje a lutar contra o racismo em nosso país. Porque Jesus viveu na periferia, área colonizada, militarizada, com a presença constante dos caveirões romanos. Porque o menino Jesus, também segundo a memória do Evangelho da Bíblia, sobreviveu ao massacre contra os meninos, operado pelo próprio Estado. Poder crescer já foi uma bênção! Porque Jesus disse que nós o encontraríamos nos corpos vítimas de violação, gente que tá presa, torturada, que não tem um teto para morar, que vê um pedaço de terra lindo pronto para plantar, mas antes tem uma cerca impedindo de entrar, gente que está nas filas dos hospitais públicos, podendo morrer a qualquer momento, gente que vive sob a ameaça da violência, gente que vive sendo esculachada pelo patrão, gente que teve a sua terra saqueada, sua memória desrespeitada, em nome do progresso da civilização. Porque Jesus teve um corpo sob suspeita, desconfiança, ameaça permanente. Porque Jesus foi um resistente! Historicamente, teologicamente, Jesus é negro! E afirmar que Jesus é negro não significa criar um discurso contra os brancos, mas quer dizer que Jesus assume esse lugar, essa luta, essa resistência dos oprimidos, contra os privilégios e as injustiças. Até que sejamos, finalmente, todos e todas iguais em nossos direitos, respeitados e respeitadas em nossas diferenças.

Vídeo 8 - Pauta - Religião e Direitos Humanos

Descrição: vídeo sobre intolerância religiosa publicado em setembro de 2017 pelo canal *Mídia Ninja*, no *Youtube*. Tempo do vídeo: 5min40s. **Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=9m40bwkYRrw> **Acesso em:** dezembro de 2020.

Tem crescido assustadoramente a violência contra terreiros no Brasil. Só na cidade de Nova Iguaçu, foram sete terreiros invadidos recentemente. Terreiros apedrejados, invadidos; pessoas impedidas de exercerem a sua fé... É um absurdo! Nós não podemos ficar em silêncio! Cabe dizer que os crimes de intolerância religiosa cresceram mais de quarenta por cento esse ano no Estado do Rio, segundo dados da secretarial Estadual de Direitos Humanos. E sabe o que é curioso e emblemático? Estas denúncias estão associadas diretamente a determinados segmentos evangélicos. Para nossa tristeza, para nossa vergonha. E infelizmente, isso não é improvável, muito pelo contrário, porque tem algumas experiências evangélicas que se pautam em um discurso de ódio, de guerra, formando exércitos, ou seja, tem a ver com a eliminação do outro. Isso gera uma prática de preconceito, de violência, de repulsa às diferenças. E cabe dizer que existe um ataque sistemático, direto, às religiões de matriz africana, porque, além da intolerância, tem o racismo religioso. Veja bem: quando se tratar de comparar com outras religiões, daí se percebe que existem diferenças... ah são religiões diferentes... Mas quando se trata das religiões de matriz africana é muito mais do que a pontuação de diferenças. Vem um discurso de ódio, de que é coisa do mal. O que está por trás disso? É o não reconhecimento o não acolhimento das experiências religiosas que tem sua origem na África. Essencialmente, as negras. Eu quero chamar a atenção também das lideranças religiosas que têm grandes espaços na televisão. Eu chamo essas lideranças de amoladores de faca, porque quando chutam as imagens sagradas de outras religiões, porque quando hostilizam outras expressões religiosas, porque quando se enchem de raiva e de ódio nos seus púlpitos e programas televisivos, sim, essas lideranças estão estimulando, estão incentivando, estão preparando o ambiente. Elas não

vão lá tacar pedra, elas não vão lá tirar e bater, mas esse discurso tem consequência, esse discurso tem resultado, esse discurso gera um ambiente de exércitos religiosos que, supostamente, em nome de Jesus estão atacando e ferindo o corpo, a dignidade, a liberdade e a religião das pessoas. Nós temos que denunciar esses segmentos, essa experiência evangélica tão antievangélica na sua essência. Eu estou lembrando aqui de um momento que o evangelho narra, quando Jesus está caminhando com os seus discípulos. Daí eles entram numa região estrangeira, numa região onde havia um povo odiado, um povo do qual Jesus fazia parte. Daí os discípulos olharam para o Jesus e disseram assim... Mestre, você quer que a gente peça a Deus para tacar fogo nessas pessoas?... Jesus olhou para aqueles discípulos e reprovou. Repreendeu dura e severamente. É como se Jesus dissesse... sob a minha autorização não se pode fazer isso. Também estou lembrando que a Bíblia conta que nos últimos dias de Jesus, quando ele percebeu que ia morrer... O que ele passou a fazer e passou a falar, insistentemente, para seus discípulos... amem uns aos outros... o resumo da mensagem é o amor... Vocês devem amar as pessoas assim como eu estou amando vocês. É como se Jesus já estivesse percebendo... É preciso enfatizar o amor. É como se Jesus já estivesse percebendo... É melhor dizer que o resumo é amar, porque senão as pessoas vão transformar isso em guerra, em confronto, em fogueira, em Inquisição, em cruzada, em colonização, em dizimação de povos indígenas, em escravidão de negros. Jesus não autorizou nada disso. Eu fico lembrando que na época da colonização, lá na casa grande, onde ficavam os senhores de escravos, era muito comum ter uma cruz na parede. Olha que curioso! Símbolo de que Jesus foi torturado, preso vítima de ódio na parede de torturadores que faziam práticas de violência e que escravizavam. Eu lembro quantas vezes a Bíblia foi utilizada para justificar a Inquisição. Mulheres queimadas da fogueira. A escravidão dos negros, isso é um grande contrassenso, gente. Não faz o menor sentido. Por isso, eu quero convidar você a se posicionar, você que é cristão, você que é evangélico, não podemos ficar em silêncio. Os pastores, igrejas, convenções, denominações, esse tipo de violência não deve ter respaldo no evangelho, esse tipo de violência não tem respaldo na vida de Jesus. Temos que denunciar a intolerância, temos que denunciar o racismo religioso; temos que aprender a valorizar as diferenças, temos que defender o estado laico, porque não existe, gente, nenhuma atitude de ódio que tenha a bênção de Deus. Porque sob a autorização de Jesus, só, apenas, exclusivamente, atitudes de amor. Compartilhe a restegue [#evangelioscontraaintolerancia](#).

Vídeo 9 - Pauta - Direitos Humanos e vivência religiosa

Descrição: vídeo sobre Jesus publicado em dezembro de 2017 pelo canal *Mídia Ninja*, no Youtube. Tempo do vídeo: 3min20s. **Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=FXDqkFNxdyQ&t=11s> **Acesso em:** dezembro de 2020.

Jesus subversivo! Subversivo é executar atos de transformação ou derrubada de uma ordem estabelecida. É ser revolucionário! Numa sociedade patriarcal, as mulheres tiveram protagonismo no movimento que Jesus organizou. Numa sociedade muito desigual economicamente, Jesus denunciou o acúmulo de riquezas e exaltou os pobres. Numa sociedade de moralismo vazio, Jesus andou, especialmente, com as pessoas consideradas de má-fama e denunciou muito a hipocrisia dos líderes religiosos. Numa sociedade baseada na vingança, olho

por olho, dente por dente, Jesus ensinou a amar, inclusive os inimigos e perdoar sempre. Numa sociedade profundamente Hierárquica, Jesus exaltou os humildes e disse que os menores são os maiores, que os últimos são os primeiros, que a glória mesmo é poder servir ao próximo. Em outras palavras, Jesus implodiu as relações de poder. Numa sociedade muito adulto cêntrica, ou seja, que despreza a infância, uma sociedade chata, indisposta ao riso e à brincadeira, Jesus disse que o reino de Deus pertencia justamente às crianças. Numa sociedade que odiava os estrangeiros, Jesus andou tranquilo e levemente por vários povos e culturas. Ele desconheceu fronteiras. Numa sociedade que tinha uma tradição religiosa conservadora, que achava que só se podia achar Deus no templo, Jesus viu a beleza de Deus em tudo quanto é tempo. Disse mesmo que o importante era buscar de coração, ou seja, ele retirou o poder do templo, retirou poder dos líderes religiosos que queriam ser gerentes do sagrado, ele democratizou e ampliou a experiência de Deus. Numa sociedade em que a tradição religiosa estava subordinada ao lucro, Jesus entrou no templo quebrando tudo e disse que ali não era lugar de comércio. Numa sociedade em que alguns territórios valiam mais que outros ou que pessoas valiam mais ou menos dependendo de onde moravam, Jesus nasceu na periferia, viveu na periferia e ficou na periferia até o fim. Justamente por estas razões, ele não teve chance de envelhecer. Jesus foi preso, torturado e assassinado pelo Estado a pedido dos líderes religiosos em nome da ordem. Jesus morreu como imoral, escandaloso, desviado, rebelde, desordeiro, herege. É esse Jesus que tantas vezes parte da igreja, em nome da ordem, tenta esconder, mas é esse o Jesus do Evangelho: revolucionário, subversivo.

Vídeo 10 - Pauta - Religião e Direitos Humanos

Descrição: vídeo publicado na rede social *Instagram* em 8 de setembro de 2020. Nele, o pastor discorre sobre branquitude, Deus e Jesus Cristo. Tempo do vídeo: 1min31s. **Disponível:** <https://www.instagram.com/tv/CE4Ts2Wp2HN/?igshid=1k6ofu8ws5dki> **Acesso em:** dezembro de 2020.

A branquitude construiu um Deus à sua imagem e à sua semelhança. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. E o ponto de vista sobre Deus da janela da casa grande colonial apresentou um deus que legitimou a escravidão e que legitima ainda o racismo cotidianamente. Essa janela patriarcal e racista projeta um deus que nada tem a ver com Jesus Cristo de Nazaré. O ponto de vista de Jesus foi o ponto de vista da periferia, foi o ponto de vista dos pobres, foi o ponto de vista dos oprimidos e oprimidas da história. Portanto, é melhor trocar a lente; portanto, é melhor trocar o enquadramento; portanto, é melhor romper com essa visão projetada da janela da casa grande contemporânea. É melhor ver Deus pelas janelas dos quilombos, das aldeias indígenas, das favelas, das periferias, porque esse é o lugar da história que melhor nos mostra Deus, seu compromisso com a justiça, seu grito em favor dos pobres, contra pobreza, em protesto contra a opressão. Não tem como falar em espiritualidade libertadora no Brasil sem romper com as mediações do racismo, sem romper com a projeção da casa grande colonial. Só a partir da negritude se percebe melhor Deus e seu compromisso com a efetiva justiça. Silêncio e neutralidade é continuar na janela da casa grande e, ali, não se enxerga Deus de verdade.

Vídeo 11 - Pauta - Religião e Direitos Humanos

Descrição: vídeo publicado no canal do pastor Henrique Vieira, no *Youtube*, em 19 de dezembro de 2019. Nele, o autor fala sobre o nascimento de Jesus e diálogo inter-religioso. Tempo do vídeo: 2min49s. **Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=5p0ryE-ge0w> **Acesso em:** setembro de 2020.

O Evangelho de Mateus fala da visita de magos do oriente à Jesus de Nazaré, quando menino, recém-nascido. Uma história cheia de mistério, fascínio e múltiplas interpretações ao longo da história. Magos, que olhando para a estrela - então, possivelmente, com conhecimento de astrologia -, foram seguindo essa estrela e chegaram exatamente ao local onde estavam José, Maria e o menino Jesus. Muito provavelmente eram sacerdotes da religião persa, o zoroastrismo, de uma tradição religiosa, portanto, bem diferente da tradição religiosa de José, Maria e de Jesus. O que eu quero chamar atenção? Que estes magos, a partir da sua expressão religiosa, do seu conhecimento do universo e da astrologia, chegaram lá celebraram, festejaram, foi uma troca, uma alegria partilha entre núcleos de tradições religiosas diferentes. Portanto, no contexto do nascimento de Jesus, tem diálogo inter-religioso, uma celebração. Vivemos um tempo tão estranho de intolerância religiosa, potencializada pelo racismo, pela perseguição, especialmente no Brasil, a mães e pais de santos. Toda matriz africana em sua espiritualidade sendo perseguida, condenada, tantas vezes por vozes que vêm do próprio cristianismo. Daí a gente olha para Bíblia, para vida de Jesus, não tem nada disso; tem a celebração da diversidade, tem o encontro entre os diferentes. O próprio nascimento de Jesus é uma prova disso: magos do oriente com seu conhecimento; a família de Jesus com sua tradição religiosa; e uma comunhão, uma troca, uma alegria, uma celebração. Portanto, quando você for comemorar o natal, se você for lembrar do nascimento de Jesus, lembre-se disso, no Evangelho não tem espaço algum para o preconceito e para intolerância. O próprio nascimento de Jesus já tem celebração do encontro e da diversidade. Fraternal abraço! Celebre! Feliz Natal.

Vídeo 12 - Pauta - Religião e Direitos Humanos

Descrição: vídeo publicado no *Instagram* do pastor Henrique Vieira, em 10 de outubro de 2020, com o tema “LGBTfobia é pecado”. Tempo do vídeo: 2min30s. **Disponível em:** <https://www.instagram.com/tv/CGKgPRmpOI2/?igshid=1swnpgmpdtm8s> **Acesso em:** dezembro de 2020.

É muito triste o peso que muitas igrejas impõem a LGBTs. Se pegam um texto bíblico, se descontextualiza o texto, se aplica esse texto às pessoas sem considerar sua individualidade, a sua singularidade, sem considerar o significado mais profundo da sexualidade, sem considerar na verdade que nem existe opção sexual, existe orientação sexual. E na prática se cria um ambiente de violência psíquica, de violência emocional, seletividade que exclui, que faz com que muitas pessoas sofram, fiquem amarguradas, não queiram mais a própria vida. Esse ambiente que ama mais o texto, isolado do que é a vida concreta, não tem nada a ver com a vida de Jesus. Precisamos ler a Bíblia entendendo o caldo cultural; precisamos ler a Bíblia tendo Jesus de Nazaré como parâmetro interpretativo; precisamos ler a Bíblia tendo o amor como experiência máxima e mais profunda de Deus. Precisamos abordar esse tema com essa

responsabilidade amorosa, para tirar esse peso de culpa, de punição, que promove tanto sofrimento em tantas pessoas. O que destrói uma família não é a orientação sexual de alguém, é a intolerância, é o preconceito, é a violência emocional e tantas vezes a violência física. LGBTfobia existe, pessoas são assassinadas por conta da sua orientação sexual. É isso que deveria escandalizar a igreja, fazer a igreja orar, fazer a igreja se pronunciar, para defender a dignidade humana, a integridade física e emocional das pessoas. Não ficar em silêncio, indiferente, achar que esse assunto não importa, porque as pessoas sofrem por causa do preconceito e da discriminação. E segundo à ética de Jesus está ao lado de quem é vítima de preconceito é o correto a se fazer e estabelecer uma ética de amor, de cuidado, de promoção da vida, de promoção da paz. Acredito que esse é um caminho de maior substancial bíblica, de maior sintonia com o espírito santo, de maior harmonia e coerência com a vontade de Deus revelada em Jesus.

Vídeo 13 - Pauta - Política

Descrição: vídeo publicado no canal do pastor Henrique Vieira, no *Youtube*, em 18 de novembro de 2018. Nele, o autor encoraja o seu público a permanecer forte, utilizando o discurso “Ninguém solta a mão de ninguém”. Tempo do vídeo: 2min58s. **Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=DHKCJJgNUQA> **Acesso em:** setembro de 2020.

Olá, gente! Nós estamos vivendo um momento delicado em nosso país, o avanço de um discurso de ódio, de violência, de desprezo à democracia e à dignidade humana. E eu tenho encontrado muitas pessoas marcadas pelo medo, pela ansiedade e, até mesmo, pela vontade de desistir. Em primeiro lugar, eu quero dizer que é importante a gente acolher a nossa própria dor e nosso próprio medo. É olhar para dentro e reconhecer a nossa finitude, a nossa fragilidade e tantas vezes o medo que atravessa o nosso coração. Respeitar a nossa própria fraqueza é sinal de generosidade com a gente mesmo, mas, para além disso, nós precisamos desenvolver nossa rede de afeto, de solidariedade e de amizade. Tem muitas pessoas nesse país que querem se fortalecer mutuamente, em laços de comunhão. E isso nos dá força para que nós possamos prosseguir. Ninguém solta a mão de ninguém. Ninguém está efetivamente sozinho; tem uma rede de resistência, de comunhão, de apego à democracia, de celebração da diversidade. Para além disso, eu quero fazer um convite a coragem. A coragem não é a superação do medo, não anula o medo. A coragem é seguir adiante, é fazer acontecer, mesmo com medo. Coragem para defender a democracia, defender os direitos humanos, defender a justiça social, defender as liberdades das pessoas. Coragem para que a gente possa levantar a cabeça, estufar o peito, ir para a rua e, com muito amor, defender um país justo, solidário e fraterno. E também a capacidade de escutar as pessoas, compreender as pessoas e não rotular as pessoas e, a partir desse convívio, a partir desse diálogo, a gente produzir as sínteses, produzir os caminhos para produção de um país melhor. Portanto, olhe para dentro, seja generoso consigo. Olhe para o lado, você tem uma rede de afetos, de amizades e comunhão. Olhe para cima e para frente, coragem para a gente resistir e avançar. E também humildade para ouvir as pessoas, respeitar as pessoas e lidar bem com as diferenças. Somos aqueles e aquelas que defendem a boa política, aquela feita com escuta, para a promoção da paz, da dignidade humana, a defesa dos pobres,

da justiça social e a celebração da diversidade. Você não está só, ninguém solta a mão de ninguém! Vamos em frente arrancar alegria ao futuro.

Vídeo 14 - Pauta - Política

Descrição: vídeo sobre os discursos de Bolsonaro veiculado pelo canal *Mídia Ninja*, no *Youtube*, em 11 de maio de 2018. Tempo do vídeo: 4min51s. **Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=7gfK6bssjHE> **Acesso em:** dezembro de 2020.

Os discursos de Bolsonaro são incompatíveis com o Evangelho, com os ensinamentos de Jesus. Ele disse para deputada Federal Maria do Rosário que não a estupraria porque ela não merece. Uma fala de ódio às mulheres, de desprezo às mulheres, que naturaliza uma violência tão perversa que provoca tanto trauma como o estupro. Recentemente, ele também falou que visitando uma comunidade quilombola, o afrodescendente mais leve que ele encontrou lá pesava sete arrobas, que é uma medida utilizada, por exemplo, para medir o peso de bois. Também disse que lá as pessoas não faziam nada, que nem para procriar serviam mais. Uma fala racista que despreza as lutas das comunidades quilombolas. Toda a luta histórica do povo negro contra a escravidão e pela liberdade. Em outro momento, ele disse que a PM deveria ter matado mil, não 111 presos no chamado Massacre do Carandiru. Uma fala que também despreza as pessoas que estavam lá. Fico lembrando de Jesus dizendo, quando eu estive preso você foi me visitar. É um texto bíblico em que Jesus demonstra compaixão e solidariedade também com as pessoas que estão privadas de liberdade. Em outro momento, Bolsonaro diz que não amaria um filho homossexual e que preferiria que ele morresse de acidente do que viesse a aparecer em casa com um bigodudo, ou seja, uma fala que hostiliza LGBTs, uma fala também preconceituosa. Também disse, que o erro da ditadura foi ter torturado e não matado, naturalizando uma violência tão perversa. Com sinceridade, o que estas falas tem a ver com o Evangelho, com os ensinamentos de Jesus? Jesus ensinou a amar sem condições, Jesus não estimulou a vingança, mas o perdão e a reconciliação. Jesus andou com as pessoas oprimidas, descartadas, humilhadas da sua sociedade. Jesus impediu processos de execução, de achincalhamento. Jesus foi preso, vítima de tortura... um monte de gente xingando, demonstrando ódio contra ele. E mesmo morrendo de forma violenta, Jesus não desejou mal aos seus algozes, aos seus torturadores, porque o evangelho tem a ver com vida, com dignidade, com respeito, com o amor como princípio ético. Então, as falas de Bolsonaro representam o contraponto à proposta de Jesus. Bem, você pode pensar, mas Henrique você está dizendo isso por causa das suas preferências políticas. Eu quero dizer para você, eu estou dizendo isso por causa da minha consciência diante do Evangelho. Eu não acho errado que pastores, pastoras, lideranças religiosas tenham suas preferências políticas. Não há neutralidade! A questão é ter coerência, é ter integridade, é não controlar as igrejas e os púlpitos, é respeitar a liberdade de consciência dos participantes das nossas igrejas. Na minha igreja, por exemplo, o estudo bíblico é compartilhado, várias pessoas diferentes pregam, porque pastorear não é controlar, é caminhar junto; não é impor, é compartilhar o evangelho. Ah, você também pode dizer que a igreja não tem que tomar posição. Eu vou te dizer o seguinte: a igreja não deve se submeter a uma pauta partidária ou ideológica, mas diante das injustiças, ela deve sempre tomar o lado e posição das vítimas, das pessoas que sofrem. Então, essa deve ser a dimensão da igreja de

Jesus: entender que o evangelho está acima de qualquer ideologia. Que a igreja como corpo, movimento e instituição, não pode se submeter a um ou outro partido, mas diante de falas de violência, que achincalham o ser humano e naturalizam o sofrimento, que estimulam o ódio, que incentivam práticas de violência; a igreja precisa, sim, com muita consciência, maturidade, à luz do Evangelho, ter posição, em nome do Evangelho lá de Jesus; é preciso dizer que as falas de Bolsonaro provocam ódio, são falas fascistas, contrárias ao espírito, ao testemunho, aos ensinamentos de Jesus.

Vídeo 15 - Pauta - Política

Descrição: vídeo publicado no *Instagram* do pastor Henrique Vieira, em 17 de novembro de 2020, com o tema “Fé, política e minha participação nas eleições”. Tempo do vídeo: 2min23s.

Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CHsUtDQJi0P/?igshid=122czd89ei67v>

Acesso em: dezembro de 2020.

Eu sou pastor, discípulo de Jesus de Nazaré, militante político, ativista dos direitos humanos, da luta antirracista. E, sim, eu procuro participar ativamente do processo eleitoral. Algumas observações são importantes. Primeira, eu defendo a separação entre igreja e Estado, defendo o Estado laico, aquele que respeita a pluralidade de crenças religiosas e também a não crença religiosa. Segundo, eu acredito que a igreja enquanto instituição deve ser autônoma diante de partidos, Estado e outras instituições. Terceiro, eu acredito que a igreja deve zelar e muito pela liberdade de consciência, pensamento, expressão e voto dos seus fiéis, dos irmãos e das irmãs que fazem parte das comunidades. Quarto, autonomia diante de instituições não significa neutralidade diante das injustiças. Acredito que as igrejas devem sempre se colocar ao lado dos pobres, dos oprimidos, daqueles e daquelas que são vítimas de injustiças. Quinto, eu tenho uma militância que deriva da minha fé e ela não me faz querer uma país que seja extensão da minha igreja, eu não quero um país cristão. Eu quero um país justo socialmente, democrático. Eu quero uma país que não tenha fome, miséria. Eu quero um país em que os terreiros de matriz africana não sejam invadidos, em que os indígenas não sejam perseguidos, em que as mulheres não sejam violentadas, em que LGBTs possam se amar de verdade, ou seja, a minha fé não é um projeto de poder. Eu quero tá do lado de todo mundo que deseja construir um país de justiça, de igualdade, de solidariedade. Esse é o sentido da minha prática pastoral militante. É a serviço da democracia, do Estado laico, do respeito à diversidade, da justiça social. Quando a fé vira projeto de poder, ela oprime, mas quando a fé atua pelo amor ela se coloca ao lado da vida para produzir justiça, produzir igualdade. Esse é o sentido e o critério da minha militância. Fraternal abraço!

Vídeo 16 - Pauta - Política

Descrição: vídeo publicado no *Instagram* do pastor Henrique Vieira, em 26 de novembro de 2020, em apoio ao candidato à prefeitura da cidade de São Paulo, Boulos. Tempo do vídeo: 1min29s.

Disponível

em:

<https://www.instagram.com/tv/CIDSI6pNiW/?igshid=59mf49zvehrq> **Acesso em:** dezembro de 2020.

Eu sou cristão e, se eu morasse em São Paulo, eu votaria em Guilherme Boulos para prefeito. Eu vejo na vida do Boulos, eu vejo na sua caminhada, nas suas escolhas, nos seus princípios, no seu compromisso com o povo, com os pobres, com a dignidade humana, com a democracia, valores do evangelho de Jesus. Eu compartilho isso, respeitando sua liberdade de consciência, de pensamento e de voto. Mas quero com alegria dizer que a partir da ética do evangelho eu identifico, na vida do Boulos e na campanha do Boulos e na construção coletiva que ele representa, princípios do evangelho, sede e fome de justiça, compromisso com a dignidade humana, respeito à diversidade, cultura de genuína paz, compromisso com os pobres, busca pela justiça social. Sim, contra o *fakenews*, o ódio, a violência, intolerância, acredito que a favor de uma cidade justa, solidária e fraterna em São Paulo. A partir da ética do evangelho, eu votaria 50.

Vídeo 17 - Pauta - Política

Descrição: vídeo publicado no *Instagram* do pastor Henrique Vieira, em 18 de novembro de 2020, em apoio ao candidato à prefeitura da cidade de São Paulo, Boulos. Tempo do vídeo: 1min08s. **Disponível em:** <https://www.instagram.com/tv/CHvbUvIpNJO/?igshid=f9nv1997s97b> **Acesso em:** dezembro de 2020.

Sabe, gente, eu tenho muito medo do extremismo, viu? E eu acho o Bruno Covas muito extremista. Essa lógica do mercado acima de tudo, o mercado resolve todas as coisas, o mercado promove o bem da sociedade, o mercado, o mercado... Isso vira um fanatismo, uma relação com Dória, com setores perigosos, ultraconservadores, eu tenho um certo medo. Prefiro uma coisa mais sensível, mais popular, mais preparada, mais competente, com a capacidade de diálogo, que coloca a vida acima do lucro. Bem, Guilherme Boulos e Erundina me mostram um bom-senso, razoabilidade, competência, compromisso com o povo, com os pobres e a vida acima de tudo. Eu acho essa lógica que fica idolatrando o mercado, privatizando tudo, explorando o povo, isso é extremismo demais. Não, prefiro uma coisa mais segura, mais experiente, mais competente, mais popular. Em São Paulo, Boulos e Erundina contra o extremismo do mercado.

Vídeo 18 - Pauta - Política

Descrição: vídeo publicado no *Youtube*, no canal do programa Esperançar, em 24 de fevereiro de 2016, com o tema “Pelo fim da Bancada Evangélica”. Tempo do vídeo: 5min47s. **Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=ZBAz6Vfhajc> **Acesso em:** dezembro de 2020.

Eu não faço parte da bancada evangélica, eu não faria parte de qualquer bancada evangélica, eu quero explicar isso. Primeiro por uma questão de princípio. Eu não estou no parlamento, no caso na Câmara Municipal de Niterói, a partir de um recorte de uma denominação ou de uma instituição religiosa. Meu recorte é outro. Primeiro é o recorte de classe para defender a pauta

dos trabalhadores e das trabalhadoras. E também o recorte das opressões para denunciar as opressões que impõem sofrimento a diversos setores sociais em nossa sociedade. Acho que esse é o recorte geral que dá sentido ao mandato: enfrentar os problemas derivados da sociedade capitalista; enfrentar os arranjos culturais que impõem preconceito, preconceito que leva sofrimento às pessoas. O mandato ele tem um sentido ministerial, militante e serve à medida que serve a essas pautas de justiça, à medida que denuncia o poder estabelecido que oprime, à medida que vocaliza os movimentos populares e as lutas contra-hegemônicas, que contribui com a auto-organização do povo para a construção de um poder popular efetivamente democrático. Um mandato serve à medida que ajuda a garantir e ampliar direitos para as pessoas. É importante fazer esse resumo de princípios justamente para dizer que não se trata de estar no parlamento para defender uma determinada instituição religiosa. Não se trata desse intento ou desse objetivo. O mandato serve à medida que concretiza pautas de justiça. Eu sou cristão, eu sou pastor, eu tenho Jesus como o meu salvador e como a minha referência, mas eu me sinto concretizando o conteúdo e o sentido da minha fé à medida que eu luto por justiça e pela humanidade. Não à medida em que eu defendo necessariamente uma determinada institucionalidade, por isso que eu não vejo sentido na existência de uma bancada evangélica, me parece no fundo que é a disputa do poder pelo poder, não me organizo a partir desse critério. Eu me junto com gente de diferentes crenças e de não crença a partir dessa causa comum de transformação real da sociedade para que ela seja justa, solidária, fraterna, verdadeiramente livre. Agora, além de ser uma questão de princípio, eu também tenho que dizer taxativamente o que significa essa bancada evangélica no Congresso Nacional. É uma bancada extremamente conservadora, que constitui um problema, um impedimento, um obstáculo à garantia de direito às minorias, setores historicamente massacrados. É uma bancada que fecha acordos sistematicamente com a bancada ruralista e com a bancada da bala, formando um bloco de poder que reproduz as injustiças históricas do nosso país. É uma bancada que fica em silêncio, insensível diante dos dramas que verdadeiramente afligem e maltratam o nosso povo, como a desigualdade social aviltante, a concentração de poder, propriedade, renda e riqueza em pouquíssimas mãos, a fome crônica que afeta milhares de brasileiros e brasileiras que vivem abaixo da linha da pobreza, os conflitos agrários que massacram os sem-terra, os conflitos urbanos que massacram os sem-teto, o Estado punitivo e violento que massacra negros, pobres, moradores de favelas e periferias. A bancada evangélica simplesmente se silencia diante desses dramas e fecha acordos com grupos de poder para defender uma moralidade vazia, hipócrita, insensível diante dos sofrimentos que realmente o corpo dos brasileiros e das brasileiras sofre, por isso eu não participo de uma bancada evangélica por uma questão de princípio e não participaria pelo que ela significa concretamente. Mas, vamos lançando sementes de esperança, de uma fé genuína, libertária e emancipadora, voltada para o bem comum, para defender a democracia verdadeira, a laicidade generosa, a justiça econômica que acaba com as gerações de exploração, e a diversidade como riqueza a ser acolhida. Nós não vamos vencer reproduzindo os métodos de ódio dessa bancada. Nosso método é outro, nosso caminho é outro. E, sem esse recorte institucional, que lá de cima e aqui dentro, Deus olhe para nossa caminhada e se alegre com os nossos passos.